



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI - UFCA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA - PPGB**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA – MPB**

**RAFAELLE GLEICE DOS SANTOS**

**PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS:  
PROPOSIÇÃO DE UM MODELO PARA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR  
DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)**

**JUAZEIRO DO NORTE**  
**2018**

RAFAELLE GLEICE DOS SANTOS

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: PROPOSIÇÃO  
DE UM MODELO PARA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DO MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO (MEC)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

**Área de Concentração:** Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea.

**Linha de Pesquisa:** Produção, Comunicação e Uso da Informação.

**Orientador:** Prof. Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva

JUAZEIRO DO NORTE  
2018

## Ficha Catalográfica

S237p Santos, Rafaelle Gleice dos

Perspectivas de atuação em Bibliotecas Universitárias: proposição de um modelo para avaliação do ensino superior do Ministério da Educação (MEC) / Rafaelle Gleice dos Santos. – 2018.

165 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva

Cópia de computador (*printout*)

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Juazeiro do Norte, 2018.

1. Avaliação de ensino superior. 2. Bibliotecas Universitárias - Modelo de avaliação. 3. INEP/MEC. 4. Bibliotecário. I. Silva, Jonathas Luiz Carvalho. II. Título.

CDD 027.7

RAFAELLE GLEICE DOS SANTOS

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: PROPOSIÇÃO  
DE UM MODELO PARA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DO MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO (MEC)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

**Área de Concentração:** Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea.

**Linha de Pesquisa:** Produção, Comunicação e Uso da Informação.

**Orientador:** Prof. Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

---

Profa. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino (Membro Interno)  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

---

Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias (Membro Externo)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

JUAZEIRO DO NORTE

2018

Dedico a **Deus** pela minha vida e sabedoria para conduzir esse estudo.

Aos meus pais, **João e Marta**, pela proteção, apoio e amor imensurável.

Ao meu amor, **Felipe Egídio**, companheiro e dono do meu coração.

Ao meu avô, **Antonio de Duque**, *in memoriam*.

## AGRADECIMENTOS

À Deus por me amar e me mostrar o tempo todo o quanto sou capaz para conseguir realizar os meus sonhos.

À Santíssima Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo e de todos nós, que sempre rogo, imploro nas minhas súplicas e sou atendida.

Em particular a Santa Rita de Cássia e Santo Expedito, Santos da minha devoção.

Aos meus pais, João e Marta, que são base da minha vida terrena. Meus maiores incentivadores e apoiadores em todos os meus projetos de vida.

À minha irmã Fernanda, sobrinha Clarissa e cunhado Saulo, pelo carinho e por tornar meus dias mais felizes.

Ao meu namorado, Felipe Egídio, pelo companheirismo, paciência e amor dedicado.

Ao meu orientador, Jonathas Carvalho, primordial para o construto desse estudo, pela confiança depositada e por acreditar que posso alavancar e galgar muitos caminhos. Agradeço a parceria.

Ao meu avô, Antonio de Duque, que ao longo desde estudo nos deixou para a morada com o Pai.

À minha irmã e ao cunhado de coração, Daniele e Samuel, pela solidariedade, parceria e apoio necessário desde a seleção desta etapa até a conclusão. Sempre comigo.

À minha amiga Isadora Maria pelos conselhos, cuidado e carinho prestados diariamente.

Aos meus amigos e professores do mestrado do PPGB – UFCA, pelos ensinamentos, trocas de experiências e todo aprendizado adquirido durante esse período.

À minha amada equipe integrante da Biblioteca João Paulo II da Faculdade Paraíso – FAP, pela compreensão, auxílio e dedicação em suas tarefas e responsabilidade durante minhas ausências.

À Faculdade Paraíso – FAP por permutar alguns horários em apoio às aulas teóricas. Obrigada.

E a todas as pessoas que circulam a minha vida, de forma direta e indireta, agradeço-as pela amizade, confiança e consideração

**“Deus é bom o tempo todo.  
O tempo todo Deus é bom.”**

Deus não está morto (2014).

## RESUMO

Aborda a avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Ministério da Educação (INEP/MEC) em bibliotecas universitárias, contextualizando com as formas de avaliação no Brasil, em especial, no âmbito da educação superior. A questão central da pesquisa está definida em: como elaborar um modelo de atuação para que a biblioteca universitária esteja apta a cumprir com excelência os requisitos estabelecidos pelo MEC? Desse modo, apresenta o objetivo geral propondo investigar os procedimentos aplicativos do INEP/MEC em bibliotecas universitárias, visando à proposição de um modelo estratégico de atuação que subsidie os bibliotecários no processo de avaliação. Os objetivos específicos estão pautados em discutir sobre o processo de avaliação da educação superior no âmbito das bibliotecas universitárias, abordar as diversas concepções e procedimentos de atuação em bibliotecas universitárias, identificar padrões de ação e atuação dos bibliotecários destes ambientes informacionais em relação às avaliações do INEP/MEC, descrever como ocorre o processo de avaliação do INEP/MEC nas IES nos processos estruturais, acadêmicos (ensino, pesquisa, extensão) e pessoas (corpo docente e técnico-administrativo), e formular um modelo de atuação para as bibliotecas universitárias no contexto da avaliação do INEP/MEC. A metodologia definida para a pesquisa está baseada na seguinte taxonomia: quanto aos fins (pesquisa descritiva) e quanto aos meios (bibliográfica e documental). Apresenta abordagem qualitativa, o método aplicado constitui o compreensivo/hermenêutico e utiliza o questionário semiaberto como técnica de coleta de dados. Conclui que, diante do referencial posto nesse estudo, e dos resultados obtidos nas análises dos dados, a construção do modelo proposto que é constituído com as suas ações programáticas (pragmáticas, institucionais, gerenciais estratégicas e gerenciais de pessoal) torna aos bibliotecários de bibliotecas universitárias à realização de avaliações mais precisas e seus processos mais eficientes.

**Palavras chave:** Avaliação de ensino superior. Bibliotecas Universitárias– modelo de avaliação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/Ministério da Educação – MEC. Bibliotecário.



## ABSTRACT

It addresses the evaluation of the National Institute of Educational Studies and Research Anísio Teixeira / Ministry of Education (INEP / MEC) in university libraries, contextualizing with the forms of evaluation in Brazil, especially in the scope of higher education. The central question of the research is defined in: how to elaborate a model of action so that the university library is able to fulfill with excellence the requirements established by the MEC? Thus, it presents the general objective of investigating the application procedures of INEP / MEC in university libraries, aiming at proposing a strategic model of action that subsidizes the librarians in the evaluation process. The specific objectives are to discuss the process of evaluation of higher education in university libraries, to address the different conceptions and procedures of action in university libraries, to identify patterns of action and the performance of the librarians of these informational environments in relation to the INEP (MEC), describe how the INEP / MEC evaluation process in HEIs in the structural, academic (teaching, research, extension) and people (faculty and technical-administrative) processes takes place, and formulate a model for the university libraries in the context of the INEP / MEC evaluation. The methodology defined for the research is based on the following taxonomy: the purposes (descriptive research) and the means (bibliographic and documentary). It presents a qualitative approach, the applied method is the comprehensive / hermeneutic and uses the semi-open questionnaire as a data collection technique. It concludes that, in view of the referential set forth in this study, and of the results obtained in the data analysis, the construction of the proposed model that is constituted with its programmatic actions (pragmatic, institutional, strategic management and personnel management) makes librarians of university libraries more accurate assessments and more efficient processes.

**Key words:** Evaluation of higher education. University Libraries - evaluation model. National Institute for Educational Studies and Research Anísio Teixeira-INEP/Ministry of education – MEC. Librarian.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificações dos critérios de avaliação .....	26
Quadro 2 - Critérios de análise – Instalações físicas da biblioteca .....	34
Quadro 3 - Critérios de análise – Acervo .....	35
Quadro 4 - Critérios de análise – Funcionamento, serviços e colaboradores.....	39
Quadro 5 – Características do mercado informacional .....	41
Quadro 6 - Indicadores de análise - Biblioteca.....	50
Quadro 7 - Instrumentos de avaliação - Biblioteca .....	52
Quadro 8- Indicadores .....	55
Quadro 9 – Contribuições da biblioteca universitária para as práticas de pesquisa.....	72
Quadro 10 - Naturalidade e a Instituição que os bibliotecários pertencem .....	87
Quadro 11 – Regiões dos bibliotecários respondentes .....	89
Quadro 12 - Avaliações internas recebidas pela Biblioteca Universitária .....	93
Quadro 13 – Avaliações externas nas IES.....	94
Quadro 14 - Elementos necessários na avaliação do INEP/MEC .....	101
Quadro 15 – Sugestões para a Biblioteca Universitária se adaptar melhor na avaliação do INEP/MEC .....	102
Quadro 16 – Sugestões sobre os critérios de avaliação do MEC INEP/MEC.....	103
Quadro 17 – Participação de bibliotecários nas comissões que elaboram as avaliações do INEP/MEC .....	105

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Etapas de avaliações em Instituições de Ensino Superior.....	31
Figura 2 - Bibliografia básica por unidade curricular.....	56
Figura 3 - INEP .....	77

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero.....	85
Gráfico 2 - Idade.....	85
Gráfico 3 – Escolaridade .....	86
Gráfico 4 – Quantas avaliações do INEP/MEC recebeu .....	90
Gráfico 5 – Nível de relevância considera sobre avaliação em BU .....	91
Gráfico 6 – Apoio que a biblioteca universitária recebe da IES .....	92
Gráfico 7 – Nível de relevância sobre o impacto da avaliação do INEP/MEC em BU .....	96
Gráfico 8 – Acesso ao PDI da IES e aos processos de credenciamento, autorização, reconhecimento, renovação dentre outros. ....	97
Gráfico 9 – Conhecimento da dimensão Instalações Físicas do Manual de Verificação <i>in loco</i> e instrumentos da BU .....	98
Gráfico 10 – Práticas da biblioteca as quais trabalham que mais consideram ser relevante....	99
Gráfico 11 – Setores da BU que mais contribuem para uma melhor avaliação do INEP/MEC	100

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AACR2** - Código de Catalogação Anglo-Americano
- ACO** - Avaliação das Condições de Oferta
- ADM** – Administração
- ALA** – American Library Association
- BASIS** - Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
- BU** – Biblioteca Universitária
- BU's** – Bibliotecas Universitárias
- CAC** - Contexto Acadêmico
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CBO** - Classificação Brasileira de Ocupações
- CBPE** - Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
- CDD** – Classificação Decimal de Dewey
- CDU** – Classificação Decimal Universal
- CEA** - Comissão Especial de Avaliação
- CNRES** - Comissão Nacional de Reforma do Ensino Superior
- CONAES** - Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior
- CPA** - Comissão Própria de Avaliação
- CTAA** - Comissão Técnica de Acompanhamento da Avaliação
- DAEB** – Diretoria de Avaliação da Educação Básica
- DAES** - Diretoria de Avaliação da Educação Superior
- DEED** - Diretoria de Estatísticas Educacionais
- DGP** - Diretoria de Gestão e Planejamento
- DIRED** - Diretoria de Estudos Educacionais
- DSI** - Disseminação Seletiva da Informação
- DTDIE** - Diretoria de Tecnologias e Disseminação de Informações Educacionais
- ENADE** - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
- ENC** - Exame Nacional de Cursos
- Encceja** – Exame Nacional para certificação de competências (para jovens e adultos)
- ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio
- FDC** - Formação, desenvolvimento e processamento técnico das coleções
- GERES** - Grupo para a Reformulação da Educação Superior

**IES** – Instituição de Ensino Superior

**INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

**MBA** - Master in Business Administration

**MEC** – Ministério da Educação

**NDE** - Núcleo Docente Estruturante

**PAIUB** - Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras

**PARU** - Programa de Avaliação da Reforma Universitária

**PDI** - Plano de Desenvolvimento Institucional

**PNE** - Plano Nacional de Educação

**RBEP** - Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos

**RH** – Recursos Humanos

**Saeb** – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

**SAU** - Serviços de atenção ao usuário

**Sediae** - Secretaria de Avaliação e Informação Educacional

**SESu** - Secretaria de Educação Superior

**SINAES** - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

**UFBA** - Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: PERCEPÇÕES E ABORDAGENS NO ÂMBITO DA AVALIAÇÃO</b> .....	19
2.1 A avaliação do Ensino Superior: uma abordagem conceitual .....	23
2.2 Reflexões sobre os Programas de Avaliações nas Instituições de Ensino Superior .....	27
2.3 A avaliação do MEC em Bibliotecas Universitárias .....	30
2.4 O papel do bibliotecário na IES e sua atuação frente à avaliação do INEP/MEC .....	40
<b>2.4.1 Ações, modelos e estratégias de atuação para avaliação do INEP/MEC em bibliotecas universitárias: análise de alguns instrumentos.....</b>	<b>47</b>
<b>3 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO AMBIENTE INFORMACIONAL, EDUCACIONAL E CULTURAL</b> .....	<b>59</b>
3.1 O fazer da Biblioteca Universitária no contexto acadêmico .....	63
3.2 A atuação da Biblioteca Universitária .....	68
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>77</b>
4.1 Caracterização do Objeto.....	77
4.2 Sujeitos da Pesquisa .....	80
4.3 Caracterização do Estudo .....	80
4.4 Instrumentos de Coleta de Dados .....	82
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>84</b>
5.1 Dados dos Questionários .....	84
<b>5.1.1 Dados dos questionários aplicados aos bibliotecários de bibliotecas universitárias</b>	<b>84</b>
<b>6 ELEMENTOS PARA FORMULAÇÃO DO MODELO DE ATUAÇÃO PARA AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO DO INEP/MEC</b> .....	<b>107</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>113</b>
APÊNDICE A - Modelo de atuação para as Bibliotecas Universitárias no contexto da avaliação do INEP/MEC .....	122
APÊNDICE B - Questionário Aplicado Para Bibliotecários De Bibliotecas Universitárias .....	155
ANEXO A - Programação das atividades para avaliação de Autorização do Curso Superior Bacharelado em IES .....	160

## 1 INTRODUÇÃO

A difusão do sistema de ensino superior no Brasil vem ao longo do tempo se transformando. À medida que surgem novos parâmetros para a sua eficácia, surgem também mais exigências por parte dos órgãos fiscalizadores. A população, nacionalmente, vem tendo mais oportunidades na inserção do ensino superior, elevando assim as estimativas de qualificação do país.

Entende-se de maneira consensual que a educação superior interfere diretamente no seio da sociedade brasileira por ser elemento partícipe na formação dos profissionais dos mais variados campos do conhecimento, assim como no crescimento das áreas administrativas, econômicas, científicas, sociais e culturais. Dessa forma, a qualidade do ensino e dos serviços prestados pelas Instituições de Ensino Superior (IES), é fundamental para que se possibilite uma evolução intelectual da população, e por sua vez, amplie as possibilidades de atuação das pessoas.

Os diversos setores e sujeitos que constituem o universo organizacional das instituições de ensino superior (secretarias, diretorias, departamentos, setores financeiros ou de licitações, laboratórios e a biblioteca), atuam de maneira integrada, e possuem a função de desenvolver a instituição com base na severidade, responsabilidade e compromisso.

Nesse sentido, a biblioteca universitária como parte integrante de uma IES é de extrema importância para a construção do ensino, pesquisa e extensão de qualidade, promovendo assim o crescimento intelectual e o espírito científico e reflexivo da instituição.

Aprioristicamente, a biblioteca universitária, cuja função precípua está em prover os seus usuários de informações passíveis de suprir ou amenizar as suas necessidades, gerar conhecimento e promover a inovação científica, tem como papel também oferecer à sua comunidade, serviços de informação capazes de propiciar a construção de conhecimentos científico e tecnológico e, apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Assim, neste estudo adotou-se como pressuposto teórico, que a biblioteca universitária é institucionalmente um dos principais suportes para o desenvolvimento das atividades acadêmicas.

As Bibliotecas Universitárias (BU's) favorecem o processo de diálogo e interação entre os diversos atores envolvidos em diferentes momentos, com discussões e trocas de informações, efetivadas por meio de serviços, da produção, disseminação e por atividades sociais, tecnológicas, culturais e técnicas, atuando como um macro espaço de produção e compartilhamento do conhecimento.



O escopo proposto para este estudo compreende o intento em abordar de maneira teórico-prática, a avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)/Ministério da Educação Brasileira (MEC) em bibliotecas universitárias, interpelando em um contexto baseado em análises dos indicadores do órgão e associando-as com percepções teóricas de autores da área da Biblioteconomia que versam sobre a temática.

A partir desses argumentos, considera-se para este estudo a necessidade de discussão para além dos conceitos base sobre biblioteca universitária, seus serviços/produtos, a sua forma de atuação e de como é percebida pela sociedade acadêmica, pois, há uma premente necessidade em tratar sobre esse tema, tendo em vista a prática e a postura de atuação do bibliotecário em visitas de comissões de avaliação do INEP/MEC, nesse tipo de ambiente informacional em lidar com um modelo que estabeleça processos e determine ações voltadas para uma avaliação com excelência.

Nesse aspecto, essa dissertação está fundamentada com o objetivo de unir a relação de interesses nos estudos sobre as bibliotecas universitárias, enfocando nas avaliações que ela recebe de comissões do INEP/MEC, analisando assim, os instrumentos que são postos por esse órgão, e propondo por meio de teorias e estudos pautados também por outros autores, a necessidade de haver uma reformulação na construção de novos indicadores.

Baseados no contexto das avaliações realizadas por comissões de avaliação do INEP/MEC em bibliotecas universitárias e nas questões apresentadas é que se define o questionamento central da pesquisa, que busca investigar: **como estruturar um modelo de atuação para que a biblioteca universitária esteja apta a cumprir com excelência os requisitos estabelecidos pelo INEP/MEC?**

As justificativas que norteiam a proposta da pesquisa estão fundamentadas em aspectos acadêmico-científicos; sociais; pessoais e institucionais, apresentados na sequência:

- a) acadêmico-científicos: referem-se à pertinência deste estudo para a Biblioteconomia, Ciência da Informação e campos do conhecimento em que a temática mantenha diálogo próximo, ensejando identificar como se dá as avaliações realizadas por comissões do INEP/MEC em bibliotecas universitárias, focalizando a proposta de um modelo capaz de atender as necessidades profissionais, no caso dos bibliotecários e também dos próprios representantes do INEP;
- b) social: a relevância do estudo nesse aspecto se dá no tocante ao aprimoramento dos modelos, guias, reflexões sobre as avaliações do INEP/MEC em BU's que se estabelecem na literatura científica, em que a partir de um modelo constituído é

possível evitar obstáculos na atuação do bibliotecário frente aos processos avaliativos em suas bibliotecas. A proposta da pesquisa influenciará nas atividades cotidianas dos indivíduos e nas ações operacionais das bibliotecas universitárias, agregando maior valor aos serviços que são oferecidos, as suas políticas e projetos resultando assim em eficiência e qualidade, principalmente no fazer bibliotecário;

- c) pessoal: a proposta de realização do estudo suscitou inicialmente da instigante ausência de modelos específicos tanto de reflexões sobre os instrumentos que o MEC avalia as bibliotecas universitárias, quanto de propostas de novos indicadores para melhores avaliações. Também, e principalmente, o interesse do pesquisador em desvendar os meandros dos processos de avaliação, cuja importância considera inestimável para a Biblioteconomia, pois, permitirá vislumbrar um futuro mais promissor para essas temáticas e atuações mais eficazes;
- d) institucional: esse estudo busca contribuir com as bibliotecas universitárias de instituições de ensino superior, além de subsidiar o estabelecimento teórico do Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri.

Baseados nos argumentos aduzidos ao longo da introdução são estabelecidos agora o caminho principal do estudo a ser traçado, por meio do objetivo geral e dos objetivos específicos. A pesquisa proposta tem como objetivo geral investigar os procedimentos aplicativos do INEP/MEC em bibliotecas universitárias, visando à construção de um modelo estratégico de atuação que subsidie os bibliotecários no processo de avaliação.

Os objetivos específicos se definem em:

- a. Discutir sobre o processo de avaliação da educação superior no âmbito das bibliotecas universitárias;
- b. Abordar as diversas concepções e procedimentos de atuação em bibliotecas universitárias;
- c. Identificar padrões de ação e atuação dos bibliotecários desses ambientes informacionais em relação às avaliações do INEP/MEC;
- d. Descrever como ocorre o processo de avaliação do INEP/MEC nas IES nos processos estruturais, acadêmicos (ensino, pesquisa, extensão) e pessoais (corpo docente e técnico-administrativo);
- e. Formular um modelo de atuação para as bibliotecas universitárias no contexto da avaliação do INEP/MEC.

Com base nesses objetivos, esta dissertação busca discutir conteúdos relevantes para as bibliotecas universitárias, que por sua vez, são fiscalizadas, avaliadas e analisadas constantemente por comissões do INEP/MEC – fator que é de suma importância para um bom andamento do ensino superior, pautado em oferecer recursos necessários para o desenvolvimento das atividades acadêmicas-científicas de sua comunidade.

Portanto, levando em consideração a grandeza do tema abordado, este estudo está subdividido em 4 (quatro) seções bem definidas: os dois pontos iniciais envolvem temáticas que subsidiam o referencial teórico da pesquisa, na sequência apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados e, por fim, a análise, discussão dos resultados, proposta do modelo e considerações finais.

Assim, a primeira seção é pautada em discutir a educação superior no Brasil de modo a referenciar alguns intelectuais que trabalham com essa temática e sopesar os processos de tramitação do ensino superior, realizando uma análise histórica desde a época da vinda da corte portuguesa ao país até chegarmos à ascensão das graduações e pós-graduações que existem atualmente. É uma seção que busca o entendimento real dessas transformações, tratando as IES como ambientes os quais estabelecem propósitos de oferecer à sociedade conhecimento científico, tecnológico e profissional, propiciado por ações como o ensino, a pesquisa, a extensão e a cultura.

As subseções pertencentes a esse eixo teórico são transcorridas pela avaliação do ensino superior e, nesse raciocínio, são pautadas as discussões sobre conceitos de avaliação, as classificações dos critérios de avaliação e como suas práticas interferem diretamente nas atividades das IES. Estas por sua vez, sendo parte exigida pelo MEC em muitos processos que envolvem o ensino superior.

A subseção em sequência aborda as reflexões sobre os programas de avaliações nas IES, explicitadas em 7 (sete) programas e políticas, os quais foram vinculados ao Governo Federal por meio do MEC, onde tiveram grande respaldo no contexto da academia, avaliando o ensino de modo geral, cursos, docentes e discentes. Um dos programas que foi enfatizado consiste no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), tendo como seu foco avaliar as IES por meio do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Essa avaliação é uma das mais contundentes nos resultados de avaliações realizadas por discentes, pois diagnostica notas e conceitos, além de envolver visitas pelos próprios representantes do INEP/MEC.

Em seguida é apresentada a subseção sobre o papel do Bibliotecário numa IES e a sua atuação frente às visitas do INEP/MEC. Interage com as subseções anteriores procurando

situar o bibliotecário como peça fundamental para o desenrolar de todos os processos, quando se trata de avaliação das BU's. Discute sobre a dimensão 4 do Manual de Verificação *in loco* das condições institucionais que trata das Instalações Físicas, onde dentro desse indicador encontra-se as avaliações dos instrumentos da biblioteca (espaço físico, acervo e serviços). Estes por sua vez, são relatados e explicados de acordo com o manual.

Dando continuidade a essa subseção, são apresentadas as ações, modelos e estratégias de atuação para avaliação do INEP/MEC em bibliotecas universitárias. A mola propulsora desse tema foram as citações de alguns autores que estudam sobre as avaliações do INEP/MEC em BU's, tendo outra visibilidade sobre os instrumentos atuais que são aplicados. Modelos, sugestões, críticas e dicas de atuação foram expostas e ressaltadas como forma de proporcionar um estudo mais concreto e que propicie ideias de mudanças reais nesses indicadores.

A próxima seção é compreendida pelo tema biblioteca universitária como ambiente informacional, educacional e cultural, o qual medeia a BU como um espaço promissor para a difusão do conhecimento por meio de vários aparatos oferecidos. Em questão, é um lugar onde a sociedade acadêmica além de usufruir toda organização gerada pela técnica, pela recuperação da informação pelos demais processos, é tida como um espaço onde ações culturais, sociais e tecnológicas também podem ser difundidas e acrescidas aos seus serviços e política.

A ser assim, o contexto acadêmico exerce papel primordial nas atividades de ensino, pesquisa e extensão dando suporte informacional de excelência para os seus desenvolvimentos, como estrutura adequada para o atendimento de demandas das graduações e das pós-graduações.

Deve atuar, portanto de forma a agregar os valores informacionais e administrativos promovendo a colaboração do seu público alvo em suas relações mediacionais e interpessoais. Assim, são citados 10 (dez) tipos de práticas que colaboram para o desenvolvimento de serviços profícuos nas bibliotecas universitárias, os quais servem como base para um bom andamento das práticas de pesquisa e que contribuem para o uso e acesso às informações.

Na terceira seção, apresenta-se a Metodologia deste estudo. Esta por sua vez, tem como esboço: a caracterização do objeto abordando origem, especificidades e atuação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), sendo um órgão federal representativo do Ministério da Educação (MEC); a caracterização do estudo, elaborado quanto aos fins (descritiva) e quanto aos meios (bibliográfica e documental), a qual natureza dos dados é constituída por uma abordagem qualitativa; o método aplicado com o

viés mais sociológico abarca o método compreensivo ou hermenêutico de Max Weber e para a técnica de coleta dos dados foram questionários aplicados aos bibliotecários de bibliotecas universitárias, aos quais possuem experiências com visitas *in loco* do INEP/MEC.

São explanados os sujeitos da pesquisa, baseados nos bibliotecários de BU's e nos documentos oficiais do INEP/MEC que tratam da avaliação das bibliotecas universitárias. Em seguida, apresentam-se os instrumentos de coleta de dados e a análise e discussão dos dados.

Apresentam-se também os elementos do modelo que discute algumas ações as quais estão apresentadas de modo categorizadas e explanadas, tratando suas constituições e suas pretensões com os indicadores sugeridos para uma avaliação do INEP/MEC com excelência nas bibliotecas universitárias brasileiras e posteriormente, a proposição do modelo em si.

Logo são apresentadas as considerações finais, com uma visão de que mediante os conceitos estudados e a proposta da implantação do modelo, os objetivos deste estudo são atingidos de modo a contribuir com as bibliotecas universitárias e com o próprio INEP/MEC.

## **2 A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: PERCEPÇÕES E ABORDAGENS NO ÂMBITO DA AVALIAÇÃO**

A evolução da educação do Brasil é marcada com a chegada da Corte Portuguesa e a sua trajetória é categorizada por marcos histórico, dos quais a influência advinda da colonização portuguesa tem significado importante e crucial para essa evolução.

A esse respeito, muito apropriadas são as colocações de Nunes e Carvalho (2016, p. 183-184) em que discorrem,

No Brasil, a evolução educacional é marcada pela influência advinda da colonização portuguesa, assim como das correntes pedagógicas que se adaptaram à realidade educacional da sociedade brasileira ao longo do tempo. A legislação educacional, acompanhando essa dinâmica, molda ao longo dos séculos o modelo educacional brasileiro, que hoje oferta cursos em todo o território nacional, seja em nível básico, que compreende o ensino infantil, fundamental e médio, ou do ensino superior, englobando a graduação e a pós-graduação.

Tratando especificamente da educação superior brasileira, percebe-se que seu início também foi influenciado pela vinda da Corte portuguesa em meados do ano de 1808. Como os brasileiros daquela época que almejavam ter uma formação acadêmica e não tinham a oportunidade de ingressar, no Brasil, em um curso de ensino superior, iam para o exterior, mais precisamente Portugal, para cursarem suas graduações. Desta forma havia uma preocupação com essa elite brasileira que saía para outros países em busca de crescimento intelectual, pois a Corte portuguesa não queria que as pessoas que fossem estudar fora, voltassem com pensamentos revolucionários de independência, liberdade.

Tempos depois houve, de todo modo, a necessidade de formação de curso superior no Brasil, uma vez que, com relações estreitadas com a Europa, a Corte portuguesa sentiu a necessidade de haver profissionais formados para atender a uma nova situação (MASETTO, 1998).

Segundo Cunha (2007) o ensino superior no Brasil nasceu em 1808. Com a transferência da sede da Corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro e a emergência do Estado Nacional, houve a necessidade de se fundar todo um grau de ensino superior diferente do que havia sido herdado da Colônia. Foram, assim, criadas as primeiras escolas de ensino superior no Brasil, tendo como cidades iniciais Olinda, em Pernambuco, São Salvador, na Bahia e um curso no Rio de Janeiro. O modelo de ensino na época adotado foi o padrão francês da Universidade Napoleônica tendo como seu foco a profissionalização desses cursos.

Masseto (1998, p. 09), contribui com esse pensamento, discorrendo que,

Os cursos superiores e, posteriormente, as faculdades criadas e instaladas no Brasil, desde seu início e nas décadas posteriores, voltaram-se diretamente para a formação de profissionais que exerceriam uma determinada profissão. Currículos seriados, programas fechados, que constavam unicamente das disciplinas que interessavam imediata e diretamente ao exercício daquela profissão e procuravam formar profissionais competentes em uma determinada área ou especialidade.

Assim, esses cursos superiores formavam profissionais meramente especializados e competentes em desempenhar sua função em uma determinada área. Por sua vez, claramente com o decorrer do tempo, as escolas de ensino superior foram ganhando forma e novas nomenclaturas.

As transformações dessas escolas começaram a surgir e, por conseguinte, também ter suas especificidades, distribuindo-se em vários segmentos e ambientes. Assim, quanto aos cursos de ensino superior, classificaram-se em: Universidade, Universidades Especializadas, Centros Universitários, Centros Universitários especializados, Centros de Educação Tecnológica, Faculdades Integradas e/ou Faculdades, Institutos Superiores ou Escolas Superiores.

Oliveira (2002, p. 208) caracteriza estes ambientes em:

- a) *Universidade*- caracteriza-se pela oferta regular de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, devendo manter programas de mestrado e/ou de doutorado;
- b) *Universidades especializadas*- organizadas por campo do saber, nas quais deverá ser assegurada a existência de atividades de ensino e pesquisa em áreas básicas e aplicadas;
- c) *Centros universitários*- são instituições pluricurriculares, abrangendo uma ou mais áreas de conhecimento, que devem oferecer ensino de excelência, comprovadas pelo desempenho dos cursos, qualificação do corpo docente e condições de trabalho acadêmico;
- d) *Centros universitários especializados*- deverão atuar numa área de conhecimento específico ou de formação profissional, resguardadas as mesmas condições do item acima;
- e) *Centros de educação tecnológica*- instituições especializadas de educação profissional, públicas ou privadas, com a finalidade de qualificar profissionais nos vários níveis e modalidades de ensino, para os diversos setores da economia, e realizar pesquisa e desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços, em estrita articulação com os setores produtivos e a sociedade, oferecendo mecanismos para a educação continuada;
- f) *Faculdades integradas e/ou Faculdades*- são instituições com propostas curriculares em mais de uma área do conhecimento, organizada para atuar com regimento comum e comando unificado;
- g) *Institutos superiores ou Escolas superiores*- instituições de caráter profissional que visam à formação inicial, continuada e complementar para o magistério da educação básica.

A classificação do ensino superior, conforme exposto por Oliveira (2002), mostra as múltiplas características de cada tipo de ambiente acadêmico. De modo decrescente, apresenta os Institutos ou Escolas Superiores os quais são entendidos também como instituições bem mais específicas no quesito profissional e proximidade com o mercado de trabalho; as Faculdades já possuem bem menos cursos que as demais IES atuando em quantidade menor nas áreas do saber; os Centros Universitários são bastante almeçados pelas Faculdades, pois é similar a Universidade. Para uma Faculdade se tornar Centro Universitário, deve possuir as quantidades de cursos exigidos pelo MEC, infraestrutura bem consolidada e o Núcleo Docente Estruturante (NDE) capacitado e atuante; as Universidades, sendo elas públicas ou privadas, gozam de cursos de graduações e cursos *latu e stricto sensu*, sendo instituições pluridisciplinares com produções intelectuais de alto nível e princípios científicos, sustentáveis e humanos.

De acordo com o MEC, foi instituído o Decreto nº 5.773/06 que estabeleceu a divisão das instituições de educação superior somente em 3 níveis: faculdades, centros universitários e universidades (BRASIL, 2006).

As IES inicialmente já são habilitadas como faculdades, portanto, ao serem credenciadas e dependendo do seu funcionamento regular e com padrão satisfatório de qualidade pode as tornar como centros universitários, bem como universidades (BRASIL, 2016a e 2016b).

Os centros universitários abrangem uma ou mais áreas do conhecimento, sendo credenciados com autonomia para criar, organizar e extinguir, em sua matriz, os cursos e programas de educação superior. São pluricurriculares e se caracterizam pela excelência do ensino oferecido, comprovada pela qualificação do seu corpo docente e pelas condições de trabalho acadêmico oferecido à sua comunidade (BRASIL, 2016).

E as universidades são caracterizadas pela dissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Existem as universidades federais e privadas. A primeira respectivamente se distingue por ter iniciativa do Poder Executivo, mediante projeto de lei encaminhado ao Congresso Nacional. A segunda se dá pela transformação de instituições de ensino superior já existentes e que atendam ao disposto na legislação pertinente (BRASIL, 2016).

Com base na diversidade de conceitos apresentados para caracterizar as IES, observa-se que elas possuem públicos definidos, com matriz curricular e interesses em formação de profissionais diversas. Independentemente de suas abrangências, todas essas IES citadas



devem cumprir as exigências do MEC e estarem devidamente aptas a atenderem o público de modo a proporcionarem formações com excelência e qualidade.

Esses ambientes educacionais como um todo, tem o propósito de suprir as necessidades econômicas, políticas, sociais e culturais da comunidade, sendo espaços propícios para a assimilação e produção do conhecimento. Nessa perspectiva, as IES que trabalham nessa linha de raciocínio têm a capacidade de formar cidadãos que pensem no meio social que estão inseridos e que contribuam ativamente para a solução de problemas que desafiam a sociedade.

Deste modo, as IES têm o significativo papel de desenvolver a sociedade científica, tecnológica e culturalmente, influenciando por meio de atividades que são mediadas por ações relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão e cultura. São espaços de construção e compartilhamento de conhecimentos, entre pessoas com interesses distintos, porém, com o intento em se firmar profissionalmente.

Inúmeras IES dispersas por todo o país disponibilizam recursos para os mais distintos tipos de atividades as quais devem ser realizadas. Atualmente, as universidades estão proporcionando aos seus acadêmicos bolsas de estudos, intercâmbio em instituições de outros países e/ou regiões, como também no investimento em pesquisas durante o período da graduação.

Além das IES favorecerem o desenvolvimento humano e científico-tecnológico, buscam também estimular a sociedade acadêmica a promover essa difusão do conhecimento numa perspectiva global da relação dos diversos campos do saber através dos benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa originada por elas próprias. Cabe a elas contribuírem de forma eficaz no acompanhamento do mercado de trabalho e sendo uma mediadora para a abertura de novos caminhos para seus formandos.

Portanto, a compreensão basilar da formação, evolução e características da educação superior no Brasil, tem sua importância para entendimento da construção teórica proposta por essa pesquisa.

Na seção seguinte, é apresentada de maneira teórica, a constituição e características da avaliação do ensino superior. Justifica-se essa abordagem, tendo em vista que trata-se de um tema fundamental para que se atinja o escopo proposto por esse estudo.

## 2.1 A Avaliação do Ensino Superior: uma abordagem conceitual

O que se entende por avaliar? Essa pergunta pode ser contextualizada de modo a pensar que a avaliação tem seu sentido baseado nas determinações de analisar e apreciar algo ou alguma coisa.

É um termo que abrange muitas percepções e definições de diferentes autores, uma vez que pode ter seu significado de acordo com o contexto que está inserido, ou seja, em campos diferenciados.

Existem assim, diversas formas e métodos de avaliar, mas partindo de uma visão geral é intrinsicamente baseada na verificação e constatação daquilo que está sendo investigado. Portanto, a sua “[...] reflexão em diversas esferas é imprescindível para auxiliar que ela ocorra de forma coerente e adequada em sua totalidade” (BRITO; LORDELO, 2007, p.01).

O ato de avaliar requer muita responsabilidade e possibilita através dessa ação tornar aquilo que está sendo investigado, algo que possa acarretar melhorias, bem como proporcionar tomadas de decisões propícias para o desenvolvimento e crescimento do objeto avaliado.

A esse respeito, Vasconcellos (2000, p. 44), complementa que,

[...] o ato de avaliar não pode ser deixado de ser discutido, pois a avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos.

Quando se avalia algo ou alguém, após esse processo de análise, os resultados são de extrema importância para que se possam traçar ações profícuas de desenvolvimento e melhoramentos do que foi investigado.

Assim, as avaliações passaram também pelo processo de transformação, pois eram baseadas de modo bem técnico, onde passaram a adotar metodologias de cunho mais qualitativo. Atualmente é vista de forma mais híbrida em que coexistem abordagens avaliativas marcadas pelos paradigmas quantitativos *versus* qualitativos. É percebida também como um processo amplo, a qual passou a ser considerada como um processo sistemático de obter e recolher informações, de analisar e interpretar essas informações e formular juízos de valor sobre seu objeto avaliativo (VERHINE; FREITAS, 2010).

Complementando, a avaliação como dita anteriormente é conceituada por muitos autores e apresenta vários vieses. Um exemplo disso é o dicionário Aurélio que apresenta

duas vertentes: a **avaliação formativa** e a **avaliação somativa**. Portanto, “[...] a avaliação formativa é o processo de avaliação realizado no decorrer de um programa instrucional visando aperfeiçoá-lo e a avaliação somativa é processo de avaliação final de um programa instrucional visando julgá-lo” (FERREIRA, 2004, p.235).

Os autores Silva e Silva (2008, p. 101) completam as definições acima discorrendo que a avaliação ex-post ou somativa é aquela que investiga em que medida o programa atinge os resultados esperados pelos formuladores focando, portanto, nesses resultados. Já a formativa ou de processo foca o funcionamento e a gestão do programa, centralizando nos processos e mecanismos de execução e não nos resultados. Desenvolve-se, portanto, durante o processo de implementação da ação avaliada.

Desta forma, o conceito de avaliação somativa se adequa aos objetivos deste estudo, uma vez que ao avaliar, tanto analisa como julga o objeto em questão. E este objeto como é sabido, são as bibliotecas universitárias. Porém para estudá-las é crucial entender como são os processos avaliativos do ensino superior e suas transformações.

Para Verhine e Freitas (2010, p.16),

Não há como compreender as transformações da educação, no âmbito da globalização e da internacionalização do ensino superior, sem levar em conta as práticas de avaliação. Os governos atuais vêm atribuindo à avaliação um papel importante na reforma dos sistemas educativos onde ela é vista como instrumento de legitimidade de poder em muitos países e eficaz organizadora de reformas em educação.

Essas práticas de avaliações, principalmente estabelecidas pelo governo, requerem não só das instituições as quais estão sendo analisadas, seguir os parâmetros exigidos por normas estabelecidas, mas também propiciar, como dito acima, a reforma do sistema de educação de modo eficaz.

Dias Sobrinho (2010, p. 195) completa ideia ponderando que,

A avaliação é a ferramenta principal da organização e implementação das reformas educacionais. Produz mudanças nos currículos, nas metodologias de ensino, nos conceitos e práticas de formação, na gestão, nas estruturas de poder, nos modelos institucionais, nas configurações do sistema educativo, nas políticas e prioridades da pesquisa, nas noções de pertinência e responsabilidade social. Enfim, tem a ver com as transformações desejadas não somente para a educação superior propriamente dita, mas para a sociedade, em geral, do presente e do futuro.

Essas avaliações, por muitas vezes, estão associadas à busca pela qualidade dos serviços, ações e práticas que são desenvolvidas e ofertadas no ensino superior e todo

processo educacional, seja ele nas séries iniciais até as pós-graduações, para atingirem o nível dessa 'qualidade' precisam das concepções político-pedagógicas das IES os quais pertencem.

A qualidade por sua vez, é um dos pontos cruciais para os métodos de avaliações. A constatação de algo produtivo e eficaz dentro dos parâmetros exigidos por algum avaliador ou órgão avaliativo eleva o conceito de qualidade do objeto investigado. Para isso, Real (2009, p.13) assevera que,

A busca das instituições pela obtenção de conceitos positivos nas avaliações que atestem a boa qualidade de seus serviços vem proporcionando uma qualidade formal em detrimento de uma qualidade real, o que amplia ainda mais as diversas concepções de qualidade que vem sendo construídas a partir da política que busca garantir qualidade com quantidade.

Esse questionamento sobre a qualidade formal e real se baseia por muitas vezes quando a instituição ao receber avaliadores ligeiramente se organiza para as visitas. A própria autora Real (2009, p.13) nomeia os dois tipos de qualidades que são apresentadas durante uma avaliação. A qualidade desejada, sendo aquela retratada como a real, e a qualidade concretizada, que por sua vez é o tipo de qualidade mais formal.

De certa forma, o que os avaliadores *in loco* almejavam encontrar no seu objeto de avaliação seria a realidade apresentada, e não como por inúmeras vezes encontrar instituições mascaradas e prontas apenas para receber um processo avaliativo. Os conceitos e notas dadas são relacionados claramente com a qualidade dos serviços, infraestrutura, corpo técnico administrativo e docente, plano de curso dentre outros requisitos. Assim diante de tantos pontos a serem avaliados, ainda existem instituições que forjam situações e simulam cenários ao serem avaliadas, bem como não transparecem a sua realidade de modo ético.

Portanto, as avaliações que são realizadas nas IES seguem padrões rigorosos, que determinam valores como a aprovação ou reprovação da instituição. Podem também ser classificadas segundo vários critérios, sendo expostas por (COHEN e FRANCO 2004; COTTA 1998, *apud* CUNHA, 2006) no quadro a seguir:

**Quadro 01** - Classificações dos critérios de avaliação

AVALIAÇÃO	DEFINIÇÃO
Externa	Realizada por pessoas de fora da instituição responsável pelo programa, com experiência nesta atividade. As vantagens: a isenção e objetividade dos avaliadores externos, não se encontram diretamente implicados com o processo, bem como a possibilidade de comparação dos resultados com outros programas semelhantes analisados. A considerar em contraponto que o acesso aos dados torna-se mais difícil, e os que terão seu trabalho avaliado podem se colocar em posição defensiva demonstrada pelo fornecimento de informações parciais minimizando o efeito de melhoria dos programas. Alega-se, ainda, que o conhecimento da metodologia de avaliação pode não substituir o conhecimento sobre as especificidades do programa, e que não existe uma única metodologia aplicável a todos os casos.
Interna	Realiza-se dentro da instituição responsável, espera-se maior colaboração com pessoas que participam do programa. Vantagens: a eliminação da resistência natural ao avaliador externo, possibilidade de reflexão, aprendizagem e compreensão sobre a atividade realizada dentro da instituição. Pode-se perder em objetividade, já que os que julgam estão envolvidos, tendo formulado e executado o programa.
Mista	Combina os tipos de avaliação precedentes, fazendo com que os avaliadores externos tenham estreito contato com os participantes do programa a ser avaliado, tentando-se manter vantagens e superar desvantagens das avaliações descritas acima.
Participativa	Usada em pequenos projetos, possibilita a participação de beneficiários das ações no planejamento, na programação, execução e avaliação dos mesmos.

**Fonte:** (COHEN e FRANCO, 2004; COTTA, 1998 apud CUNHA, 2006).

Esses quatro critérios consistem no processo de avaliação do sistema e das instituições de ensino superior. Conforme colocado e definido, são criteriosamente estabelecidos por se tratarem de processos institucionais, os quais buscam a qualidade.

Em síntese, a avaliação externa sendo realizada por comissões designadas pelo MEC (detalhada mais à frente) tem como finalidade propiciar a constatação dos padrões de qualidade da IES por meio de parâmetros e regras baseadas em instrumentos contemplando relatórios. A avaliação interna, por sua vez, é coordenada pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), sendo formada por integrantes da própria instituição, como representantes do corpo docente, discente, técnico/administrativo e representantes da comunidade externa, tendo como principal finalidade na IES identificar os pontos positivos e aqueles que devem melhorar por meio de avaliações propositivas vinculadas à infraestrutura, ensino e aprendizagem.

A avaliação mista é a combinação da interna com a externa, a qual sua integração é fundamental na busca da qualidade e nas dimensões da realidade avaliada. E a avaliação participativa consiste em atender a demanda da comunidade acadêmica de modo a proporcionar mudanças significativas e democráticas.

A integração entre as avaliações externas e internas parte de pressuposto de que a qualidade do ensino superior depende intrinsecamente da missão da IES e de todos os serviços que a mesma desenvolve.

Todas e quaisquer tipos de avaliações são tratadas com bastante seriedade nas IES, uma vez que é percebido que as avaliações externas e internas são bem cotadas no sentido de aplicadas. As visitas de representantes do INEP/MEC e a atuação da CPA são percebidas claramente nas IES por se tratarem de comissões sérias e formadas com o intuito de verificação e diagnóstico.

Esses tipos de avaliações ocorrem continuamente nas IES brasileiras. O conhecimento desses tipos de avaliações corrobora para com um dos objetivos almejados por essa pesquisa, que está em estudar como ocorre o processo de avaliação nas IES nos processos estruturais, acadêmicos (ensino, pesquisa, extensão) e pessoas (corpo docente e técnico-administrativo).

Na sequência discute-se sobre os programas que são aplicados em IES brasileiras, sua evolução e características institucionais.

## 2.2 Reflexões sobre os Programas de Avaliações nas Instituições De Ensino Superior

A subseção anterior trouxe uma explicitação geral sobre os conceitos e aplicabilidade das avaliações no âmbito do ensino superior. Buscou-se abordar as diversas formas de avaliação que incidem sobre as instituições voltadas ao ensino superior brasileiro.

Fazendo um recorte cronológico para melhor entender como se dá o processo de avaliação das instituições, podemos frisar alguns programas e políticas no que diz respeito à educação superior do Brasil.

- 1983 – Por meio do Ministério da Educação sendo coordenado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), surge o Programa de Avaliação da Reforma Universitária (PARU) com o objetivo de discutir e refletir sobre a educação superior diagnosticando as crises das universidades propondo instrumentos de superação;
- 1985 - Comissão Nacional de Reforma do Ensino Superior (CNRES) com a finalidade de proporcionar contribuições à formulação de uma nova política para a educação superior;
- 1986 – Surge o Grupo para a Reformulação da Educação Superior (GERES) com o objetivo de apresentar anteprojetos de lei para a reforma da educação superior brasileira;

- 1993 – Consolida o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB) o qual tinha como princípio fundante propor um sistema de avaliação institucional nas universidades brasileiras;
- 1996 – Instituído pelo Decreto de nº 2.026, surge, portanto, o Exame Nacional de Cursos (ENC), sendo conhecido de modo geral como “Provão”. Sua principal finalidade era avaliar os discentes concluintes dos cursos de graduações, dando obrigatoriedade para recebimento dos diplomas mesmo que o conceito chegasse a ser zero. O aluno participante não tinha nenhum tipo de responsabilidade sobre o resultado no desempenho do exame. Sua vigência encerrou em 2003;
- 2001 – Entra em vigor o Decreto de nº 3.860 que dá início ao Plano Nacional de Educação (PNE), mudando todas as normas de organização e avaliação dos cursos das universidades do país;
- 2003 – Instalação da Comissão Especial de Avaliação (CEA), a qual por meio dessa comissão participavam docentes, discentes e membros do próprio Ministério da Educação, sendo presidido pelo professor José Dias Sobrinho e tendo como Ministro, na época, Cristovam Buarque, do então Governo Luiz Inácio Lula da Silva. Através dessa comissão foi apresentado o documento pelo qual surgiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), regido pela lei de nº 10.861/2004. Seu principal objetivo era firmar o processo avaliativo das IES, por meio do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, muito conhecido pela sigla ENADE.

Dando um enfoque maior no último programa, julga-se que o SINAES é baseado nas avaliações institucionais (internas e externas), dos estudantes (ENADE) e dos cursos (analisadas em três dimensões que se concretizam na organização didático-pedagógica, no perfil do corpo docente e nas suas instalações físicas). Ainda integra o SINAES, o Censo da Educação Superior, o cadastro de Cursos e Instituições e também a CPA<sup>1</sup>.

Seus objetivos se resumem em: a) identificar mérito e valor das instituições, áreas, cursos e programas, nas dimensões de ensino, pesquisa, extensão, gestão e formação; b) melhorar a qualidade da educação superior, orientar a expansão da oferta; c) promover a responsabilidade social das IES, respeitando a identidade institucional e a autonomia (BRASIL, 2015).

Segundo Speller *et al* (2012, p. 24),

---

<sup>1</sup> Informações extraídas do portal do INEP. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/superior-sinaes-componentes>

O SINAES introduziu vários instrumentos, objetivando assegurar o caráter sistêmico da avaliação, a integração dos espaços, momentos e distintas etapas do processo, além da informação em torno de uma concepção global única da instituição avaliada, caracterizando-se por tomar a avaliação como instrumento de política educacional voltado à defesa da qualidade, da participação e da ética na educação superior. A regulação do sistema inclui o credenciamento e o credenciamento de instituições, além da autorização, do reconhecimento e da renovação de reconhecimento dos cursos. Estes se constituem em processos distintos da avaliação, embora tomem em conta os seus resultados.

Complementando a assertiva acima, é posto pelo SINAES que os resultados da avaliação tornam a IES investigada regulamentada (credenciamento e renovação de reconhecimento de cursos) e autorizada (credenciamento, autorização e reconhecimento de cursos) para o seu funcionamento.

Para o autor e especialista em avaliação do ensino superior do Brasil, Dias Sobrinho (2010, p. 209), o aspecto essencial da visão sistêmica do SINAES era a articulação entre a avaliação e regulação. Logo, relata que,

A aliança orgânica entre a regulação – prerrogativa do Estado, praticada no Brasil nas modalidades de credenciamento e credenciamento periódico das IES e autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos – e a avaliação, integrada por múltiplos instrumentos, organizada pelo INEP e contando com a participação da comunidade acadêmico-científica, das autoridades das IES e de membros da comunidade civil, constitui o eixo estruturante da construção de um Sistema Nacional de Educação Superior.

Assim, as avaliações das IES que são realizadas por comissões externas são de suma importância para o seu andamento. Os avaliadores são os membros externos dados pela nomenclatura Comissão de Avaliação *in loco*, ou seja, docentes pertencentes a alguma comunidade acadêmica (pública ou privada) que não seja a qual está sendo avaliada, sendo cadastrados e capacitados pelo INEP por meio de seleções e cursos para então desenvolver todo o processo de avaliação nas IES, seguindo rigorosamente todos os princípios legais, impessoais, morais e éticos.

Silva e Silva (2008, p. 112) completam as informações citadas discorrendo que a avaliação, no âmbito do SINAES, é percebida como uma atividade complexa, que envolve vários instrumentos em diferentes momentos, além de uma prova ou uma visita por comissão de especialistas; diferentes agentes, e também de representantes oficiais do INEP/MEC.



Ressalta-se que quando uma IES apresenta um resultado ou nota insatisfatória, serão realizados novos procedimentos com prazos estabelecidos pelo INEP/MEC, onde a IES deverá cumpri-los para assim superar as demandas negativas avaliadas.

Conforme anteriormente mencionado e como é quesito de avaliação da comissão enviada pelo INEP/MEC às visitas de credenciamento e reconhecimento das IES, e para chegar o ponto crucial deste estudo, as bibliotecas são de fundamental importância para essas avaliações.

Assim, a subseção seguinte irá discorrer como se dá a avaliação do INEP/MEC nas bibliotecas universitárias, visto que é um dos setores relacionados à estrutura da IES a qual oferece a toda sua comunidade acadêmica as atividades de ensino, pesquisa e extensão, dentre outros serviços informacionais, culturais e tecnológicos.

### 2.3 A avaliação do MEC em Bibliotecas Universitárias

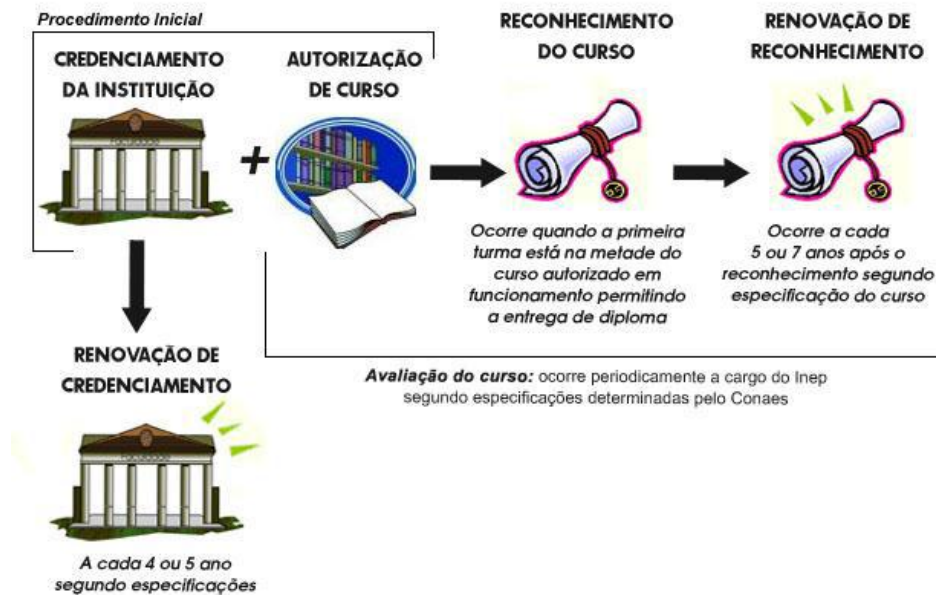
O MEC é um órgão ligado ao Governo Federal do Brasil, sendo fundado em 14 de novembro de 1930, pelo decreto de nº. 19.402. Sua premissa é fornecer subsídios para os sistemas de educação do país, desde a formação básica até os cursos de nível superior.

O Ministério da Educação, órgão da administração federal direta, tem como área de competência a política nacional de educação; a educação infantil; a educação em geral, compreendendo ensino fundamental, ensino médio, educação superior, educação de jovens e adultos, educação profissional e tecnológica, educação especial e educação a distância, exceto ensino militar; a avaliação, a informação e a pesquisa educacionais; a pesquisa e a extensão universitárias; o magistério e a assistência financeira a famílias carentes para a escolarização de seus filhos ou dependentes (BRASIL, 2016).

É por meio do MEC, que o SINAES avalia se as IES possuem condições favoráveis para a autorização e o funcionamento de novos cursos, estando de acordo com as normas estabelecidas por esse órgão. Assim, no decorrer desta subseção, será abordada a atuação do MEC no âmbito da educação superior, precisamente nas avaliações de credenciamentos, autorizações e reconhecimentos de IES, envolvendo por sua vez, as bibliotecas universitárias.

Abaixo inclui-se uma imagem a qual retrata como se dá o processo de avaliação do MEC em uma IES percebendo que a biblioteca entra dentro desses processos.

**Figura 01** – Etapas de avaliações em Instituições de Ensino Superior



**Fonte:** Rocha (2007).

A biblioteca universitária está ligada diretamente à sua mantenedora, ou seja, à instituição de ensino a qual pertence participando assiduamente dos processos de reuniões, dos relatórios eletrônicos e análises para o recebimento das visitas das comissões estipuladas pelo MEC.

Segundo Rocha (2007, p.25) é papel da biblioteca universitária, no aspecto da avaliação da IES:

- Participar de reuniões que anunciam qualquer processo;
- Providenciar a leitura e análise de documentos;
- Estar ciente da proposta de trabalho da IES e atuar em consonância com essas prerrogativas (Plano de Desenvolvimento Institucional, Projetos Pedagógicos e Plano de Avaliação Institucional);
- Elaborar textos expressivos sobre a biblioteca e sua atuação no contexto acadêmico.

Para isso é de extrema importância que o bibliotecário esteja à frente desses processos e preparado para esse tipo de avaliação. “Deve estar ciente que os documentos previamente fornecidos e inseridos nos sistemas eletrônicos do MEC, em cumprimento da legislação vigente, sustentam a avaliação *in loco*” (ROCHA, 2012, p. 9).

Lubisco (2001, p.155) critica esse tipo de avaliação discorrendo que o, “MEC não dispunha de critérios e instrumentos suficientes e adequados para avaliar a biblioteca universitária de modo a refletir seu papel como recurso pedagógico da universidade”.

Entretanto, compreende-se que essa afirmação da autora depende do contexto em que a biblioteca está inserida. Sendo ela no setor público, sabe-se que os investimentos nos suportes informacionais não são tão promissores. Já as bibliotecas vinculadas a IES particulares, há uma exigência em maior grau por parte do MEC, além de grande parte dessas instituições podem oferecer uma estrutura (física, tecnológica e informacional) eficiente para seus usuários, tendo em vista os expressivos investimentos financeiros realizados com frequência, influenciados por seu caráter lucrativo.

Barcelos e Gomes (2004, p. 1), frisaram que existe todo um tipo de apresto por parte das bibliotecas para o recebimento dessas comissões.

[...] essa preparação não acontece de um dia para outro, que as Bibliotecas que vem atualizando seu acervo, que tem o atendimento ao usuário como uma das metas, que atendem às necessidades de apoio ao ensino, pesquisa e extensão, que tem bibliotecários durante todo o tempo em que se encontram abertas, que possuem equipamentos adequados e cujo acervo se encontra disponível via Internet, com certeza, terá o MEC como um aliado, e estará preparada para obter uma ótima avaliação.

Toda essa preparação requer profissionais capacitados e envolvidos nesse processo, os quais demonstrem firmeza e propriedade nos conhecimentos do seu ambiente de trabalho, e, sobretudo coerência com o que está sendo apresentado à equipe avaliativa. Toda instituição brasileira de ensino superior é avaliada pelo INEP, órgão do MEC, em algum momento de sua atuação, e a biblioteca universitária é responsável por atribuir conceitos cada vez mais elevados para as instituições, tendo em vista que esse ambiente é responsável por 40% (quarenta por cento) da nota geral dada pelos avaliadores.

Desta forma, ainda segundo Barcelos e Gomes (2004, p. 2),

Como o peso das Bibliotecas (40% do total) é muito grande, é imprescindível que as mesmas disponham de acervo adequado, tanto qualitativo quanto quantitativamente. Para isso, é necessário que se tenha uma política de formação e desenvolvimento de acervo, com dotação orçamentária própria, onde se levarão em conta o número de usuários reais e potenciais, que se deseja atender.

Na prática, essas avaliações atreladas a esse órgão, são vistas como um método de aferir se as IES têm condições de oferecerem aos seus estudantes tanto os recursos de infraestrutura, como um bom resultado no desempenho dos processos de ensino-aprendizagem. Para isso os instrumentos de avaliação concebidos pelo MEC devem estar presente na IES avaliada, sendo necessários para um excelente diagnóstico e, por conseguinte o resultado de uma boa nota.

Esses instrumentos de avaliação seguem os padrões de qualidade da educação superior, observadas as Diretrizes Curriculares Nacionais de cada curso às normas legais vigentes e às diretrizes da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES)<sup>2</sup> (BAPTISTA; RUEDA; SANTOS, 2008).

Logo, são corroboradas 4 dimensões como quesitos para a avaliação da comissão, sendo aqui discutida apenas a dimensão de número 4, que aborda as “Instalações Físicas”, que além de abarcarem outros itens, incluem os indicadores específicos da biblioteca como por exemplo o **espaço físico**, o **acervo** (livros das bibliografias básica e complementar, periódicos, base de dados dentre outros) e os **serviços** oferecidos.

Esses três itens pertencentes à Biblioteca são bem detalhados no documento, Manual de Verificação *in loco* das condições institucionais: credenciamento de instituições não-universitárias - autorização de cursos superiores, realizado e disponível no portal do MEC, o qual especifica os indicadores e os quesitos de avaliações, os quais serão anexados ao final deste estudo.

Por sua vez, de forma bem mais explicativa e sucinta, exporemos esses três indicadores como base premissa para entendimento desse estudo. Assim, no item 4.2.1 do referido documento, é apresentado o **espaço físico**.

A avaliação desse item consiste em verificar se há:

- a) Existência de armazenagem satisfatória, incluindo: iluminação adequada, extintor de incêndio, sistema antifurto e sinalização bem distribuída e visível.
- b) Acesso com rampas para portadores de necessidades especiais.
- c) Funcionamento: existência de catálogos disponíveis para o público, independentemente de sua forma (informatizada, em fichas, etc.) permitindo consulta por, no mínimo, autor, título e assunto (s) atribuído (s) a cada documento. Para isso, o preparo deve ser feito mediante uso de instrumento padrão para tal descrição: Código de Catalogação AACR2 + um sistema padrão de classificação bibliográfica (CDD – Classificação Decimal de Dewey, CDU – Classificação Decimal Universal ou outro); todos os documentos estão preparados com etiqueta de lombada e disponíveis para empréstimo, segundo a política da instituição (BRASIL, 2002).

Já os aspectos os quais serão postos em critérios de análise são constituídos em:

---

<sup>2</sup>CONAES é o órgão colegiado de coordenação e supervisão do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior SINAES, instituído pela Lei nº 10.861, de 14 de Abril de 2004.

**Quadro 02 - Critérios de análise – Instalações físicas da biblioteca**

<b>Aspectos a serem analisados</b>	<b>Critérios de análise</b>
Instalações para o acervo (espaços, mobiliário e equipamentos, manutenção da umidade correta, antimofa, etc.)	<b>Não atende</b> – quando a área física, as condições de armazenagem, de preservação e de disponibilidade do acervo são precárias (não atendem aos itens A, B e C). <b>Atende</b> – quando a área física, as condições de armazenagem, de preservação e de disponibilidade do acervo são adequadas (atendem aos itens A, B e C).
Instalações para estudos individuais (espaço e mobiliário adequados aos estudos individuais)	<b>Não atende</b> – quando não existem instalações para estudo individual. <b>Atende</b> – quando existem instalações para estudo individual para cada curso oferecido pela IES.
Instalações para estudos em grupos (salas e mobiliário adequados aos estudos em grupo)	<b>Não atende</b> – quando não existe sala para estudo em grupo. <b>Atende</b> – quando existe sala para estudo em grupo.

**Fonte:** BRASIL - Ministério da Educação - MEC (2002)

A comissão desse Ministério na sua visita *in loco* verificará as instalações físicas do acervo, utilizando dos aparatos acima percorridos, analisando se o espaço da biblioteca está de acordo com as suas exigências.

Em síntese, a área física da biblioteca deve estar de acordo com o desenvolvimento do acervo, tendo espaços suficientes para suprir as demandas de crescimento, precisando está equipada com ambientes para materiais especiais; salas de estudos em grupos e cabines de estudos individuais; laboratórios de acesso à *internet* e pesquisa; ferramentas de apoio à segurança, como por exemplo, extintores de incêndio e sistemas antifurto; iluminação e clima adequados; instalações elétricas e de redes para acesso a computadores; sinalizações visíveis e acessíveis aos portadores de necessidades especiais; sistema de classificação adequado para organização do acervo e recuperação da informação; e corpo técnico de colaboradores treinados para o desenvolvimento de suas funções.

Todas estas alíneas devem ser pontuadas e colocadas em relatórios técnicos dos avaliadores como requisitos constatados na avaliação *in loco*. Cabe, portanto, as bibliotecas universitárias se preparem para todos estes itens que serão analisados pela comissão e atender o máximo do que é exigido e postulado pelo MEC.

Em segunda instância, apresenta-se o **acervo**. Este por sua vez é bastante delicado e seguido bem rigorosamente. É um dos critérios seguidos de forma minuciosa e detalhada, onde os avaliadores conferem meticulosamente no Plano Pedagógico de Curso, as bibliografias básica e complementar, a parte dos periódicos, base de dados e os materiais especiais.

Em vista disso, o INEP/MEC no item 4.2.2 define o acervo verificando se há:

- a) Existência de representação de todo o acervo (todos os tipos de materiais) no sistema de informatização utilizado, com possibilidade de acesso remoto (na IES e fora dela).
- b) Possibilidade de importação e exportação dos registros bibliográficos em padrão de intercâmbio.
- c) Informatização do serviço de empréstimo, no mínimo de livros, com possibilidade de reserva de material. Aqui também é recomendável o uso das alíneas, a fim de valorizar a construção textual da pesquisa

Após a constatação sobre a verificação do acervo, a comissão avaliadora segue rigorosamente os seguintes critérios de análise:

**Quadro 03 - Critérios de análise – Acervo**

<b>Aspectos a serem analisados</b>	<b>Critérios de análise</b>
<p>Livros (títulos e exemplares em número suficiente para a quantidade de alunos previstos no primeiro ano do curso e para a proposta pedagógica do curso).</p> <p style="text-align: center;"><b>ESSENCIAL</b></p>	<p><b>Não atende</b> – quando não atendem aos programas das disciplinas do primeiro ano do curso, ou não há quantidade suficiente (na proporção de um exemplar para mais de 15 alunos previstos no curso, para quaisquer dos títulos indicados na bibliografia destas disciplinas), ou não são atualizados.</p> <p><b>Atende</b> – quando atendem aos programas das disciplinas do primeiro ano do curso, há quantidade suficiente (na proporção de um exemplar para até 15 alunos previstos no curso, para quaisquer dos títulos indicados na bibliografia destas disciplinas) e são atualizados</p>
<p>Periódicos (assinaturas em número suficiente para a proposta pedagógica do curso)</p>	<p><b>Não atende</b> – quando a situação é inferior a 50% em qualquer dos itens (presença de títulos indispensáveis ao curso, mais títulos adicionais em áreas correlatas), independentemente do estado da coleção (completa ou incompleta).</p> <p><b>Atende</b> – quando existem, pelo menos, 50% dos títulos indispensáveis ao curso, mais títulos adicionais em áreas correlatas, com coleção completa referente pelo menos aos últimos três anos e evidência de continuidade da manutenção dos títulos considerados.</p>
<p>Informatização (do acervo e dos serviços de catalogação, controle de periódicos, reserva e empréstimo, comutação, consulta ao catálogo local e remoto, preferencialmente com o protocolo Z-39.50 ou similar)</p>	<p><b>Não atende</b> – quando não existe esforço de informatização do acervo e dos serviços.</p> <p><b>Atende</b> – quando a informatização da biblioteca atende até dois dos itens A, B, C.</p>
<p>Base de Dados (grande repositório, regularmente atualizado, de informações digitalizadas - citações, resumos, textos na íntegra, imagens, estatísticas, etc. - em um assunto particular ou em um campo específico, consistindo em registros de</p>	<p><b>Não atende</b> – quando não existem bases de dados na biblioteca.</p> <p><b>Atende</b> – quando existem bases de dados na biblioteca.</p>

formato uniforme, organizados para pesquisa e busca rápida e fácil)	
Multimídia (microfichas, slides, DVD, CD Rom, fitas de vídeo, disquetes e respectivos equipamentos – títulos e quantidade em número suficiente para atender à proposta pedagógica do curso)	<b>Não atende</b> – quando não existem recursos de multimídia (microfichas, slides, fitas de vídeos, DVD, CD Rom, disquetes, etc.) e equipamentos necessários para sua utilização. <b>Atende</b> – quando existem, no acervo, recursos de multimídia (microfichas, slides, fitas de vídeos, DVD, CD Rom, disquetes, etc.) e os equipamentos necessários para sua utilização, adequados à proposta do curso.
Jornais e revistas	<b>Não atende</b> – quando não existem assinaturas de jornais e revistas adequadas à proposta pedagógica do curso. <b>Atende</b> – quando existem 2 ou mais assinaturas de jornais e 2 ou mais assinaturas de revistas adequadas à proposta pedagógica do curso.
Política de aquisição, expansão e atualização (que atenda à proposta pedagógica do curso)	<b>Não atende</b> – quando não existe uma política definida de aquisição, expansão e atualização do acervo. <b>Atende</b> – quando existe uma política de aquisição, expansão e atualização do acervo, considerando a proposta pedagógica do curso.
ESSENCIAL	

**Fonte:** BRASIL - Ministério da Educação - MEC (2002, p.59-60)

Será diagnosticada pela comissão a comprovação de todos os itens acima citados, em que as quantidades conforme constam na tabela devem ser de acordo com o número de vagas ofertadas por curso na IES.

Uma das observações pontuais da comissão, além da contagem correta de livros das bibliografias básica e complementar é a verificação do material se realmente pertence à biblioteca. Os carimbos, o tombamento, o cadastro dos livros e a disposição dos mesmos nas estantes são cruciais na avaliação, além das notas fiscais, pois provam que os livros foram adquiridos para serem usufruídos na instituição e não devolvidos às livrarias ou editoras, após visita da comissão.

É pertinente atentar que esse é um tipo de cuidado que a comissão repara, pois existem IES que tentam burlar o sistema avaliativo e tomam em consignação os materiais apenas para demonstrar que existe, devolvendo ou fazendo a troca por outros tipos de materiais.

Desta forma, os autores Baptista, Rueda e Santos (2008, p. 07) criticam algumas das avaliações no INEP/MEC nas IES quando tratam do acervo, abordando que,

Os recursos destinados para o desenvolvimento do acervo é um elemento que contribui para a limitação dos serviços bibliotecários. Pelo que é exigido do acervo, os dirigentes das instituições de ensino aplicam seus recursos apenas no necessário. E sem o diagnóstico avaliativo, não há meio de propor novos investimentos de maneira justificada.

Isso ocorre com frequência quando os dirigentes das IES compram e adquirem apenas o que está no PCC do curso, que foi protocolado ao MEC e por muitas vezes essas bibliografias adquiridas não são clássicas. Por isso é de suma importância parcerias entre profissionais das áreas dos cursos que são cadastrados, bibliotecários e editoras. Sendo assim, o primeiro tópico do quadro que trata sobre os livros englobando as bibliografias básica e complementar, sendo indicadores importantes os quais são dimensionados para suprir as demandas da comunidade acadêmica.

Segundo Maia e Santos (2015, p. 108), “a bibliografia básica é imprescindível para que os alunos acompanhem o andamento das atividades acadêmicas, sendo obrigatória”. Está nos planos de ensino e faz parte da coleção de qualquer biblioteca, devendo ser atualizada, adequada, pertinente e com relevância acadêmico-científica. Por outro lado, a bibliografia complementar é composta por materiais informacionais essenciais à complementação e atualização voltados para a pesquisa e o ensino nas várias áreas do conhecimento e indicados nos planos de ensino.

O segundo indicador, periódicos, é definido por serem revistas especializadas, indexadas e correntes, sob a forma impressa ou virtual. A biblioteca deve possuir assinatura/acesso desses periódicos sendo maior ou igual a 20 títulos distribuídos entre as principais áreas do curso, a maioria deles com acervo atualizado em relação aos últimos 3 anos (MAIA; SANTOS, 2015, p. 108).

Em sequência, apresenta-se a informatização, sendo avaliada no quesito do processamento técnico dos materiais, desde o cadastro até os serviços de empréstimos, devoluções e renovações, de modo automatizado e remoto.

Essa automação dos processos da biblioteca proporciona ganhos significativos no que tange a redução do tempo na execução dos autosserviços. As ferramentas tecnológicas muito auxiliam na descentralização das atividades, desde a disseminação da informação até no relacionamento da BU com seus usuários. A assistência remota se dá devido também à tecnologia, esta, por sua vez, propiciando o acesso por meio de suportes eletrônicos, onde permitem esse acesso pela conta do usuário de sua IES. Informações, arquivos, aulas, serviços de renovação e reservas, dentre outros, trazem benefícios para os usuários da BU, assim como promove para o ambiente mais segurança, eficácia e agilidade nos seus processos.

O quarto indicador abrange as bases de dados, em que a própria comissão deverá solicitar documentação comprobatória da aquisição da coleção de periódicos eletrônicos apresentada, verificando se não é apenas uma licença para demonstração.



No caso do portal de periódicos da CAPES, vale o termo de compromisso assinado pelo dirigente da IES e pelo presidente da CAPES (BRASIL, 2002, p. 58).

Em seguida o quinto indicador, apresenta os materiais de multimídia, os quais se distribuem em filmes, vídeo-aulas, conferências, dentre outros, os quais devem ser relevantes para os cursos oferecidos pela IES, proporcionando assim um acervo dinâmico e pedagógico para a academia.

O sexto indicador é apresentado pelos jornais e revistas, estes devidamente atualizados e de acordo com as atualidades do mundo e dos cursos, propiciando aos acadêmicos, leituras complementares e coevas. Tantos os jornais quanto às revistas devem ser correlacionados com as diretrizes pedagógicas da IES.

E o sétimo indicador a ser analisado é a política de aquisição, expansão e atualização do acervo, que toda e qualquer biblioteca universitária deve possuir. Esse tipo de indicador é avaliado por considerar se há ou não diretrizes na biblioteca avaliada de investimentos, pois por meio dessa política que esse setor se torna primordial para obter um padrão de excelência e de qualidade dentro da IES, tendo a capacidade de satisfazer as suas demandas.

E por fim, é apresentado o item 4.2.3 que trata dos serviços da biblioteca tendo os seguintes conceitos a serem avaliados.

- a) Existência de serviço de empréstimo domiciliar para itens do acervo, ainda que com distinções entre tipos de material e categorias de usuários, sendo obrigatória a possibilidade de empréstimo de livros, ainda que com restrições a certos títulos, de forma justificada.
- b) Acesso a serviço de cópia de documentos internamente na instituição (ainda que não no espaço físico da biblioteca).
- c) Existência de serviço de empréstimo entre bibliotecas.
- d) Oferta do serviço de comutação bibliográfica, no País e no exterior.
- e) Existência de serviço de consulta às bases de dados em forma impressa, em meio magnético ou em CD-ROM, seja por disponibilidade diretamente na instituição, seja por acesso remoto a recursos de outras instituições.
- f) Existência de profissionais graduados em Biblioteconomia.
- g) Existência de pessoal auxiliar na proporção adequada à manutenção do horário da biblioteca e ao perfil dos serviços.
- h) Previsão de programa de treinamento de usuários que ensine a normalizar os trabalhos monográficos dos mesmos.
- i) Conjunto de normas da ABNT para normalização de documentação.

- j) Manual da IES com as exigências específicas para a apresentação de trabalhos técnicos e científicos.

A comissão tendo acima as definições avaliadas complementa as suas análises com os seguintes aspectos e critérios:

**Quadro 04 - Critérios de análise – Funcionamento, serviços e colaboradores**

<b>Aspectos a serem analisados</b>	<b>Critérios de análise</b>
Horário de funcionamento (horário de funcionamento da biblioteca condizente com os turnos do curso). ESSENCIAL	<b>Não atende</b> – quando funciona apenas no turno do curso. <b>Atende</b> – quando funciona em, pelo menos, dois turnos, um deles noturno (incluído o do curso).
Serviço e condições de acesso ao acervo (qualidade do serviço de consulta e empréstimo do acervo destinado ao curso).	<b>Não atende</b> – quando a biblioteca não atende ao item A, ou apenas a um dos itens B, C, D e E. Quando a biblioteca for inacessível aos portadores de necessidades especiais (instalações e acervo inadequados). <b>Atende</b> – quando a biblioteca atende ao item A e a, pelo menos, dois dos itens B, C, D e E. Quando a biblioteca estiver acessível aos portadores de necessidades especiais (instalações e acervo apropriados).
Pessoal técnico e administrativo (qualificação e quantidade adequada ao funcionamento da biblioteca e às necessidades dos professores e alunos do curso, inclusive os portadores de necessidades especiais). ESSENCIAL	<b>Não atende</b> – quando o pessoal existente não atende às condições dos itens F e G. <b>Atende</b> – quando o pessoal existente atende às condições dos itens F e G.
Apoio na elaboração de trabalhos acadêmicos (ficha catalográfica e normalização bibliográfica).	<b>Não atende</b> – quando não atende a nenhum ou atende apenas a um dos itens H, I, J. <b>Atende</b> – quando atende a, pelo menos, dois dos itens H, I ou J.

**Fonte:** BRASIL - Ministério da Educação – MEC (2002, p.61)

Assim como o acervo, os serviços prestados pela biblioteca são de suma importância para a comunidade acadêmica de uma IES. Conforme abordado nos quadros acima, é para as comissões designadas pelo INEP/MEC avaliarem as condições dos serviços que são oferecidos, bem como se os recursos que estão disponíveis são favoráveis à sua clientela.

Um dos primeiros quesitos nesse indicador que é avaliado é se o horário de funcionamento da biblioteca condiz com os turnos dos cursos que são oferecidos pela IES. Geralmente as bibliotecas universitárias funcionam nos três turnos (manhã, tarde e noite), variando apenas o horário de abertura e encerramento.

O segundo aspecto a ser analisado é se a biblioteca oferece serviços e acessos ao sistema da biblioteca via conta do aluno (portal da própria instituição) ou nos terminais de atendimento e pesquisa. Não pode deixar de mencionar a questão da acessibilidade e se esse

setor proporciona instalações, suportes e ferramentas acessíveis aos portadores de necessidades especiais.

Outro ponto essencial a ser avaliado é o pessoal técnico e administrativo da biblioteca. O MEC exige que um bibliotecário ou mais com seus devidos registros estejam à frente desse setor. Devem contar com auxiliares capacitados para a realização dos serviços. A qualificação e a quantidade também contam bastante como quesito para uma obtenção de pontuação profícua no conceito.

E por fim, apresenta-se o apoio na elaboração de trabalhos acadêmicos, como parte integrante também a ser avaliado. Essas prestações de serviços, tais como elaboração de fichas catalográfica e auxílio nas normalizações científicas, também são diagnosticadas e equiparadas pela comissão avaliadora.

Portanto, tanto na autorização quanto reconhecimento e renovação de reconhecimento, esses itens devem ser observados e seguidos à risca, os quais os conceitos de 1 (um) a 5 (cinco) são prevalecidos para todos os indicadores avaliados. Há autores que questionam esses indicadores estabelecidos pelo MEC, fazendo vários questionamentos e sugestões que serão discutidos mais a frente.

A exemplo disso, no instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância pelo MEC são pontuados os conceitos conforme em 3 (três) indicadores: bibliografia básica, bibliografia complementar e os periódicos especializados, os quais estão nos anexos desse referido estudo.

A próxima subseção abordará a importância do bibliotecário frente à visita do INEP/MEC nas bibliotecas universitárias, seu papel e atuação na difusão das informações e serviços prestados à comissão.

#### 2.4 O papel do bibliotecário na IES e sua atuação frente à avaliação do INEP/MEC

A constituição da profissão do bibliotecário conforme Santos (1998, p.1) passou a acontecer de modo formal em 11 de julho de 1911, através do decreto 8.835, ocasião em que foi fundado o primeiro Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (BN) no Rio de Janeiro. Este teve como principal propulsor Manoel Cícero Peregrino da Silva<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup>Diretor da Biblioteca Nacional entre 1900 e 1924, onde promoveu cursos de Biblioteconomia em 1911. Considerado um dos pioneiros no Brasil do planejamento de documentação bibliográfica e de formação de bibliotecários.

Porém, como toda e qualquer profissão deve ser regulamentada, o curso de Biblioteconomia também teve seu reconhecimento legal e oficial. Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), no seu portal do Trabalho e Emprego estabelece que o Bibliotecário apresenta a norma regulamentadora com a Lei Nº 4.084, de 30 de junho de 1962 - Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula o seu exercício.

Esse profissional tem várias competências para atuar nos espaços de uma unidade informacional, o qual é preciso organizar e disseminar as informações, saber gerenciar, ter habilidades no que concerne às aptidões tecnológicas, sociabilizar suas ideias e ser o mais eficiente possível para que suas capacidades possam tornar sempre o diferencial no mercado de trabalho.

Deste modo, Silva (2015), destaca os múltiplos nichos de atuação do bibliotecário mostrando sua inserção no campo informacional e suas características um processo mais amplo vinculado a uma perspectiva de atuação biblioteconômico-informacional.

**Quadro 05 – Características do mercado informacional**

ORGANIZACIONAL		INSTITUCIONAL	TEMÁTICA
Convencional	Não convencional		
Bibliotecas públicas, universitárias, escolares, especializadas	Organizações de saúde	Público	Gestor
	Organizações jurídicas		
	Empresas		
Arquivos	Indústrias	Privado	Organizador
Museus	Bancos	Público-privado	Mediador
Centros de cultura e documentação	Meios de comunicação	Terceiro setor	Tecnologias
	Editoras, livrarias	Autônomo	Políticas (programas, projetos etc.)
	Ambientes virtuais de aprendizagem		

**Fonte:** Silva (2015)

O quadro estabelece duas instâncias no sentido de identificar as ramificações do mercado informacional onde o bibliotecário pode atuar.

É premente perceber que as características do campo informacional tratam da divisão convencional e a não convencional, em que para Silva (2015, n.p.), “não tem o objetivo de segregar, mas de estabelecer a dinâmica historicista daquilo que é dominante (tradicional) no

campo da informação que é o mercado convencional e o que é emergente no caso do mercado não convencional”.

Assim, é estabelecido por meio da competência profissional e de formação do bibliotecário, a sua atuação em todos esses campos mencionados podendo dá uma maior visibilidade e autonomia ao profissional tornando expansivo e elementar para sua inserção no mercado informacional.

As características, institucional e temática são abordadas no sentido respectivamente de ampliação e de prática do bibliotecário. A institucional dá sentido a um profissional atuante e forma mais independente, apesar se está inserido também no setor público pode dimensionar seu exercício de modo a promover seus próprios negócios. A temática vai além a todas as práticas organizacionais, onde o bibliotecário é tido como um gestor, organizador, mediador, um aplicador de tecnologias e um profissional capaz de dimensionar a política de seu exercício como aparatos de todas as suas características e atuações mencionadas.

Desse modo, as contribuições expostas levam a perceber a dimensão de atuação do bibliotecário no mercado informacional e as suas potencialidades, haja vista que as suas habilidades informacionais estão relacionadas ao acesso da informação, ao conhecimento e ao aprendizado, onde por meio desses três aparatos pode ter uma participação efetiva e uma relação profícua tanto na parte teórica de sua formação, quanto vivenciando a prática.

Para Santana (2014, p.21-22), o bibliotecário pode ser considerado como uma das profissões mais abrangentes no mercado de trabalho, podendo atuar:

Em centros de documentação ou informação, arquivos, centros culturais, centros de memória, museus, editoras, empresas de rádio, TV e Internet, órgãos governamentais, empresas privadas e do terceiro setor, bancos de imagem, serviços de informação em geral, entre outros. Além de tratar e desenvolver recursos de informação, ele pode desenvolver e realizar ações educativas e de ação cultural (principalmente de acesso à leitura); trabalhar com organização e disponibilização de documentação histórica e conservação e restauração de obras raras; integrar e desenvolver estudos e pesquisas em diversas áreas; fazer parte dos processos das empresas na tomada de decisão e na certificação de qualidade; atuar como analista de conteúdo de Internet; administrar, desenvolver e manter bancos de dados, sistemas de informação, bibliotecas digitais e virtuais; organizar sites e portais corporativos, realizando a arquitetura de informação; implementar e integrar os processos de gestão de conhecimento de organizações.

É sabido que sua atuação no mercado de trabalho pôde transformar muito o viés do quadro biblioteconômico, pois com a necessidade de entender seus intuitos e preceitos, se

tornou fundamental para que houvesse a difusão política de classe, constituindo assim profissionais capacitados e habilitados a exercerem seus papéis cabíveis.

Cunha (2003, p.43) afirma nos seus estudos que a profissão do bibliotecário é uma profissão de mediação e de contato, de ‘fazer com o outro’ de ‘fazer para o outro’, em que o bibliotecário só tem a ganhar com a cooperação de diversos profissionais. Desta forma, exerce atividades de extrema responsabilidade e ética, fazendo com que a sua biblioteca seja vista como uma unidade capaz de propiciar à comunidade na qual está inserida melhorias na construção da vida das pessoas.

Com isso a contratação desse profissional, seja em bibliotecas públicas, comunitárias, escolares, universitárias, particulares, entre demais Unidades de Informação, requer desse profissional um bom conhecimento na área administrativa, pois o bibliotecário estará à mercê de resolver tanto as questões burocráticas do setor, bem como em gerenciar a equipe que compõe o corpo de funcionários, administrando assim os trabalhos que serão desenvolvidos e ainda gerindo as tarefas de processamento das informações.

Apresenta-se como um exemplo a organização e disseminação do acervo (seleção, aquisição, catalogação, classificação, indexação, serviço de atendimento, etc.), como também atuando no desenvolvimento de implementação dos sistemas automatizados informacionais, o que presentemente faz certa diferença entre os profissionais da referida área.

Nessa perspectiva, Silva (2009, p.1) complementa essa ideia, abordando que:

O papel do bibliotecário enquanto gestor é coletar, armazenar, tratar, organizar, recuperar e disseminar seletivamente informações importantes aos gestores de empresas, agregando valor a essa informação, tornando-a útil. Seu papel é de suma importância, pois transforma a informação em um fator decisivo na estratégia de competitividade empresarial. [...] Como profissional da informação o bibliotecário deve aprimorar o seu perfil profissional para atender as necessidades dos diversos tipos de organizações empresariais.

Diante de tal fato, é evidenciado que o bibliotecário de hoje não se restringe apenas ao mundo dos livros e ao acervo no geral, mas, sim, na busca em desenvolver atividades que são condizentes com a realidade da sua formação. E para aqueles que trabalham em bibliotecas universitárias, são preparados a receber a visita *in loco* de comissões de avaliação enviadas pelo INEP/MEC com todas as suas prerrogativas e critérios de análise para fazerem as avaliações.

Os gestores das IES devem saber e terem consciência da importância do bibliotecário dentro de uma instituição. O papel que ele exerce é de extrema relevância e fundamental para

o desenvolvimento da instituição, sendo fator influente na avaliação do INEP/MEC. Espera-se deste profissional conhecimento teórico e prático o suficiente para atender as necessidades de sua comunidade de usuários, além de possibilitar o alcance de níveis elevados dos critérios de avaliação impostos.

Nessa mesma linha, complementa Dudziak (2007, p. 96), discernindo que o bibliotecário como bom líder, deve possuir uma atitude proativa, valorizando o diálogo com a comunidade, buscando continuamente a democratização do acesso, intelectual e físico, à informação, e também cooperando com pares e outros profissionais. Desta forma, consequentemente, a biblioteca se torna mais vista e agradável aos olhos de sua comunidade, fazendo com que essa boa liderança e presteza se tornem o diferencial nas avaliações.

São estas possibilidades direcionadas ao papel do bibliotecário dentro de suas bibliotecas que os tornam e os mostram cada vez mais habilitados a desenvolver os serviços da biblioteca de modo eficiente e eficaz, corroborando com o crescimento da instituição e proporcionando um excelente desempenho nas visitas.

Os bibliotecários, por sua vez, devem estar alocados nas bibliotecas principalmente desenvolvendo todas as funções acima descritas. Não devem permitir a inserção de outros profissionais, na execução das técnicas bibliotecômicas e nem na gestão da biblioteca, uma vez que esse profissional está apto a desenvolver e gerenciar todas as ocupações que pertencem a esta unidade.

Exige-se do bibliotecário que irá receber comissões de avaliação em sua IES, uma postura efetiva do profissional que condiz com o papel de um mediador entre a sociedade e a particularidade da informação e manter, sobretudo, a ética profissional. De acordo com Santos (1996, p.8) a profissão no Brasil dispõe de um Código de Ética desde 1963 atualizado em 1986.

Com base no explicitado anteriormente, compreende-se a necessidade do bibliotecário dedicar-se ao estudo e à prática da gestão de unidades de informação voltadas ao ensino superior, desta maneira, a sua prática profissional será desenvolvida de maneira eficaz e eficiente, alinhada aos objetivos de sua instituição mantenedora.

Para isso é imprescindível à participação do bibliotecário nos processos de credenciamento, reconhecimento e avaliação da IES e seus respectivos cursos, colaborando com seus conhecimentos de área e no auxílio na confecção das bibliografias e documentos de interesse institucional.

Rocha (2007, p.26), lista algumas funções que o bibliotecário deve estar ciente e desenvolver ao receber uma comissão:

- Ter transparência ao relatar o trabalho da biblioteca;
- Apresentar clima de tranquilidade durante a visita, acarretada pela segurança que o bibliotecário transmite para a comissão avaliadora;
- Elaborar novos projetos de trabalho para implantação de serviços, já que o bibliotecário encontra-se estimulado pelos resultados positivos da avaliação *in loco* e encontra-se totalmente engajado ao trabalho da IES.

Logo, o bibliotecário exercendo esses tipos de funções e se os documentos oferecidos à comissão forem elaborados de acordo com os instrumentos exigidos pelo MEC, a sua avaliação no contexto geral, conseqüentemente será positiva trazendo assim todo mérito e a tudo que foi descrito acima que pertence a este profissional.

É sabido ainda que as comissões do MEC por mais que usufruam do manual de avaliações dos cursos, apresentam subjetividade, ou seja, variam muito, pois de certo modo os avaliadores são docentes das diversas áreas do conhecimento, sendo credenciados ao INEP, os quais geralmente possuem áreas afins com o curso avaliado.

Para o bibliotecário, a cada comissão do MEC que ele recebe, é como se fosse uma espécie de incógnita, pois, sabe o que poderá ser solicitado por meio dos instrumentos citados, porém há uma existência de comissões mais exigentes e outras mais objetivas.

Para Oliveira (2002, p. 219),

Os padrões estabelecidos pelas comissões de especialistas do MEC causam impacto nas práticas do bibliotecário, nas atividades de gestão de acervos, produtos, serviços e, principalmente, no desenvolvimento de coleções, pois apresentam indicadores diferentes para cada curso, e com exigências variadas.

Esse, infelizmente, é retratado e relatado por muitos bibliotecários que recebem essas comissões, por não haver uma padronização fixa do que realmente será avaliado. A inconstância das comissões angustia muitos profissionais mesmo trabalhando dentro dos parâmetros exigidos e mesmo atingindo todos os quesitos.

Dziekaniak (2006, p. 179), critica as avaliações realizadas pelos especialistas do MEC,

Apesar de haver um instrumento norteador para as avaliações das bibliotecas, também ocorreram, acima de tudo, avanços na área, entre 2002 (data de publicação dos Manuais de Avaliação dos Cursos) e os dias de hoje. Dessa forma, os manuais não podem ser “camisas de força” para as bibliotecas, e sim um instrumento no qual estão explicitados os principais aspectos a serem avaliados, contudo estão longe de ser um instrumento completo, capaz de abordar todos os quesitos importantes em uma biblioteca universitária, já que estas são organismos vivos, em constante evolução.



A autora levanta a discussão ao refletir que os bibliotecários não obrigatoriamente devem trabalhar em cima apenas do que esse órgão exige, mas, sobretudo rever sua posição frente às comissões. As atividades biblioteconômicas e os serviços prestados por sua biblioteca devem existir independentes de visitas ou não e sua postura perante as avaliações deve ser de acordo com sua profissão e conhecimento de área.

Há autores como Lubisco (2001) e Oliveira (2002) citadas posteriormente, que defendem rigorosamente a inclusão de bibliotecários nas comissões enviadas pelo INEP/MEC, pois o que são constatados avaliadores voltados para as suas áreas de atuação, avaliando mais afincos os laboratórios, corpo docente, plano de curso e as bibliografias e instalações da biblioteca.

Havendo a inserção do bibliotecário nas comissões de avaliação nos processos autorização e de reconhecimento de cursos de graduação, tornariam as avaliações mais precisas e coerentes com as bibliotecas universitárias. Como não há relatos da existência de cobrança/mobilização desses profissionais junto ao Ministério da Educação para que as comissões de avaliação passem a ser compostas, também, por bibliotecários, chega-se à conclusão que “[...] a ausência de profissionais bibliotecários nas comissões de avaliação do MEC causa prejuízos às avaliações das bibliotecas universitárias, e conseqüentemente, dos cursos de graduação” (DZIEKANIAK, 2006 p. 180).

A ideia norteadora propõe a cobrança de fato de profissionais dessa área nas comissões, e também projetos e estudos dos próprios bibliotecários voltados a essa temática. A discussão de tal assunto nos órgãos de classe e o envolvimento dos bibliotecários cada vez nas fiscalizações traria mais consonância para as avaliações e precisão nas análises realizadas nas bibliotecas universitárias.

A melhor resposta para tal entendimento é de fato a inserção desse profissional não somente nas comissões de avaliações *in loco*, como também na participação dos mesmos nos processos de elaboração dos instrumentos de avaliação.

Desse modo que Silva (2014, p. 7) propõe que haja a inclusão de bibliotecários nas comissões de avaliações do INEP/MEC melhorando a avaliação onde a biblioteca saia da dimensão “Instalações físicas” e seja considerada uma categoria de análise distinta para obter um status acadêmico-pedagógico dentro da IES. Essa é até uma proposta também de um modelo de avaliação em BU pelo MEC realizada pela autora Lubisco, a qual trata de questões pertinentes a avaliação, bem como de melhorias e mudanças dos instrumentos avaliativos. Para esta autora, pode levar à suposição de que se a avaliação da variável biblioteca contasse com a presença de um profissional bibliotecário, além de um elenco de padrões de qualidade e

indicadores de desempenho específicos, certamente ofereceria maior visibilidade de sua função e de sua contribuição para o desempenho do curso (LUBISCO, 2001, p. 170). Portanto, tanto esse modelo da Lubisco de atuação do MEC em BU's quanto os demais autores sugerem ações e propostas que serão a seguir discorridos e demonstrados.

#### **2.4.1 Ações, modelos e estratégias de atuação para avaliação do INEP/MEC em bibliotecas universitárias: análise de alguns instrumentos**

Conforme abordado anteriormente, alguns autores da própria área de Biblioteconomia fizeram estudos de como é realizada as avaliações pelo INEP/MEC nas bibliotecas universitárias, apontando também seus pontos de vista assim como propostas de melhorias.

A exemplo disso, a autora Lubisco (2001), que é bastante conhecida nessa área a qual trata a avaliação do MEC de forma crítica e limitada. Igualmente aos demais autores que trabalham com essas análises sobre a avaliação do MEC em BU's, a Lubisco é bastante enfática ao concordar com a falta de alguns instrumentos que poderiam ser avaliados, assim como de uma base teórica que sustente os procedimentos metodológicos específicos para esse tipo de avaliação, principalmente na sua relação com o desempenho dos cursos de graduação. Seu estudo foi baseado em dois objetivos, sendo um,

[...] conhecer a base teórica que as Comissões de Especialistas do Ministério utilizaram para estabelecer os indicadores referentes à variável biblioteca; e o outro, averiguar empiricamente a adequação desses indicadores para revelar o papel da biblioteca no desempenho do curso de graduação (LUBISCO, 2001, p. 208).

A mesma realizou entrevistas como instrumento de coleta de dados, com coordenadores de colegiados e bibliotecários no seu local de estudo, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), os quais relataram, por meio de suas respostas, opiniões e visões sobre as avaliações. Assim, para o levantamento dos dados empíricos segundo Lubisco (2001, p. 150),

Procurou-se conhecer conteúdo e forma da Avaliação das Condições de Oferta, segundo o entendimento dos docentes e a opinião dos bibliotecários, tendo como pano de fundo a função precípua da biblioteca universitária, qual seja, a de prover a comunidade acadêmica de recursos bibliográficos e informacionais para que ela possa cumprir os objetivos da instituição, no campo do ensino e da pesquisa. Convém acrescentar que o provimento desses recursos deve ocorrer mediante a intermediação usuário-informação, levando em conta a organização desses recursos e os mecanismos de acessá-los, usá-los e disseminá-los com eficiência, eficácia e efetividade.

A autora escolheu esses dois tipos de categorias para serem entrevistados, pois os mesmos são fundamentais nas participações diretas das avaliações. Tratando do questionamento que fora aplicado aos bibliotecários, teve como objetivos:

- Conhecer a base teórica utilizada pelo MEC para estabelecer os indicadores referentes à variável biblioteca; e
- Analisar a adequação desses indicadores para demonstrar o papel que ela tem para o desempenho do curso.

A entrevista, sendo um dos procedimentos adotados para a execução dos objetivos da autora, foi estabelecida por 13 questionamentos, onde os bibliotecários foram orientados a apresentar o mapa dos conceitos do Provão (ENC) e da Avaliação das Condições de Oferta (ACO); a confirmar a visita da Comissão da Avaliação (mês e ano) e a confirmar recebimento do Relatório Final encaminhado pela SESu, contendo os conceitos finais de cada dimensão avaliada e as recomendações (LUBISCO, 2001, p. 241).

Por sua vez, apresenta conclusões preliminares em duas direções:

- a) a pouca consistência dos critérios de avaliação das bibliotecas para a avaliação do desempenho dos cursos;
- b) a inadequação dos instrumentos de medida adotados pelo MEC, mais pela falta de uma metodologia própria e de uma base teórica, do que pelas fragilidades estruturais e conjunturais que as bibliotecas da UFBA apresentam e enfrentam (LUBISCO, 2001, p.156).

Foram realizadas análises comparativas dos instrumentos que o MEC exige nas avaliações e a autora evidencia na sua pesquisa, que tratando especificamente da biblioteca os referidos instrumentos para a avaliação não incluem padrões específicos, ou seja, medidas de avaliação ou parâmetros – mostrando esses indicadores inadequados, insuficientes e passíveis de interpretação subjetiva (LUBISCO, 2001, p. 168).

No quesito geral ou no todo, a Avaliação das Condições de Oferta, tanto para o Reconhecimento quanto para o Credenciamento, tratando dos instrumentos, a autora Lubisco (2001, p. 166-167) conclui que

[...] não dispõem de instrumentos próprios para implementar seus respectivos processos avaliativos, utilizando-se do instrumental da modalidade Autorização. Essa situação, no caso específico da ACO e segundo um dos assessores *ad-hoc* do MEC, foi confirmada: as Comissões aplicam aqueles instrumentos [de Autorização] e os adaptam segundo as necessidades indicadas pela prática. Isto significa que as Comissões de Especialistas recorrem aos instrumentos de Autorização para implementar a Avaliação das Condições de Oferta, donde se conclui que o instrumental de

Autorização pode ser considerado básico, pois serve também às modalidades Reconhecimento e Credenciamento.

De fato, é esse o ensejo de estabelecer uma espécie de molde, ou roteiro de avaliação que siga de modo criterioso, os instrumentos que deveriam ser analisados e avaliados em uma biblioteca universitária, cobrando mais afincos não apenas o acervo e estrutura física como também os serviços, a qualificação do corpo técnico, sua política e demais atividades e projetos que a envolve.

Foi diagnosticado diante algumas respostas dos questionários aplicados, a ausência de bibliotecários nas comissões do INEP/MEC, o que é de suma importância para os bibliotecários questionados à presença desse profissional sendo já abordado nesse estudo e a falta de integração dos docentes do curso avaliado com a biblioteca, ou seja, a falta de conhecimento específico e de prática no uso da biblioteca.

Lubisco (2001, p. 202) diante sua pesquisa, atentou-se para o seguinte resultado:

O aspecto restritivo ao sucesso da Avaliação das Condições de Oferta pode ser creditado à falta de conhecimentos específicos sobre biblioteca e suas potencialidades, por parte dos membros das Comissões do MEC e dos Coordenadores de Colegiado, e à pouca expansão dada pelos bibliotecários aos indicadores para avaliar a biblioteca, fatores que determinam, respectivamente, demanda e oferta de qualidade indesejável.

Portanto, diante desses resultados que foram bem pertinentes para sua pesquisa e de fato importantes para sua proposta inicial, a autora foi impulsionada em outro estudo a sugerir um modelo para a avaliação da biblioteca universitária brasileira, com a finalidade de discuti-lo, aperfeiçoá-lo e adequá-lo à realidade nacional.

Lubisco (2008, p. 166), defende ainda a ideia de que em relação ao instrumento do INEP/MEC,

[...] a primeira mudança que se propõe para o novo modelo é que a biblioteca retorne à sua condição de categoria de análise no processo de avaliação, deixando a condição de “Instalação Física” da universidade. Com esta medida, pretende-se que a biblioteca universitária logre um status acadêmico-pedagógico dentro da IES. Em consequência, mudam também os grupos de indicadores.

Como já foi descrito anteriormente, isso se dá pelo fato de que a avaliação da biblioteca universitária está categorizada no indicador de Instalação física, que engloba toda a estrutura da IES, inclusive os laboratórios.

Assim, Lubisco (2008, p.167), para adotar um novo modelo elaborado por si própria, permanece com a mesma estrutura estabelecida pelo INEP, havendo apenas mudança

estrutural sendo realizada no número de colunas do formulário, ou seja, no lugar de duas (Indicadores a serem avaliados e Critérios para atribuição de conceitos) vai-se trabalhar com quatro (Grupos de indicadores; Indicador; Critérios para estabelecer a nota; Nota).

Faz dois quadros dividindo as **instalações físicas** (geral) da **biblioteca** (específica), onde temos abaixo o quadro que trata da biblioteca como categoria de análise 3:

**Quadro 06 - Indicadores de análise - Biblioteca**

<b>Grupos de Indicadores</b>	<b>Ponderação</b>
3.1 Administração (ADM)	25
3.2 Contexto Acadêmico (CAC)	20
3.3 Formação, desenvolvimento e processamento técnico das coleções (FDC)	25
3.4 Serviços de atenção ao usuário (SAU)	30

**Fonte:** Lubisco (2008, p.168).

Daí a autora explica e pontua detalhadamente esses quatro grupos de indicadores, os quais são contextualizados e definidos de acordo com os parâmetros de uma biblioteca universitária. As ponderações também são explicitadas e pensadas detalhadamente para não atingirem negativamente nos resultados avaliados.

De forma sintetizada, Lubisco explica os 4 itens percorridos, destacando cada ponto e seu grau de importância. O item 3.1 – Administração deve ser avaliada o desenvolvimento institucional do ponto de vista do órgão coordenador do sistema de bibliotecas; o planejamento e avaliação; a formação do pessoal; o espaço físico; o funcionamento; a infraestrutura para os serviços; a segurança e as condições ambientais. No 3.2 - Contexto Acadêmico são avaliados os usuários e o pessoal da biblioteca (RH). Em seguida apresenta o 3.3 com a Formação, desenvolvimento e processamento técnico das coleções que por sua aborda a seleção e aquisição bibliográfica, a catalogação e a acessibilidade da coleção. E por fim, tem-se o 3.4 que são os Serviços de atenção ao usuário este é correlacionado aos tipos, quantidade e qualidade dos serviços prestados aos usuários.

De forma estrutural segue abaixo para melhor visualização e entendimento:

### 3.1 Administração

3.1.1 Desenvolvimento institucional do ponto de vista do órgão coordenador do sistema de bibliotecas

3.1.2 Planejamento e avaliação

3.1.3 Formação do pessoal

3.1.4 Espaço físico

3.1.5 Funcionamento

3.1.6 Infraestrutura para os serviços

3.1.7 Segurança e condições ambientais

### 3.2 Contexto Acadêmico

3.2.1 Usuários

3.2.2 Pessoal da biblioteca

### 3.3 Formação, processamento técnico e desenvolvimento de coleções

3.3.1 Seleção bibliográfica

3.3.2 Aquisição bibliográfica

3.3.3 Catalogação

3.3.4 Acessibilidade da coleção

### 3.4 Serviços de atenção ao usuário

3.4.1 Tipos, quantidade e qualidade (LUBISCO, 2008, p.72-190)

A priori estes são os indicadores levantados e postos por Lubisco, os quais mais à frente a autora, além de colocá-los como modelos, apresentam ainda os critérios de cada item desses acima como forma de atribuir nota e padrões.

Conclui com a ideia de que esse modelo possa beneficiar, de um lado, o INEP ao qual ele se destina para utilizá-lo na sua tarefa de avaliação das IES; e de outro os sistemas bibliotecários das universidades brasileiras, tanto para enfrentar os processos de avaliação, quanto para elaborar o planejamento e a gestão de seus respectivos sistemas de bibliotecas (LUBISCO, 2008, p. 194).

Outros modelos ou padrões também são adotados por outros autores ou associações como, por exemplo, a American Library Association (ALA), a qual também é discutindo na obra de Lubisco (2001, p. 168-169):

Oferecendo não uma metodologia de avaliação, mas um conjunto de princípios que foram divididos em três elementos:

- A matéria-prima da biblioteca (*inputs*), isto é, seus recursos financeiros, espaço, coleção, equipamentos, equipe;
- Os produtos que quantificam o trabalho executado nas bibliotecas (*outputs*), isto é, número de livros em circulação, questões de referência respondidas e não respondidas etc;
- Os resultados ou impactos ou ainda as medidas qualitativas (*outcomes*), que mostram a mudança sofrida pelos usuários em decorrência do seu contato com recursos e serviços da biblioteca.

São perceptíveis e bem aclaradas o quão se precisa ainda mudar em relação às avaliações. Muitos quesitos são explanados, discutidos e ocasionados pelo INEP por não proporcionar uma padronização mais à risca das avaliações *in loco* nas bibliotecas. Há muito que se avaliar e há muito a ser cobrado. Como existem autores que pegam os indicadores já existentes por esse órgão e que trabalham de forma a explicar a melhor maneira de organizar, agir e receber as comissões do MEC como é o caso da bibliotecária Rocha.

Em um dos seus estudos, a autora mostra uma espécie de guia que trata dos mecanismos de trabalho na biblioteca universitária que devem seguidos pelos bibliotecários. São pontuados a atuação desse profissional perante a visita da comissão do MEC, a importância do bibliotecário conhecer o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de sua IES e como se dá os processos de credenciamento, autorização, reconhecimento, renovação de reconhecimento e de credenciamento, legislação do ensino superior, as avaliações e toda a estrutura organizacional.

Conhecendo esses pontos Rocha (2012), adentra nos processos da biblioteca. Recomenda a leitura dos instrumentos de avaliação disponibilizados pelo MEC/INEP e explica como se dá a dimensão que trata das instalações físicas e seus indicadores, que pertence as instalações físicas, indo direto ao item 3.6 que diz respeito a biblioteca.

Nesse item Rocha (2012) aborda as instalações para o acervo e o seu funcionamento; a informatização; a política de aquisição, expansão e atualização do acervo; e, por fim, expõe a o cálculo da nota final, o qual conforme já fora mencionado, equivale ao peso de 40%.

O quadro abaixo exemplifica melhor como a autora Rocha (2007) expôs esses itens e os definiu.

**Quadro 07 - Instrumentos de avaliação - Biblioteca**

Indicadores	Definição
Instalações para o acervo e o seu funcionamento	<p>Quando há instalações equipadas para o acervo da biblioteca, que incorporam concepções arquitetônicas, tecnológicas e de acessibilidade específicas para suas atividades, <b>atendendo plenamente</b>, aos requisitos de: dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação, conforto, horários de atendimento e espaços para estudos individuais e em grupos. (conceito 5 – representa 100%)</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Atendendo adequadamente (conceito 4 – representa mínimo 75%).</li> <li>2. Atendendo suficientemente (conceito 3 - representa mínimo 50%).</li> </ol>

	<p>3. Atendendo de maneira insuficiente (conceito 2 - representa mínimo 25%).</p> <p>4. Instalações precárias ou inexistentes (conceito 1 - representa aquém 25%).</p>
Informatização	<p>Quando a informatização da biblioteca é tal que os computadores, os programas e aplicativos são de tecnologia atual e em quantidades que <b>atendam plenamente</b> as demandas previstas para a utilização do acervo, permitindo diversas formas de pesquisa, reserva de livros on line, acesso via Internet. (conceito 5)</p> <p>1. Atendendo adequadamente (conceito 4).  2. Atendendo suficientemente (conceito 3).  3. Atendendo insuficientemente (conceito 2).  4. Quando não há informatização (conceito 1).</p>
Política de aquisição, expansão e atualização do acervo	<p>Quando a instituição apresenta um acervo <b>dimensionado acima da média</b> da demanda inicial prevista para os cursos e apresenta uma política de aquisição, expansão e atualização do acervo que <b>atende plenamente</b> ao disposto no PDI. (conceito 5)</p> <p>1. Adequadamente dimensionado / Atende adequadamente (4).  2. Suficientemente dimensionado / Atende suficientemente (3).  3. Insuficientemente dimensionado / Atende insuficientemente (2).  4. Apresenta acervo inadequado / Não apresenta política (1).</p>

Fonte: Rocha (2012)

É de grande relevância perceber como Rocha (2012) explica os itens avaliativos colocados pelo INEP/MEC e os conceitos de 1 a 5 em relação ao que será encontrado na biblioteca a qual será avaliada. Essas diretrizes abordadas pela autora chegam a sanar algumas dúvidas de bibliotecários, principalmente aqueles que são recém-chegados a uma biblioteca universitária, dando um norte e propiciando aos mesmos a forma de agir e atuar perante a visita.

Para Oliveira (2002, p. 219), em relação aos instrumentos de avaliação elaborados pelo MEC, faz uma crítica advertindo em seu estudo que



É observado a existência de um único padrão para autorização, reconhecimento e credenciamento de curso, e as situações de avaliação são diferentes, o que, por sua vez, requerem instrumentos distintos. Parece grave e insuficiente ter um único instrumento para avaliar as diferentes IES e suas respectivas bibliotecas, ou seja, o instrumento é o mesmo para universidades, faculdades isoladas, centros universitários e os demais tipos de IES, mesmo que a missão e a definição legal seja diversa. Desta maneira, homogeneiza o que é diverso e desqualifica e desconsidera as singularidades.

Como a própria autora descreve, as mesmas exigências estão nas avaliações de autorização, reconhecimento e renovação, o que poderiam divergir e seguir a padrões específicos, havendo assim a importância de ter uma elaboração de indicadores pertinentes para cada tipo de categoria e para cada tipo de IES, adequando-se, sobretudo, a sua realidade.

Porém, recentemente o INEP/MEC através do SINAES, atualizou o Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e à distância – autorização, renovação e renovação de reconhecimento, nos graus de tecnólogo, de licenciatura e de bacharelado.

Por se tratar de mudanças principalmente no trato das bibliografias, as instituições passarão a receber avaliações pelo instrumento vigente no momento da inscrição, ou seja, somente as avaliações solicitadas em 2018 deverão se adequar aos novos instrumentos. Enquanto isso, os avaliadores terão treinamentos e estarão avaliando as IES pelo instrumento antigo.

Conforme (BRASIL, 2017, n.p), “os instrumentos estão publicados, por meio de portaria, em 31 de outubro de 2017, e estão disponíveis no portal do Inep. A previsão é que comecem a ser usados a partir de março de 2018”.

Para melhor entendimento, serão expostas as imagens dos instrumentos que estão em vigência e as imagens dos novos instrumentos.

Quadro 08 - Indicadores

Indicador	Conceito	Critério de Análise
3.6. Bibliografia básica  (Para fins de autorização, considerar o acervo da bibliografia básica disponível para o primeiro ano do curso, se CSTs, ou dois primeiros anos, se bacharelados/licenciaturas)	1	Quando o acervo da bibliografia básica <b>não está</b> disponível; ou quando está disponível na proporção média de um exemplar para <b>20 ou mais</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo; ou quando o acervo existente <b>não está</b> informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES; ou quando <b>não existe</b> um mínimo de três títulos por unidade curricular.
Nos cursos que possuem acervo virtual (pelo menos 1 título virtual por unidade curricular), a proporção de alunos por exemplar físico passa a figurar da seguinte maneira para os conceitos 3, 4 e 5: Conceito 3 – de 13 a 19 vagas anuais Conceito 4 – de 6 a 13 vagas anuais Conceito 5 – menos de 6 vagas anuais	2	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para a faixa de <b>15 a menos de 20</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
Procedimentos para cálculo:  Identificar as unidades curriculares (disciplinas) do curso, identificar os títulos (livros) da bibliografia básica em cada unidade, localizar o quantitativo (nº de exemplares) de cada título relacionado, dividir o nº de vagas pelo somatório de exemplares em cada disciplina e calcular a média dos resultados das divisões anteriores.	3	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para a faixa de <b>10 a menos de 15</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	4	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para a faixa de <b>5 a menos de 10</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
Caso algum título da bibliografia básica atenda a outro(s) curso(s), é necessário dividir o total de vagas do(s) outro(s) curso(s) pelo total de exemplares do título e recalcular a média considerando esses valores.	5	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para <b>menos de 5</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.

Fonte: Brasil (2015, p. 29).

## Figura 02 - Bibliografia básica por unidade curricular

### INDICADOR 3.6 Bibliografia básica por Unidade Curricular (UC)

Considerar o acervo da bibliografia básica para o primeiro ano do curso (CST) ou para os dois primeiros anos (bacharelados/licenciaturas).

(continua)

CONCEITO	CRITÉRIO DE ANÁLISE
1	<p>O acervo <b>físico não</b> está <b>tombado</b> e <b>informatizado</b>; <b>ou</b> o <b>virtual não possui</b> contrato que garante o acesso ininterrupto pelos usuários; ou pelo menos um deles <b>não</b> está <b>registrado</b> em nome da IES.</p> <p><b>Ou</b> o acervo da <b>bibliografia básica não</b> é <b>adequado</b> em relação às unidades curriculares e aos conteúdos descritos no PPC <b>ou não</b> está <b>atualizado</b>, considerando a natureza das UC.</p> <p><b>Ou, ainda, não está</b> referendado por relatório de adequação, <b>ou não está assinado pelo NDE</b>, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.</p>
2	<p>O acervo <b>físico</b> está <b>tombado</b> e <b>informatizado</b>, o <b>virtual possui</b> contrato que garante o acesso ininterrupto pelos usuários <b>e ambos</b> estão <b>registrados</b> em nome da IES.</p> <p>O acervo da <b>bibliografia básica</b> é <b>adequado</b> em relação às unidades curriculares e aos conteúdos descritos no PPC <b>e</b> está <b>atualizado</b>, considerando a natureza das UC.</p> <p><b>Porém, não está</b> referendado por relatório de adequação, <b>ou não está assinado pelo NDE</b>, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.</p> <p><b>Ou, nos casos dos títulos virtuais, não há garantia</b> de acesso físico na IES, com instalações e recursos tecnológicos que atendem à demanda e à oferta</p>
3	<p>O acervo <b>físico</b> está <b>tombado</b> e <b>informatizado</b>, o <b>virtual possui</b> contrato que garante o acesso ininterrupto pelos usuários <b>e ambos</b> estão <b>registrados</b> em nome da IES.</p> <p>O acervo da <b>bibliografia básica</b> é <b>adequado</b> em relação às unidades curriculares e aos conteúdos descritos no PPC <b>e</b> está <b>atualizado</b>, considerando a natureza das UC.</p> <p>Da mesma forma, está <b>referendado</b> por relatório de adequação, <b>assinado pelo NDE</b>, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) <b>e</b> a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.</p> <p>Nos casos dos títulos <b>virtuais, há garantia</b> de acesso físico na IES, com instalações e recursos tecnológicos que atendem à demanda e à oferta ininterrupta via internet, bem como de ferramentas de acessibilidade e de soluções de apoio à</p>

	leitura, estudo e aprendizagem.
4	<p>O acervo <b>físico</b> está <b>tombado</b> e <b>informatizado</b>, o <b>virtual possui</b> contrato que garante o acesso ininterrupto pelos usuários e <b>ambos</b> estão <b>registrados</b> em nome da IES.</p> <p>O acervo da <b>bibliografia básica</b> é <b>adequado</b> em relação às unidades curriculares e aos conteúdos descritos no PPC e está <b>atualizado</b>, considerando a natureza das UC.</p> <p>Da mesma forma, está <b>referendado</b> por relatório de adequação, <b>assinado pelo NDE</b>, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.</p> <p>Nos casos dos títulos <b>virtuais</b>, <b>há garantia</b> de acesso físico na IES, com instalações e recursos tecnológicos que atendem à demanda e à oferta ininterrupta via internet, bem como de ferramentas de acessibilidade e de soluções de apoio à leitura, estudo e aprendizagem.</p> <p>O acervo <b>possui</b> exemplares, <b>ou</b> assinaturas de acesso virtual, de periódicos especializados que suplementam o conteúdo administrado nas UC</p>
	(conclusão)
CONCEITO	CRITÉRIO DE ANÁLISE
5	<p>O acervo <b>físico</b> está <b>tombado</b> e <b>informatizado</b>, o <b>virtual possui</b> contrato que garante o acesso ininterrupto pelos usuários e <b>ambos</b> estão <b>registrados</b> em nome da IES.</p> <p>O acervo da <b>bibliografia básica</b> é <b>adequado</b> em relação às unidades curriculares e aos conteúdos descritos no PPC e está <b>atualizado</b>, considerando a natureza das UC.</p> <p>Da mesma forma, está <b>referendado</b> por relatório de adequação, <b>assinado pelo NDE</b>, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.</p> <p>Nos casos dos títulos <b>virtuais</b>, <b>há garantia</b> de acesso físico na IES, com instalações e recursos tecnológicos que atendem à demanda e à oferta ininterrupta via internet, bem como de ferramentas de acessibilidade e de soluções de apoio à leitura, estudo e aprendizagem.</p> <p>O acervo <b>possui</b> exemplares, <b>ou</b> assinaturas de acesso virtual, de periódicos especializados que suplementam o conteúdo administrado nas UC.</p> <p>O acervo é gerenciado de modo a atualizar a quantidade de exemplares e/ou assinaturas de acesso mais demandadas, sendo adotado plano de contingência para a garantia do acesso e do serviço.</p>

Fonte: Brasil (2017, p.37)

As bibliografias da Complementar, não foram *printadas* por que apesar de terem suas especificidades, possuem os mesmos parâmetros. Porém, nota-se que a maior mudança em escala de comparação é em relação aos livros físicos e virtuais.

Os novos instrumentos, apesar de não terem ficado nítidos, o que é uma pontuação negativa, abordam sobre o uso de títulos virtuais nas bibliografias básica e complementar com mais ênfase. Salientam que as IES devem oferecer instalações e recursos tecnológicos que

supram a demanda da comunidade acadêmica por meio de *internet*, ferramentas de acessibilidade e contrato de bibliotecas (acervos) virtuais registrados pela IES.

Rocha (2018), em um *workshop*, tratou do tema atual apresentando um panorama geral sobre todas as atualizações no que cerne os processos regulatórios e a avaliação das BU's. Porém, a autora também ressaltou que os avaliadores ainda não passaram por nenhum treinamento em relação aos novos instrumentos, bem como estão realizando as suas visitas *in loco* de acordo com o manual de verificação anterior.

Segundo o INEP (2017), o aprimoramento dos indicadores de avaliação dos cursos e de instituições,

[...] adotará novos instrumentos de avaliação externa para o monitoramento da qualidade dos cursos de graduação presenciais e a distância, assim como das instituições de educação superior. A Portaria publicada no *Diário Oficial da União*, regulamenta os procedimentos de competência do instituto referentes à avaliação de instituições de educação superior, de cursos de graduação e de desempenho acadêmico de estudantes.

Havendo uma padronização mais detalhada ou que abarque de fato todos os critérios que envolvem a biblioteca é o grande questionamento. O que os bibliotecários examinam de fato é a atual forma de avaliação que está sendo realizada nas bibliotecas universitárias e por quem está sendo realizada. Esse estudo aqui realizado propõe também diretrizes e nortes de avaliação adequada, bem como mostrar o quão grandioso é uma biblioteca de uma IES, assim como o quanto se pode ser extraído dela por meio de um modelo.

Dessa forma, a seção seguinte mostra a biblioteca universitária como grande protagonista no cenário acadêmico e que exerce um papel fundamental na atuação dos seus serviços, produtos, na preservação da memória, na otimização da comunicação científica e na organização do conhecimento podendo sobretudo ser explorada pelas comissões do MEC.

### **3 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO AMBIENTE INFORMACIONAL, EDUCACIONAL E CULTURAL**

A trajetória histórica da biblioteca universitária é marcada por diversas abordagens e atuações. À medida que foi evoluindo e se adaptando de acordo com o tempo que passara, o seu papel social, cultural, educacional e informacional também foi se desenvolvendo e acompanhando desde a evolução da escrita até a atual conjuntura com a evolução da tecnologia.

Como sua especificidade está atrelada às Universidades, não obstante as primeiras bibliotecas universitárias surgiram no período da Idade Média em consonância com as universidades. Essas bibliotecas eram na época atreladas às tradições religiosas, como os mosteiros, mas começavam a oferecer acervos que tinham bibliografias sugeridas pelos cursos superiores.

Existe, portanto, todo um processo de tramitação e surgimento de várias bibliotecas universitárias paralelas às universidades que lutaram para exterminar a visão de bibliotecas como guardiã de livros e de acesso restrito, para um tipo de biblioteca onde o conhecimento fosse acessível e disponível para o constructo intelecto, social e cultural do ser humano.

Bem diferente das bibliotecas medievais, onde as normas de estudos e leitura eram controladas, observadas e seus acervos por vezes acorrentados, com a explosão bibliográfica em consequência da invenção da imprensa feita por Gutemberg no século XV, as bibliotecas universitárias passam também a crescer não apenas em quantidade, mas em qualidade. O conhecimento que antes era limitado por correntes, passa a ser difundido e abarcado por diferentes suportes.

As bibliotecas universitárias são pautadas por grande marco históricos, sofrendo influências e mudanças no decorrer dos tempos. No Brasil, estas surgem logo no período jesuítico, simultaneamente com as escolas do ensino superior, onde por volta da década de 60 do século XX acontece um aumento profícuo da criação de muitas universidades tendo assim uma maior expansão das bibliotecas universitárias (NUNES; CARVALHO 2016, p. 185).

Define a biblioteca universitária como um local partícipe de uma instituição de ensino superior, onde depende da sociedade acadêmica estando ligada diariamente no convívio daqueles que buscam a sabedoria e em todo campo do conhecimento e da educação.

Nesse contexto, conforme Diógenes (2012, p. 36),

A biblioteca universitária faz parte da história da evolução da civilização, do contexto institucional do conhecimento científico. Ela vem sofrendo influências dos vários períodos históricos se constituindo em instrumento

também de transformação da sociedade na medida em que deve propiciar um ambiente para a criação e comunicação da pesquisa e assegurar o acesso de informação adequada à comunidade universitária.

Tendo como objeto principal a preservação, a coleta o tratamento e disseminação da informação, a biblioteca universitária tem como missão atender às necessidades informacionais do corpo discente, docente e técnico das universidades, em consonância com seus programas.

Em vista disso, o objeto de atuação da BU envolve um conjunto de processos que vai desde a preservação passando pelo acesso, recuperação, uso e apropriação da informação. A biblioteca universitária oferece desde os serviços técnicos até o crescimento político, social e intelectual de seus usuários. Portanto, tem potencial no desenvolvimento de seus serviços assim como no uso de tecnologias no processo de disseminação e recuperação das informações, permeando a produção e cientificação do conhecimento. Seus significados, no entanto, extrapolam os limites de alguns conceitos, permeando, assim, um espaço de sustentáculo informacional e difusor de ciências.

Silva (2016, n.p) complementa o conceito de biblioteca universitária apresentando como,

Um dos ambientes que atua de maneira mais enfática e plural com processos, gestão, tecnologias e fluxos de informação, visto que conciliam formas técnicas, pedagógicas e institucionais de intensificar as práticas de informação para e com a comunidade de usuários.

Por fazer parte de todo o processo educativo, pedagógico e informacional de uma IES, a biblioteca universitária prima em proporcionar aos seus usuários, que fazem parte da comunidade acadêmica, um ambiente que trata a informação e a dissemina de modo a atender e suprir as suas necessidades. Neste prisma, busca-se cada vez mais se especializar e adquirir suportes que instigue a assiduidade de seu público e a utilizar os recursos informacionais mais automatizados.

Portanto, as bibliotecas universitárias têm mudado de função e não estão voltadas somente no que diz respeito ao armazenamento da informação (livros, periódicos, multimídia, bases de dados, entre outros), mas sim, em um lugar de convivência, inspiração, mediação, contribuição, formação e compartilhamento dos conhecimentos daqueles que pretendem lidar com as divergências do mundo, as teorias das ciências e o aprofundamento das artes.

Para Miranda (2007, p. 04), o seu diferencial em relação a outras bibliotecas ocorre em virtude da educação ser à base do planejamento e seus usuários serem heterogêneos. Esse

diferencial se dá devido à BU estar constantemente se atualizando e ser um órgão de apoio informacional que muni de conhecimentos o seu usuário.

Assim, ela é tida como mais um lugar educacional onde a comunidade acadêmica possa abastecer a sua mente de sabedoria, tanto na assimilação quanto na produção da informação e encontrar caminhos que facilitem o aprimoramento intelecto-profissional.

Nunes e Carvalho (2016, p. 183) vivenciam o conceito de bibliotecas universitárias discorrendo que estas,

[...] favorecem a aprendizagem dos estudantes, não apenas oferecendo o conhecimento que está acumulado nos diversos documentos em diferentes suportes os quais ela administra, mas também a partir de ações concretas que visam otimizar o desenvolvimento de estudantes e de equipes de pesquisadores no espaço informacional, através de ações de aprendizagem.

É consequentemente um ambiente que propicia à sua comunidade não apenas o oferecimento das informações tratadas em diversos suportes, mas um lugar no qual o usuário possa usufruir tanto desses suportes quanto aproveitar os espaços de convivência para a troca de experiência e saberes.

Complementando essa ideia, Santos (2012, p. 08) diz que a biblioteca universitária representa o “local adequado para acompanhar os mecanismos estratégicos que ajudam a capacitar as nações, a suscitar conhecimento e a transformá-lo em vantagem competitiva, fomentando a riqueza e o crescimento”. É evidente que uma biblioteca proporcionando todas essas vantagens e suportes informacionais condizentes a um mundo acadêmico que requer a cada dia conhecimentos aprofundados e específicos, possibilitam aos seus usuários a buscarem sempre cientificar o que está estudando, assim como produzir conhecimento.

Com esse raciocínio, Brito *et al* (2014, p. 160) aborda que,

[...] é necessário levar a biblioteca universitária para junto da sociedade e trazer a comunidade até ela, proporcionando práticas informacionais com projetos e ações extensionistas que ultrapassem os limites físicos da biblioteca e da universidade. Exercer a cidadania está relacionado aos caminhos que as bibliotecas estão tomando para aproximar-se da sociedade, diminuindo o vácuo ou os efeitos excludentes sentidos pela sociedade.

Não se pode taxar a BU como sendo um lugar técnico que oferece serviços meramente técnicos. As palavras dos autores Brito *et al* (2014), tratam justamente do envolvimento que essa unidade deve ter com a sociedade, não se isentando de proporcionar um bom acervo de livros, periódicos e publicações de diversos assuntos, bem como de ações de extensão que levem a sua comunidade a adquirir os conhecimentos tácito e explícito.



Além de ser vista como esse espaço informacional, educacional e de produção do conhecimento, a BU apresenta por vezes seu lado social e cultural que tem muito a contribuir para o desenvolvimento de suas atividades e os serviços que são ofertados.

As ações culturais nas BU's partem da premissa de que estimular e difundir as manifestações dentro de um espaço tão rico em conhecimento e informações, só tem a crescer e propiciar a sua comunidade formas de assimilação e materialização da sua identidade cultural. Assim, para os autores Viana e Pereira (2016, p. 03) “[..] a ação cultural cria uma inquietação e o desejo pelo saber, que suscita novos conhecimentos”.

O apoio e o incentivo aos projetos de desenvolvimento da cultura que são promovidos nas bibliotecas proporciona a toda comunidade acadêmica que a mesma não é um organismo estático. Com eventos culturais por meio de mostras, exposições, feiras, concursos, manifestações e demais atividades lúdicas, dá vida tanto ao ambiente como preserva a manifestação artística e cultural dos agentes que participam.

Deste modo, Viana e Pereira (2016, p. 9) contribuem com a ideia acima, discorrendo que,

O intuito da realização de eventos culturais na biblioteca universitária, justifica-se por promover a biblioteca como um dos canais de referência para apropriação do saber por alunos da instituição e comunidade em geral como também interagir com a comunidade acadêmica de forma lúdica e cultural, enfatizando de forma sistemática o papel social da própria biblioteca universitária no contexto histórico, político e social de determinadas comunidades. Desse modo, a biblioteca universitária rompe as fronteiras de seu espaço e estrutura tradicional e traz a conscientização à comunidade universitária do papel social da biblioteca. Como organismo vivo e dinâmico é um ambiente de preservação do conhecimento, disseminação da informação e promotora da cultura e da educação como apoio à construção do saber em seus mais diferentes formatos.

Assim, é papel da biblioteca universitária consolidar-se com as funções culturais, procurando sempre dinamizar não apenas seus serviços, como também propiciar aos seus usuários contribuições significativas nas ações e relações mais humanas.

Os mesmos autores Viana e Pereira (2016) ainda enfatizam essa questão colocando que há uma contribuição significativa ao estabelecimento de novas relações institucionais entre a biblioteca e os instanciamentos universitários, reunindo, sob novas concepções, discentes, docentes, coordenadores de cursos e alta gerência em função do processo de mediação cultural.

Já para Rasteli e Cavalcante (2013), tratando-se das manifestações artísticas nas bibliotecas, estas desempenham um papel crucial, pois envolve um conjunto de operações e

decisões que demandam além da capacidade técnica dos mediadores (bibliotecários) sensibilidade cultural, conhecimento das teorias de leitura e das artes.

Não se poderia deixar de mencionar a figura do bibliotecário enquanto mediador cultural, como peça fundante para o desenvolvimento de tais atividades, sendo este um profissional que trate as questões sociais e culturais como parte integrante de suas atividades e serviços, fazendo com que seus usuários tenham mais proximidade ao seu setor, bem como perceber que a biblioteca é um organismo vivo.

Em suma, as bibliotecas universitárias são extremamente necessárias para as universidades, pois foram instituídas nas IES por serem uma exigência legal pelo MEC, atendendo assim suas diretrizes e sendo de suma importância na obtenção de nota satisfatória para aprovações nas aberturas de IES e de cursos.

Portanto, seus serviços estão intrinsecamente ligados às iniciativas da extensão universitária, integrando o tripé ensino, pesquisa e extensão os quais serão discutidos e apresentados com severidade na subseção seguinte.

### 3.1 O fazer da Biblioteca Universitária no contexto acadêmico

A biblioteca universitária desenvolve dentro das IES um papel fundamental, dando suporte nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. O oferecimento de um acervo profícuo, com espaços interativos e acolhedores fazem desse ambiente um setor propício à aquisição eficaz de conhecimentos e a produção da informação, conforme pautado anteriormente.

Mas a palavra essencial para haver a integração entre os setores de ensino, pesquisa e extensão e BU, se chama **parceria**, pois a universidade tem por dever fazer esse elo de ligação entre esses tipos de atividades para com os serviços que a biblioteca oferece e a própria BU proporcionar a classe acadêmica todo o suporte informacional que a comunidade precisa adquirir.

Santos (2012, p. 6), tratando dessa parceria entre a tríade ensino, pesquisa e extensão com a biblioteca universitária, afirma que,

[...] a universidade desempenha a missão de liderar um processo de produção do conhecimento, vinculando as realidades sociais, propondo maneiras de resolver problemas. É aí que a biblioteca universitária tem participação fundamental, pois é um agente mediador entre o conhecimento gerado e o usuário.[...] Assim, as bibliotecas universitárias, ao apoiarem as atividades de ensino, pesquisa e extensão, têm papel preponderante no desenvolvimento da sociedade porque são mediadoras no processo de geração, produção e

organização da informação, que pode acontecer independente do suporte em que se encontra.

Isso quer dizer que por não apenas a biblioteca ser considerada um setor independente de uma IES com seus serviços oriundos de uma organização e de atividades com o propósito de enriquecer seus usuários por meio de todo suporte informacional que a mesma possui, não é demérito nenhum que esse setor não possa estar envolvido com as atividades acadêmicas de uma universidade.

A universidade em si deve conotar a sua classe acadêmica melhorias na questão do ensino/aprendizado contínuo, assim como estabelecer por meio de suas diretrizes o andamento coerente de todos os setores que possui, fazendo com que exista além dos serviços tradicionais, haja também infraestrutura adequada, suportes e apoios na pesquisa e aprendizagem e, sobretudo corpo técnico preparado para atender as suas demandas.

Por conseguinte, vem à biblioteca universitária como parte envolvente de todo esse processo onde se quebra o rótulo de não ser apenas espaço de pesquisa e leitura, mas biblioteca como “coparticipante nos projetos da universidade visando melhorar o acervo documental, as bases de dados e os demais serviços indispensáveis à comunidade acadêmica” (SANTOS, 2012, p.10).

Nesse cenário, ainda para Santos (2012, p. 11),

A biblioteca universitária, através do bibliotecário profissional da informação, acompanha o avanço das tecnologias intelectuais e, com intuito de usufruir da diversidade dos serviços disponíveis, dinamiza as técnicas, adapta-se às mudanças propiciando aos profissionais adquirir novas competências e habilidades que levam a melhor interação com os usuários, participando do processo interativo do conhecimento compartilhado.

É, por sua vez, um ambiente em constante transformação e em busca de adaptar-se a realidade de tantas inovações. Como dizia Ranganathan no seu livro intitulado ‘The Five Laws of Library Science’ (1931), na última de suas cinco leis – a biblioteca é um organismo em crescimento. De tal modo, pode-se constatar que além de tratar da taxa de crescimento da coleção de uma biblioteca, é um ambiente também propício a alavancar seu acervo e assiduidade dos usuários apresentando serviços não estagnados e nem mórbidos, mas um crescimento eficiente e capaz de potencializar a visão que se deve ter de biblioteca e de espaço dinâmico.

Ainda nesse contexto, o que se pode fomentar diante tantos discursos de que a biblioteca não é estática, é sem vida e vista apenas como um lugar onde haja o desejo de encontrar apenas o que está sendo pesquisada, esta lei vem para mostrar que esse ambiente

informacional cresce de modo não apenas em espécie quantitativa, como também na expansão e parceria de demais atividades sendo bem mais abrangente e visionária.

Deste modo, a biblioteca universitária se insere nesse contexto de organismo em desenvolvimento, adequando-se às novas visões paradigmáticas, empregando-se dos novos recursos informacionais a fim de cumprir sua missão: armazenar, organizar, tratar e disseminar a informação (SANTA ANNA; PEREIRA; CAMPOS, 2014). É vista, portanto, como um espaço de produção, aquisição e compartilhamento do conhecimento.

Volvendo para o âmbito acadêmico, os autores Gomes e Barbosa (2007) ponderam que as bibliotecas universitárias surgem para contribuir decisivamente para o ensino, pesquisa e a extensão, assumindo a função social de prover a infraestrutura documental e promover a disseminação da informação, em prol do desenvolvimento da educação, da ciência e da cultura.

Santos (2012, p.1), complementa essa ideia discorrendo que,

A biblioteca universitária implanta-se como gestora do conhecimento e disseminadora da informação que visa realizar atendimentos específicos apoiando às atividades de ensino, pesquisa e extensão, dando ênfase ao desenvolvimento da ciência, educação e cultura. É nesse sentido, que a informação apresenta o seu papel social relevante ao conhecimento e a comunicação que são determinantes no processo de disseminação e uso da informação, influenciando o ciclo informacional e operando mudanças.

Compreendendo esse relacionamento sistêmico com os setores de ensino, pesquisa e extensão, a biblioteca constitui não só uma ferramenta de apoio a essas atividades, mas passa a oferecer a toda a sua comunidade acadêmica o suporte informacional necessário para o desenvolvimento dos cursos das graduações e pós-graduações.

Além do apoio às atividades do tripé na academia, tem contribuído para que os discentes, docentes e técnicos se insiram na pesquisa científica, desenvolvendo atividades de mediação junto a esses usuários nos processos de busca e recuperação da informação transformando-as em conhecimento.

Para Oliveira (2002, p. 214),

O uso da biblioteca como recurso de ensino-aprendizagem pode ser rico e estimulante para docentes e discentes. Neste sentido, o trabalho de orientação no uso do acervo, promovendo a autonomia no uso de fontes de informação, aliada ao estímulo e a implementação de atividades contempladas na programação dos cursos, cria uma relação de uso e percepção da real importância da biblioteca que pode ser mais eficiente para estimular o interesse dos alunos pela leitura do que a exigência de títulos na biblioteca, mas sem a devida vinculação com a proposta pedagógica do curso.

As suas responsabilidades enquanto unidade dentro das IES é de manter e gerenciar as ações voltadas à tríade supracitada, assumindo o caráter de incentivadora no que tange aos processos de ensino-aprendizagem e na formação do aluno pesquisador. A respeito disso, Sousa e Fujino (2009, p. 1782) abordam que,

A biblioteca universitária tem investido na educação do usuário na perspectiva do treinamento no uso de recursos, mas o novo usuário precisa aprender a problematizar e elaborar planos de pesquisa; e a definição da pesquisa gera naturalmente muita angústia e ansiedade. Assim, parte-se do pressuposto que a biblioteca universitária deverá atuar não apenas como apoio, mas como modelo de mediação institucional na formação do pesquisador, exercendo um papel ativo nesta função.

Neste sentido, a atuação da BU se torna essencial para a academia, não só no âmbito da disponibilização de recursos informacionais, mas também suprindo as necessidades de seus usuários e os incentivando na pesquisa e busca de novos conhecimentos. Cabe também ao profissional bibliotecário que se insere nessa unidade ser um mediador e transmissor de todas as informações que estão contidos na mesma.

Leite e Silva (2015, p. 195) dissertam que “[...] perceber a importância do uso de bibliotecas para a formação discente é imprescindível para se compreender o processo de construção do conhecimento e da autonomia para o ensino, pesquisa e extensão”.

Nessa perspectiva, compreende-se que a biblioteca universitária está diretamente ligada ao ensino de toda e qualquer IES, podendo então não se excluir. Portanto, um de seus objetivos é auxiliar no processo de aprendizagem da comunidade acadêmica que está a serviço dos discentes e dos docentes, dando assim importância para as suas formações, uma vez que a cada novo olhar e aquisição de informações, estes se tornam cada vez mais críticos e produtores de conhecimento.

A exemplo disso, a biblioteca universitária auxilia a IES dispondo de informações que servem de base para as atividades da instituição. Essas atividades são consideradas essenciais para a pesquisa, o ensino, e a extensão a partir da política, plano ou projeto pedagógico e dos programas da instituição a que pertence.

A própria biblioteca universitária atua como um agente centralizador de toda a interação entre os bibliotecários e docentes, a qual não só deve disponibilizar livros, periódicos e outros materiais, mas identificar a importância de haver uma atuação do bibliotecário juntamente aos professores, bem como a coordenação pedagógica para uma didática na construção do ensino superior.

Para Luck *et al* (2000, p. 5),

[...] a biblioteca universitária estará proporcionando aos estudantes dos cursos de graduação o desenvolvimento de uma série de habilidades, fundamentais a proposta pedagógica, tais como a capacidade de elaboração própria e permanente atualização, motivadora de atitudes críticas e criativas.

Para os cursos de pós-graduações, ou seja, os cursos *lato e stricto sensu*, as bibliotecas universitárias devem se precaver e estar preparadas com bibliografias e suportes informacionais de alto nível para atender aos usuários que estão cursando as pós-graduações.

Diante desse panorama, Santos (2012, p. 6) trata,

Ensino, pesquisa e extensão são palavras chave na concepção de uma universidade e com a implantação da pós-graduação, as bibliotecas universitárias se fortalecem; as autoridades da área passam a investir nos seus setores, melhorando as condições de funcionamento, equipamento, acervo, equipe e na oferta de serviços.

O que na graduação a mesma deve dar suporte às bibliografias básicas e complementares, nas especializações, MBA's, mestrados, doutorados e pós-doutorados, as bibliotecas devem proporcionar recursos que facilitem a pesquisa científica.

Esses recursos, por sua vez, devem propiciar ao ambiente informacional novas formas de consumo e de disseminação da informação. Ora, se as universidades, mantendo os padrões de acesso remoto ao conhecimento de modo tão profícuo e eficiente como fora mencionado, não se adaptarem à modernização dos produtos, estas se fadarão a oferecer serviços taxativos e tão pouco atrativos.

A esse respeito, Diógenes (2012, p. 32) enfatiza que

[...] a biblioteca universitária também se vê frente a novos referenciais científicos e tecnológicos com enfoque na visibilidade internacional da produção científica, na gestão da informação e do conhecimento, nas bibliotecas digitais, arquivos abertos, nos repositórios institucionais, tendo que melhor compreender o seu papel de se adequar a essas novas exigências para atender a comunidade universitária à qual serve.

Deve existir, portanto, o oferecimento de serviços automatizados, os quais estejam de acordo com as atividades desenvolvidas nas bibliotecas, assim como as mesmas devam estar interligadas às universidades as quais pertençam para que o trabalho no todo possa caminhar de modo adequado, ágeis e práticas, como é o caso das tecnologias que serão abordadas a seguir.

### 3.2 A atuação da Biblioteca Universitária

Diferentemente do que se pensa tratando sobre bibliotecas arraigadas aos processos manuais, com o surgimento das tecnologias em todo o mundo e facilitando na busca e acesso bem mais rápido das informações, as bibliotecas também passaram por muitas mudanças ao adquirirem o uso das tecnologias da informação e da comunicação – TIC's.

Sendo a BU considerada o berço da informação científica e para apoiar a comunidade acadêmica, essa organização necessitou proporcionar ao seu usuário mecanismos de acesso e disseminação da informação, objetivando a melhoria e ampliação constantes dos seus produtos e serviços.

Diante disso, acredita-se que as ferramentas tecnológicas podem vir agregar valores informacionais e administrativos à biblioteca universitária, uma vez que podem proporcionar interatividade, participação e colaboração dos usuários em suas ações, serviços e projetos, permitindo, deste modo, um melhor cumprimento de sua missão, funções e objetivos.

Neste contexto, esses instrumentos tecnológicos proporcionam, na maioria das vezes, fácil acesso, visto que não requerem conhecimentos específicos de linguagem de programação e, portanto, vêm sendo cada vez mais utilizados pelas organizações a fim de divulgar os seus serviços e fortalecer os laços com a sua clientela.

Na visão de Aguiar e Silva (2010, p. 1-2):

O uso das tecnologias de comunicação e informação (TICs) em ambientes das bibliotecas universitárias (BUs) é uma evolução natural destes espaços de conhecimento acadêmico. Bibliotecas passaram do manejo de catálogos manuais para sistemas bibliográficos automatizados; dos conteúdos impressos divulgados nos murais das instituições para as *home-pages* estáticas, e agora usufruem da oportunidade de, novamente, oferecerem, por meio das plataformas tecnológicas presentes na geração *Web 2.0*, formas novas de tratamento, organização, disseminação e recuperação de informações; de interação com o usuário.

Deste modo, entende-se que as ferramentas 2.0 auxiliam a biblioteca universitária a agregar a dinamização do acervo, ampliação do marketing, manutenção de serviços, resolução de problemas e até mesmo apoio administrativo, se desta forma houver um planejamento por parte da instituição e do bibliotecário visando tal finalidade.

A utilização das tecnologias de informação acelera a necessidade de inovação em serviços, com intuito de dinamizá-los de forma a atender eficientemente à necessidade de informação do usuário (GUILHEM; TORINO; TAVERES, 2013). Portanto, os processos técnicos, tais como o tratamento, a recuperação e a disseminação da informação, elencando

todos os serviços que tratam do acervo e sua funcionalidade com o uso das tecnologias, os tornam mais interativos e colaborativos com as funções da biblioteca.

Nessa perspectiva, Silva (2015, p. 4) expõe que,

[...] o objetivo principal das bibliotecas que aproveitam das inovações tecnológicas é integrar, os bens e serviços oferecidos, proporcionando a flexibilização necessária para oferecer serviços de qualidade, que agreguem valor, adaptados à diversidade de usuários e diferentes locais para viabilizar o produto, com foco no usuário.

Na atual conjuntura, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) apresentam, sem dúvidas, modificações nos meios de comunicação e interação da sociedade, uma vez que clientes e usuários da informação ganham espaços para discussões. Especificamente no contexto da biblioteca, mostra um cenário aberto para várias possibilidades de melhorias no fluxo de informação e ampliação de serviços.

Conforme Amorim *et al* (2012, p. 04)

[...] é perceptível que as tecnologias da informação e comunicação apresentam para a biblioteca universitária, novas demandas, e, conseqüentemente, um novo cenário tecnológico-documentário que deve ser acompanhado através de mudanças na sua infraestrutura física, material e "humana". Além disso, é imprescindível a criação de diretrizes que possam nortear o processo de recebimento e uso desses novos materiais.

Neste sentido, as universidades e suas bibliotecas são por vezes afetadas em decorrência dessas mudanças, devendo acompanhar esse cenário tecnológico tão constante e de extrema dinamização. Para Diógenes (2012), ambas neste século desenvolvem suas ações num contexto marcado fortemente pela inovação, competição, empreendedorismo, pelas forças do mercado e são influenciadas pela rapidez com que ocorrem as mudanças tecnológicas. Surgem novas configurações de trabalho, comunicação, do poder de interação da ciência com a sociedade e da universidade com a empresa e a sociedade.

Dentro dessas transformações e inovações, os processos organizacionais também passam a sofrer mudanças. Entendendo esse processo, Rostirolla (2006, p. 28) afirma que,

Na visão sistêmica, as bibliotecas universitárias são parte do sistema universitário, e constituídas por vários subsistemas, como direção, aquisição, automação, processamento técnico, encadernação e atendimento, estando incluído neste último, o serviço de referência, por meio do qual se dá a mediação com o usuário.

As atividades desta biblioteca fomentam a participação do usuário de modo a haver uma fluidez tanto nas relações mediacionais e interpessoais, quanto na clareza dos serviços



oferecidos. As tecnologias como logo citada, vem para agilizar a busca da informação e automatizar os processos e produtos, porém, não se pode deixar de mencionar que para a BU está enraizada com algo de tão moderno, os gestores de suas instituições devem elevar o grau de investimentos nesse setor e os bibliotecários junto a sua equipe, preparados a enfrentar a modernização desse espaço.

Na concepção de Sousa e Fugino (2009), os serviços de informação oferecidos pela biblioteca universitária são vistos como espaços de mediação e produção de sentido, nos quais ocorre a articulação entre o produtor (autor) e receptor (usuário), sendo o Bibliotecário, o mediador para garantir condições favoráveis de adequação entre a informação recebida e o usuário para que ela possa ser apropriada e transformada em conhecimento.

Parte também do bibliotecário ser o instigador em oferecer projetos, produtos e serviços diferenciados, que quebrem os paradigmas de bibliotecas apenas como órgão estático e fomentem a participação de seus usuários com a utilização dos aparatos tecnológicos, assim como na busca incessante pela pesquisa.

Por isso, a pesquisa se torna de extrema importância e necessária tanto para a IES quanto para as suas bibliotecas, visto que por meio da investigação, a descoberta de conhecimentos e a formação de novos produtos fazem com que, como fora abordado, dê uma significância maior nas atividades do tripé (ensino, pesquisa e extensão), pois uma complementa a outra.

Em vista disso, Silva (2016, n.p), aborda que,

A pesquisa, aqui entendida como um conjunto de ações sistemáticas, visando à construção de novos conhecimentos e contribuindo para o desenvolvimento social, deve ter na biblioteca universitária um expressivo amparo, desde as pesquisas mais basilares como pesquisas de opinião, atividades de graduação como relatórios de estágios, trabalhos de disciplinas, entre outros até pesquisas científicas que demandam uma perspectiva eminentemente estratégica, especialmente metodológica, sistemática e continuada nos mais dissímeis ramos do conhecimento como Ciências Exatas, Ciências Tecnológicas, Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Jurídicas etc.

Partindo do pressuposto que a pesquisa inicialmente ocorrida nas primeiras séries já instiga os alunos a novas descobertas e o interesse em buscar cada vez mais aprender e investigar o novo, quando esse aluno chega às universidades e se depara com seu curso escolhido, sendo ele de quaisquer áreas, a facilidade em dar continuidade às investigações, torna-o apto ao desenvolvimento de novos conhecimentos e até mesmo de novas teorias para as ciências.

Como o próprio Silva (2016) coloca, mesmo de forma bem basilar à pesquisa até chegar às pesquisas científicas, o aluno deve ter apoio, incentivo e facilitadores que o instigue a buscar conhecer mais sobre as teorias e conceitos e formular suas próprias opiniões e/ou considerações. É, portanto, importante que o conhecimento repassado em sala de aula transcenda as quatro paredes da universidade.

E a biblioteca universitária entra com o propósito de suprir os anseios de sua comunidade acadêmica como um todo, oferecendo “[...] práticas gerais e específicas que satisfaçam a dinâmica de busca, acesso e uso dos usuários por informações que os auxiliem no desenvolvimento de pesquisas” (SILVA, 2016 n.p.).

A universidade entende a pesquisa como “[...] uma forma de produzir conhecimento e estabelecer respostas a hipóteses e problemas iniciais, sendo muitas vezes um processo complexo e que exige habilidades específicas” (CAMPOS et al, 2009, p.8).

Complementando as concepções expostas acima, os autores Gomes e Paula (2015) tratam a pesquisa sendo de suma importância para qualquer ser humano, e é por meio dessa observação que a sua vida é transformada para melhor, desde muito cedo temos contato com as dúvidas presentes no nosso cotidiano, no entanto é necessário encontrar respostas para sanar tais questionamentos.

As abordagens colocadas pelos autores são todas direcionadas a pensarem que a pesquisa científica na academia tem um real significado por criar habilidades e atitudes de investigação contribuindo não só para a formação intelectual dos docentes, como também dos discentes, colaborando com o processo de ensino-aprendizagem.

Na verdade, a pesquisa, tanto para a formação docente quanto para discente é como se complementasse, pois, o professor, sendo ele também pesquisador, instiga a capacidade do aluno, estimulando-o ao desenvolvimento de buscar ou aprofundar-se em determinados conteúdos, e proporcionando o seu enriquecimento científico, reflexivo e linguístico.

E a biblioteca universitária entra com o papel de orientar os seus usuários na utilização da informação, proporcionando acervo atualizado e dinâmico, serviços e produtos inovadores e o fomento as práticas de pesquisa. Destarte, Silva (2016), em um dos seus textos, publicou um quadro de grande valia sobre essas práticas de pesquisa, demonstrando os tipos de práticas que são ocorridas em uma BU, e as suas perspectivas de ação.

**Quadro 09 – Contribuições da biblioteca universitária para as práticas de pesquisa**

<b>Tipos de práticas</b>	<b>Perspectivas de ação</b>
Dinamização do acervo/uso das fontes de informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- considerar como acervo da biblioteca o material direto (aquele oficial que congrega a biblioteca como livros, e-books, periódicos e literatura cinzenta) e o material indireto (aquele não-oficial como bases de dados, repositórios institucionais, bibliotecas digitais, periódicos eletrônicos, materiais audiovisuais, iconográficos, cordéis etc.) valorizando formas de disseminação diversas do acervo direto e/ou indireto junto à comunidade;</li> <li>- exposição presencial e virtual dos acervos em formato físico e digital;</li> <li>- frequente divulgação de acervos de bases de dados especializadas, repositórios institucionais e bibliotecas digitais;</li> <li>- realização de eventos (palestras, mini cursos etc.) com base em assuntos do cotidiano científico valorizando a participação de autores que doam ou ajudam a compor o acervo da biblioteca;</li> <li>- valorização do serviço de alerta sobre a chegada de novos materiais de acervo diretos e/ou indiretos;</li> <li>- elaboração de uma política de organização do conhecimento na biblioteca universitária contemplando desde o uso das técnicas para organização até suas formas de mediação/disseminação.</li> </ul>
Serviços de referência físico e virtual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- auxílio bibliográfico para a comunidade em nível físico e virtual;</li> <li>- provisão de documentos para a comunidade em nível físico e digital;</li> <li>- serviço de alerta informal (exposições sobre aspectos da ciência e práticas de pesquisa) e formais (lista de novas aquisições de acervo direto e indireto da biblioteca) em nível físico e virtual;</li> <li>- orientação ao usuário com consultas orientadas e cursos de fundamentação bibliográfica e documentária que estimulem a busca multiplicada na variedade de acervos diretos e indiretos.</li> </ul>
Serviços de disseminação seletiva da informação físico e virtual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- disseminação de materiais sobre práticas de pesquisa (metodologias, conhecimento científico, elaboração de trabalhos acadêmicos);</li> <li>- disseminação de materiais via e-mail e outros elementos virtuais, conforme demanda do usuário e da área do conhecimento em que está inserido (é fundamental que a biblioteca possua um banco de dados em seu sistema ou mesmo em pastas internas nos computadores com artigos, e-books, literatura cinzenta e outros suportes documentais para servir à comunidade quando solicitar em escala presencial ou virtual);</li> <li>- estabelecer processos de disseminação considerando o <b>tipo de usuário</b> (estudante, professor, técnico, comunidade externa), <b>conteúdo/área do conhecimento</b> (respeitar as particularidades do conhecimento solicitadas pelo usuário), o tipo de acervo (a diversidade de materiais existentes na biblioteca e na web de uma forma geral) e os meios para disseminação (e-mail, redes sociais, sistemas, sites, blogs etc.).</li> </ul>
Serviços de informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- divulgação dos aspectos do cotidiano científico contemplando aspectos temáticos, autorais, culturais e de utilidade pública, através de <b>balcão de informações físico e virtual, eventos, informações em murais, divulgação na web</b>, relativos a: <ul style="list-style-type: none"> <li>Ciências da saúde (realização de atividades sobre elucidação de doenças, prevenção de doenças, sistema de saúde, uso de medicamentos, tratamentos mentais e orgânicos, benefícios das atividades físicas, indústria farmacêutica, criação de novos medicamentos e tratamentos, causas/consequências de doenças, produção científica no campo da saúde etc.);</li> <li>Ciências Humanas (realização de atividades sobre realidades/fenômenos/objetos históricos, sociológicos/antropológicos/políticos, educacionais, filosóficos, linguísticos, psicológicos e jurídicos);</li> <li>Ciências Sociais Aplicadas (realização de atividades alusivas aos campos da Informação, Comunicação, Administração, Economia, Contábeis, Atuariais, Turismo, Secretariado, Políticas Públicas, entre outros);</li> </ul> </li> </ul>

utilitária físico e virtual	<p>Ciências Tecnológicas (realização de atividades alusivas às práticas técnico-científicas das Engenharias, Computação, Sistemas de informação etc.);</p> <p>Ciências Exatas (realização de atividades nos campos da Matemática, Física, Química, Estatística etc.);</p> <p>Ciências Agrárias (realização de atividades alusivas às questões da Agronomia, Agroecologia, Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca, Engenharia de Alimentos, Medicina Veterinária, Zootecnia e outras);</p> <p>Educação e Cultura (realização de atividades no campo da Educação, Música, Estilismo, Artes como teatro, dança etc.);</p> <p>Metodologia e Ciências em geral (realização de atividades diversas sobre o cotidiano da ciência como a aplicação de novos métodos e técnicas, normalização documentária, pesquisa bibliográfica/documental, descobertas da ciência e valorização da transversalidade do conhecimento científico).</p>
Produtos de informação físico e virtual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- elaboração de manuais em formato presencial e principalmente virtual sobre normalização documentária;</li> <li>- elaboração manuais/guias/cartilhas sobre acesso a bases de dados especializadas;</li> <li>- elaboração de manuais/guias/cartilhas para acesso a e-book, periódicos e anais de eventos;</li> <li>- elaboração de manuais/guias/cartilhas sobre metodologia da pesquisa e ciência no geral;</li> <li>- elaboração de manuais/guias/cartilhas sobre organização/preenchimento de currículos;</li> <li>- elaboração de manuais/guias/cartilhas sobre o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos;</li> <li>- orientação sobre a construção de projetos para concorrer a editais internos (própria Universidade) e externos (órgãos de fomento públicos e privados);</li> <li>- construção de aplicativo incentivando acesso à informação científica disponibilizada oficialmente pela biblioteca e dos aspectos científicos em geral existentes nos ambientes virtuais;</li> <li>- criação de repositório institucional para cadastro da produção científica docente, discente e técnico-administrativa da Universidade;</li> </ul>
Ações culturais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- eventos como palestras, cursos, minicursos, diálogos formais e informais, grupos de estudo etc. que valorizem a cultura das comunidades científicas fomentando a construção dos paradigmas e reflexões sobre os rumos científicos das áreas do conhecimento;</li> <li>- elaboração de manuais/guias/cartilhas que estimulem no meio acadêmico a elaboração de projetos para concorrer a editais locais, regionais, nacionais e internacionais da Cultura de cunho público, privado e misto;</li> <li>- práticas de mediação cultural sobre ciência, pesquisa e metodologia para usuários ingressantes na Universidade (estudantes, técnicos e docentes que acabam de ingressar na instituição);</li> <li>- práticas de mediação cultural sobre ciência, pesquisa e metodologia para usuários especializados como docentes e pesquisadores.</li> </ul>
Educação de usuários	<ul style="list-style-type: none"> <li>- realização de cursos/oficinas/treinamentos sobre normalização documentária;</li> <li>- realização de cursos/oficinas/treinamentos sobre acesso as bases de dados;</li> <li>- realização de cursos/oficinas/treinamentos sobre diversos setores do conhecimento como Saúde, Humanas, Sociais Aplicadas, Tecnológicas, Exatas, Agrárias, Educação/Cultura e Ciências no geral, conforme solicitações e diálogos com a comunidade;</li> <li>- disponibilizar espaços físicos e virtuais para que os usuários possam reunir-se para debater temas diversos sobre pesquisa, metodologia, atuação acadêmica e outros aspectos da realidade científica;</li> <li>- realização de cursos/oficinas/treinamentos utilizando a participação dos próprios docentes/pesquisadores, estudantes e técnico-administrativos aproveitando as competências e habilidades da comunidade para promoção dos serviços de educação de usuários;</li> <li>- é fundante a concessão de certificados para a comunidade que ministra e</li> </ul>

	participa dos cursos/oficinas/treinamentos, visando formalizar e promover credibilidade institucional as atividades da biblioteca. Por isso é fundamental a parceria da biblioteca universitária com cursos (coordenações/departamentos/centros), gestores e a comunidade de usuários no geral.
Comunicação científica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estímulo a elaboração, mediação e uso de ambientes científicos como base de dados, repositórios institucionais e bibliotecas digitais;</li> <li>- valorização da gestão de dados científicos garantindo formas de preservação e divulgação da produção científica;</li> <li>- estímulo a prática do acesso livre à informação científica e tecnológica;</li> <li>- valorização das atividades de input e output para produção do conhecimento científico nas Universidades pela comunidade acadêmica no geral;</li> <li>- o uso de ferramentas/suportes como a via dourada (aplicação do Open Journal Systems) e a via verde (E-prints, DSpace, Fedora, entre outros);</li> <li>- orientação sobre os processos de estruturação de um periódico científico em cursos/departamentos/programas de pós;</li> <li>- orientação referente a produção, editoração, submissão, diretrizes para periódicos e eventos;</li> <li>- orientação para elaboração de anais de eventos;</li> <li>- orientações sobre uso e disseminação de e-books.</li> </ul>
Políticas de informação científica e tecnológica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- elaboração de políticas para organização do conhecimento;</li> <li>- elaboração de políticas para o uso de tecnologias digitais;</li> <li>- elaboração de políticas para gestão da informação científica;</li> <li>- elaboração de políticas para preservação da memória científica;</li> <li>- elaboração de políticas para o desenvolvimento da pesquisa, internacionalização e inovação da produção científica da comunidade acadêmica;</li> <li>- elaboração de políticas de incentivo à produção de livros, artigos e outros trabalhos científicos;</li> <li>- elaboração de ações de incentivo a construção de projetos de pesquisa para docentes;</li> <li>- elaboração de políticas para iniciação científica.</li> </ul>
Preservação da memória científica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- criação de meios virtuais para preservação do conhecimento científico como repositórios, bases de dados, banco de dados e bibliotecas digitais valorizando a preservação da produção de conhecimentos da comunidade acadêmico-científica interna e externa;</li> <li>- respeitar informações confidenciais que exigem privacidade (valorização do uso de criptografias);</li> <li>- fortalecimento continuado das políticas de organização e representação da informação;</li> <li>- práticas de preservação e conservação de acervos físicos através de campanhas de conscientização;</li> <li>- práticas especializadas de restauração de acervos;</li> <li>- dinamização da política de desenvolvimento de coleções valorizando múltiplos suportes no contexto dos processos de aquisição, seleção, doação, troca, cooperação e descarte entre bibliotecas universitárias.</li> </ul>

Fonte: Silva (2016)

O autor elencou dez tipos de práticas que contribuem para o desenvolvimento de serviços profícuos nas bibliotecas universitárias. O primeiro sendo a dinamização do acervo e o uso das fontes de informação tem um grau de importância bastante pertinente para as bibliotecas, pois quando se trata de disponibilização de um acervo relevante para a comunidade acadêmica, essa dinamização busca oferecer um espaço que congregue os suportes informacionais necessários para o desenvolvimento das atividades acadêmicas.

A segunda contribuição, serviços de referência física e virtual, trata dos serviços que facilitem na busca e recuperação das informações por meios dos sistemas implantados nas bibliotecas, utilizando-se das referências e bibliografias que busquem os itens no acervo. A terceira prática, por sua vez, aborda os serviços de disseminação seletiva da informação físico e virtual, os quais trabalham com a canalização dos materiais da biblioteca por meio de e-mails dentre outras formas de divulgação de modo remoto, os quais facilitam o acesso e o aumento do volume informacional dos usuários. Mais conhecida no ambiente da biblioteconomia pela sigla DSI – é conceituado por “[...] auxiliar seus usuários em relação à busca de informações, facilitando o acesso das mesmas de modo rápido e atualizado, isso através de serviços prestados pelos servidores desta unidade” (LESSA; MOTA, 2012, p. 3).

O quarto item respectivamente, trata dos serviços de informação utilitária, físico e virtual, os quais numa biblioteca universitária são bastante utilizados e importantes para o conhecimento das áreas e para os eventos realizados nas IES. As atividades socioculturais e educativas para o conhecimento dos alunos são necessárias por proporcionarem a visualização de serviços que talvez a comunidade acadêmica não enxergasse.

A quinta prática são os produtos de informação, físico e virtual, onde se vislumbram por elaborarem como coloca o autor Silva, manuais, guias ou cartilhas que sirvam de base para o aprendizado nos acessos a normalizações de trabalhos acadêmicos, meios virtuais, construção de projetos e currículos, dentre outros, que facilitem o acesso à informação e o conhecimento profícuo e correto no uso desses produtos.

Em seguida, apresentam no sexto tópico, as ações culturais, estas, por sua vez, já discutidas no decorrer deste estudo como atividades essenciais para as bibliotecas. Os eventos voltados para o meio social e cultural dão outra visibilidade às bibliotecas e as mostram como espaços de práticas de mediações culturais.

Adiante tem a sétima abordagem, com a educação de usuários, esta sendo realizada por meios de cursos ou treinamentos que expliquem as atividades da biblioteca, como por exemplo, as formas de utilização correta dos espaços, do acervo e suas necessidades informacionais. Desta forma, Pereira et al (2013, p. 4) define que,

Para uma biblioteca o estudo de usuários servirá para nortear as ações e auxiliar na tomada de decisão por parte da gestão, uma vez que com este, ajuda a verificar a necessidade dos usuários podendo assim planejar uma forma de oferecer serviços com mais qualidade como ainda formas e estratégias para que o seu usuário fique satisfeito e o fidelize como usuário assíduo.

A oitava contribuição, sendo a comunicação científica, se dá dentro das BU's, como um incentivo à produção do conhecimento, o tornando capaz de garantir a atualização dos profissionais bem como o fomento na participação de alunos em congressos, simpósios e outros eventos que os estimulem a fazer ciência e a busca pela pesquisa. A nona etapa, que são as políticas de informação científica e tecnológicas, apresentam o viés de elaborações de políticas necessárias para tudo que englobe os aspectos científicos (informações, conhecimentos, memória etc.) quantos os tecnológicos (meios digitais, pesquisas, produções etc.).

E por último, apresenta-se a décima prática, preservação da memória científica, que enfatiza justamente a preservação da memória da biblioteca, esta por sua vez conotada no conhecimento e nas informações prestadas e apropriadas. É encontrada na biblioteca onde a “[...] ciência é feita, ensinada, planejada, administrada, financiada, exposta, difundida e acessada” (BRITO, 2002, p. 2).

Enfim, todos esses mecanismos ocorrem em sua prática física como virtual, conforme vistas, e a biblioteca universitária serve de aparato e base para os seus desenvolvimentos. Seu espaço, portanto, se concretiza em promover essas práticas informacionais e de pesquisa, uma vez que devem ser viabilizadas de modo correto e, por conseguinte, haver investimentos por partes dos gestores de suas IES. O corpo técnico da biblioteca, tais como os bibliotecários e seus auxiliares exercem um papel fundamental para a difusão das atividades citadas e é por meio dele que essas práticas podem ou não ser realizadas.

Como dizem Amorim *et al* (2012, p. 1), a biblioteca universitária precisa ultrapassar os limites do espaço acadêmico e evoluir como facilitadora de acesso à informação de qualidade em suportes diversos, com atuação e ações mais proativas, integrada nos processos de ensino, aprendizagem e pesquisa. Essas ações ou práticas devem ser constituídas de modo que uma complemente a outra, não isolando nenhum fator e nem deixando de dissociá-las.

Por fim, o arcabouço teórico apresentado nesta pesquisa teve a função de construir com discussões conceituais e reflexivas para o entendimento e consecução do objetivo proposto por esse estudo. Na sequência, estruturam-se as bases metodológicas propostas para o estudo, caracterizando o objeto, descrevendo a abordagem, e formulando instrumentos de coleta de informações que consideramos adequados para essa pesquisa, de maneira que possa ao final consubstanciar estudos da literatura de biblioteconomia.

## 4 METODOLOGIA

Considerando a metodologia (estudo dos métodos) o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, tem como finalidade conduzir a pesquisa, apresentando o papel de articular os conteúdos, pensamentos e fatos. Logo, a metodologia é a fase executiva e construtiva da pesquisa.

### 4.1 Caracterização do Objeto

O INEP foi criado em 13 de janeiro de 1937, inicialmente chamado de Instituto Nacional de Pedagogia. É uma autarquia federal vinculada ao MEC, onde se realiza estudos, pesquisas e avaliações sobre o sistema educacional brasileiro.

**Figura 03 - INEP**



**Fonte:** BRASIL (2017)

Logo que fora instituído se tornou referência no Brasil, criando a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) em julho de 1944, a qual passara informações relacionadas à educação, sendo consultadas por pesquisadores, gestores e pessoas da área educacional, tornando-se um veículo até hoje que publica suas edições (PACIEVITCH, 2009).



O nome dado a este órgão refere-se ao professor Anísio Teixeira, que assumiu a sua direção dando enfoque à pesquisa, o qual criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE).

Ao logo dos anos, o INEP foi se transformando e se tornando um órgão autônomo que, por via de regras, objetivava fazer o levantamento (reformas do ensino em andamento, implantação de cursos de pós-graduações etc.) da educação brasileira, todos esses baseados na ideologia do Anísio. Em 1976 sua sede foi estabelecida em Brasília e no ano seguinte, 1977, o modelo por ele criado, o CBPE fora extinto.

É pertinente frisar que durante os anos 80 e 90 o INEP passou por novas reestruturações, onde basicamente no ano de 1997, integrando a Secretaria de Avaliação e Informação Educacional (Sediae) do Ministério da Educação, passou a ser uma autarquia da União e o único órgão encarregado das avaliações, pesquisas e levantamentos estatísticos educacionais no âmbito do governo federal (BRASIL, 2015).

Foram nessa época as características do INEP:

- a) Organizar a documentação relativa à história e ao estado atual das doutrinas e técnicas pedagógicas;
  - b) Manter intercâmbio com instituições do País e do estrangeiro;
  - c) Promover inquéritos e pesquisas;
  - d) Prestar assistência técnica aos serviços estaduais, municipais e particulares de educação, ministrando-lhes, mediante consulta ou independentemente dela, esclarecimentos e soluções sobre problemas pedagógicos;
  - e) Divulgar os seus trabalhos;
  - f) Participar da orientação e seleção profissional dos funcionários públicos da União.
- (BRASIL, 2015)

Atualmente, o INEP prima em reorganizar o sistema de levantamentos estatísticos, respondendo pelas avaliações do Sistema Educacional Brasileiro e pela promoção de pesquisas e estudos relacionados em quase todos os níveis educacionais.

Sua missão é dada em promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro, apresentando como objetivos, o subsídio da formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como a produção de informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral (BRASIL, 2015).

Segundo Pacievitch, (2009, n.p.), além de dá subsídios a todas essas políticas, o INEP obtém seus dados estatísticos e avaliativos nos processos a seguir:

- Censo escolar e superior;
- Avaliação dos Cursos de Graduação (reconhecimento ou renovação) e Avaliação Institucional (a partir de informações cedidas pela própria instituição, por meio eletrônico e/ou por avaliação *in loco*);
- SINAES – Sistema de Avaliação da Educação Superior;
- Saeb – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica;
- Enem – Exame Nacional do Ensino Médio;
- Encceja – Exame Nacional para certificação de competências (para jovens e adultos).

Esses dados são extraídos das avaliações realizadas pelo INEP nas instituições, tendo pesquisadores, gestores, dentre outros, como comissões representativas por esse órgão que diagnosticam a realidade da instituição baseada em um conjunto de indicadores.

Sua estrutura organizacional se dá respectivamente pela Presidência, Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB), Diretoria de Avaliação da Educação Superior (DAES), Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED), Diretoria de Gestão e Planejamento (DGP), Diretoria de Estudos Educacionais (DIREDE) e a Diretoria de Tecnologias e Disseminação de Informações Educacionais (DTDIE). Assim possui também Ouvidoria e o Conselho Consultivo que servem para melhoria e desempenho dos serviços e funções oferecidos.

Os servidores do INEP são inseridos por meio de processos seletivos e em seguida publicados no Diário Oficial, já as comissões de avaliadores de cursos superiores, devem ser professores de IES públicas ou privadas cadastradas pelo MEC, com no mínimo três anos de atuação. Fazem suas inscrições por meio do cadastro no sistema e-MEC preenchendo os seus dados pessoais e profissionais, os quais participam de cursos de capacitação.

Os docentes que integram o Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASIS) podem também ser representantes dessas comissões podendo atualizar seu cadastro e/ou informar a área de atuação profissional compatível com os cursos de graduação a serem avaliados. Para a composição desse quadro do BASIS, os avaliadores serão capacitados pela Diretoria de Avaliação da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e selecionados pela Comissão Técnica de Acompanhamento da Avaliação (CTAA) (BRASIL, 2010). Seus currículos Lattes devem ter registrados nos últimos três anos produções científicas, não podem ter pendências com autoridades tributárias ou previdenciárias, assim como devem estar inscritos também no Cadastro Nacional de Docentes.

Em consequência disso, os selecionados serão homologados pelo ministro da educação, podendo optar em serem avaliadores de cursos ou de IES, bem como avaliar nos quesitos de sua formação ou atuação.

É o INEP que direciona todo o sistema avaliativo dos cursos superiores do Brasil, determinando indicadores e informações que dão suporte aos processos de regulamentação, esse por sua vez exercido pelo MEC, garantindo a transparência dos dados sobre a qualidade do ensino superior à sociedade (BRASIL, 2010).

Assim as avaliações do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e as avaliações *in loco* nas IES se caracterizam em verificar como está o ensino, as instalações físicas e organização acadêmico-pedagógica, o que é de suma importância para o diagnóstico real de uma IES.

O INEP/MEC, por meio de seus representantes nas comissões de avaliações, tem a importância inestimada de conduzir as avaliações em IES, sejam elas para a autorização, reconhecimento ou para renovação de reconhecimento. Exercem, portanto, papel em transparecer os dados avaliados e garantir qualidade para a educação superior do país.

#### 4.2 Sujeitos da Pesquisa

Proporcionando a completude deste trabalho, os sujeitos analisados pela pesquisa são:

- a) Bibliotecários de bibliotecas universitárias;
- b) Documentos oficiais do INEP/MEC que tratam da avaliação das bibliotecas universitárias (decretos, portarias, pareceres e resoluções).

#### 4.3 Caracterização do Estudo

Na tentativa de propor um modelo de atuação para as bibliotecas universitárias no contexto da avaliação do INEP/MEC, essa pesquisa classifica-se tomando como base a taxonomia apresentada por Vergara (2006) que a qualifica em dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios:

- a) Quanto aos fins, a pesquisa aplicada é a descritiva, por expor características de determinada população e determinado fenômeno, estabelecendo correlações variáveis.

Para Gil (2008, p. 42) as pesquisas descritivas “[...] descrevem as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de

técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática”.

Desta forma, a pesquisa baseia-se em explicar por meio dos suportes informacionais existentes, sejam eles físicos ou virtuais, o conteúdo objetivado e adequado para a temática proposta.

b) Quanto aos meios, a pesquisa se caracteriza bibliográfica, utilizando de análise de literaturas específicas e cinzentas, materiais bibliográficos como livros, artigos e demais produções, sendo necessárias para a fundamentação teórico-metodológica. E também documental com a análise de documentos oficiais do INEP/MEC para compreensão da avaliação e proposição do modelo.

Segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 185), a pesquisa bibliográfica, também conhecida como fontes secundárias, abarca toda bibliografia pública em relação ao estudo central, desde as publicações avulsas (boletins, jornais, revistas, livros, teses dentre outros), até os meios de comunicação orais (rádio, filmes, materiais audiovisuais, televisão etc.).

O conceito elaborado e ampliado pelo autor Espírito Santo (200\_?), mostra a seguinte acepção: a pesquisa bibliográfica é o exercício de localização e consulta das diferentes fontes de informações registradas, as quais servem para coletar dados gerais ou específicos de um determinado tema, onde deve reunir um considerável número de autores possíveis, para que assim haja uma profícua discussão do tema abordado, os quais tenham publicados conteúdos que fundamentam a alteração teórica.

A pesquisa documental conforme Marconi e Lakatos (2008, p. 176), “[...] é a fonte de coleta de dados estando restritamente relacionado a documentos, também caracterizada por fontes primárias. Podem ser realizadas no momento em que ocorre o fenômeno ou fato, como depois também”.

Deste modo, a pesquisa documental se utiliza de documentos que não sofreram tratamento analítico, ou seja, que não foram analisados ou sistematizados. O pesquisador tem a capacidade de selecionar, tratar e interpretar a informação visando sua compreensão com outra fonte. Ocorrendo isso, há um aperfeiçoamento de detalhes na pesquisa e os dados coletados tornam-se mais significativos (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

Portanto, as pesquisas bibliográfica e documental têm em comum o documento como objeto de investigação. O que diferem as duas são suas fontes: “[...] a bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009 p. 06).

A natureza dos dados se efetua por meio de uma abordagem qualitativa. O método qualitativo definido, ainda por Richardson (2011, p.90), como sendo a “[...] compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

Quanto à abordagem utilizada para a pesquisa foi de cunho sociológico, conhecido como o método compreensivo ou hermenêutico proposto por Weber, por entender o sentido que as ações de um indivíduo possuem e não apenas o aspecto exterior destas ações. Silva (2015) aponta que esse tipo de método tem importância para as análises contemporânea, pois é possível dialogar com diversas outras correntes teóricas e metodológicas a partir do método Weberiano de análise social. A principal função desse método é a de selecionar explicitamente a dimensão do objeto a ser analisado e apresentar essa dimensão de uma maneira pura, sem suas sutilezas concretas.

#### 4.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Como instrumentos de coletas de dados, foi utilizada a aplicação dos questionários semiaberto, (ver apêndice) estruturado por meio de um roteiro que segue as ideias propostas, contendo 19 (dezenove) perguntas as quais tiveram como principal objetivo, investigar os procedimentos avaliativos do INEP/MEC em BU’s.

Por ter sido um questionário semiaberto ou misto, entende-se que este é diferenciado pela combinação de perguntas fechadas e abertas que podem ser utilizadas quando se deseja obter uma justificativa, contribuição ou parecer do sujeito/informante, além da resposta fechada padrão. Nessa premissa, entende-se por questionário:

Um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos. (AMARO, *et al.* 2004-2005)

Portanto, por meio da aplicação do questionário a um determinado público, ou seja, aos bibliotecários que atuam em bibliotecas universitárias delimitando àqueles que receberam comissões do MEC, é possível identificar algumas necessidades, recolher informações precisas, bem como conhecer melhor as falhas que foram detectadas através das informações por eles repassados, bem como pelas sugestões propostas.

O questionário aplicado, portanto, também conhecido como *survey*, é versado como um instrumento de questionário online, ou seja, uma forma de tornar em rede e garantir o retorno de muitos questionários aplicados de modo muito controlado. Segundo PEREIRA (2011, n.p),

O questionário *survey*, é um dos instrumentos de geração de dados mais conhecido e utilizado em científicas nas mais diversas áreas. De abordagem mais quantitativa, destaca-se a rapidez no preenchimento das respostas e largo alcance, podendo produzir dados referentes a populações muito grandes. Também por essas razões, no entanto, devem ser construídos com muito cuidado, observando todos os detalhes.

O *survey* pode reunir num espaço virtual um conjunto de respostas de modo a alcançar um grande público. Assim, utilizamos a ferramenta *Google Docs* para aplicação desses questionários. Ao todo foram enviados para bibliotecários de diferentes regiões do Brasil, 85 (oitenta e cinco) questionários dos quais obtiveram 78 (setenta e oito) respostas.

O pré-teste foi realizado um mês antes, sendo aplicado para 5 (cinco) bibliotecários de bibliotecas universitárias. Após algumas sugestões e melhoramentos, os questionários foram divulgados e direcionados para esse público percorrendo por volta de 2 (dois) meses.

As questões iniciais se propuseram em aferir o gênero, idade, grau de escolaridade, naturalidade, IES onde trabalham e quantas avaliações esses bibliotecários já receberam.

As questões “fechadas” ajudaram a compreender o grau de relevância de alguns quesitos pertinentes à biblioteca, como por exemplo, os impactos e o grau de importância que os mesmos dão para as avaliações *in loco*. E as “abertas” consistiram em saber dos bibliotecários questões relacionadas às avaliações em BU’s, assim como suas opiniões no que se refere aos instrumentos postos no manual de verificação do INEP/MEC no que tange à dimensão que trata das instalações físicas (espaço físico, acervo e serviços) da Biblioteca.

A subjetividade das respostas enriqueceu bastante o teor desse estudo, uma vez que todo conteúdo apresentado pelos bibliotecários de grande relevância auxiliou na construção do modelo proposto, bem como proporcionou uma abrangência de melhores ideias dentre outros questionamentos para uma avaliação de qualidade e eficácia nas BU’s.

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nessa fase da pesquisa será descrito, analisado e tratado os dados coletados dos questionários aplicados.

A análise foi compreendida no segundo semestre de 2017, transcorrendo por todos os processos ao desenvolvimento de uma pesquisa. Foram aplicados pré-testes para assim, os questionários serem lançados ao público-alvo.

### **5.1 Dados dos Questionários**

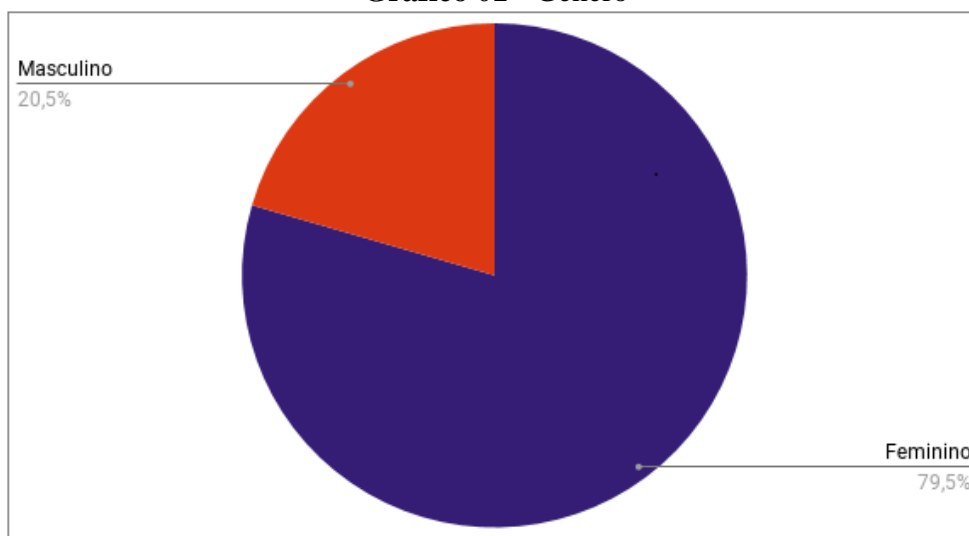
Para os questionários aplicados aos bibliotecários de bibliotecas universitárias que receberam comissões do INEP/MEC, o instrumento foi composto por 19 (dezenove) questões abertas e fechadas, sendo nove perguntas abertas e dez objetivas, tendo 78 (setenta e oito) bibliotecários respondentes.

Serão percorridos e analisados os questionários aplicados aos bibliotecários de universidades.

#### **5.1.1 Dados dos questionários aplicados aos bibliotecários de bibliotecas universitárias**

Como uma das premissas desta pesquisa é também impactar as bibliotecas universitárias com seus respectivos bibliotecários atuantes e perceber como os mesmos trabalham com os processos de avaliação em suas IES, as perguntas tratadas a seguir mostrarão seus perfis (não os identificando), local de atuação e seus pareceres diante dos questionamentos em relação à temática.

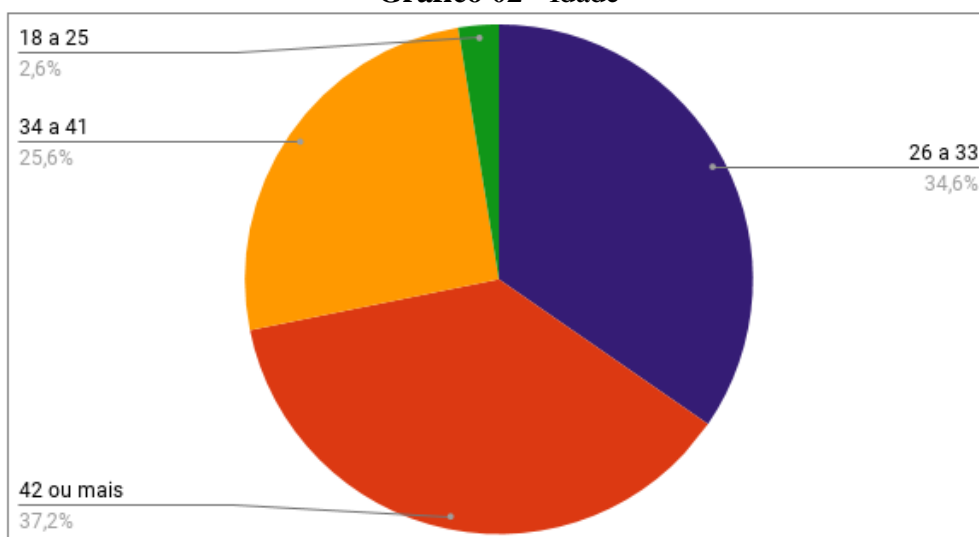
Assim, as duas primeiras perguntas versam respectivamente sobre o gênero e a idade dos participantes.

**Gráfico 01 - Gênero**

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Conforme citado, foram 78 (setenta e oito) bibliotecários respondentes de todo o país. O gráfico constata que 79,5% dos participantes especificaram que são do gênero feminino, enquanto 20,5% dos bibliotecários questionados se definiram no gênero masculino.

A segunda questão teve como intuito diagnosticar a estimativa de idade dos bibliotecários.

**Gráfico 02 - Idade**

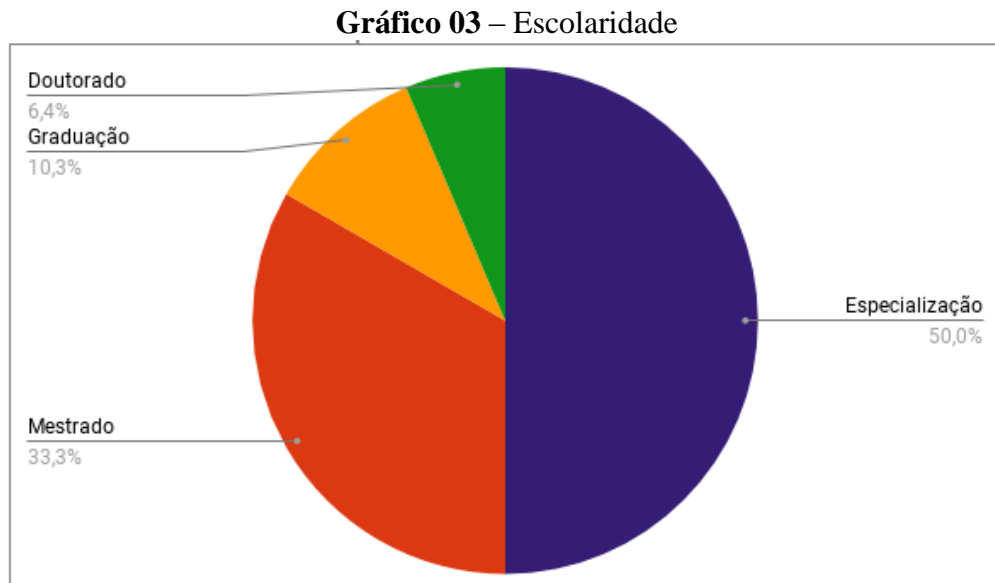
**Fonte:** Dados da Pesquisa

Percebe-se, por sua vez, que, existe uma gama de “experiência” por idade dos bibliotecários respondentes, os quais a maioria, ou seja, 37,2% possui 42 (quarenta e dois) anos ou mais, enquanto 34,6% estimam as idades de 26 (vinte e seis) a 33 (trinta e três) anos.



Há também um número considerado de 25,6% que estão entre 34 (trinta e quatro) a 41 (quarenta e um) anos e uma pequena porcentagem que aparece com o percentual de 2,6% com idades de 18 (dezoito) a 25 (vinte e cinco anos). Essas questões iniciais, portanto, servem para traçar e conhecer os perfis dos bibliotecários e sua gama de experiências.

A terceira questão busca identificar o nível de escolaridade do bibliotecário.



**Fonte:** Dados da Pesquisa

Dentre as quatro opções colocadas nas alternativas, o nível de escolaridade de maior percentual foi de especialização com 50,0% dos bibliotecários. Em seguida constatamos 33,3% dos participantes possuem mestrado, 10,3% apenas a graduação e por último 6,4% com título de doutorado.

A quarta e quinta perguntas, consistiram em identificar a naturalidade e a Instituição a qual estes bibliotecários trabalham, seguindo de suas seções.

Como não iremos identificar por nomes, colocamos como forma de identificação do B1 ao B78 as respostas destas perguntas discorridas. Salientamos que as questões que forem abertas a seguir, serão expressas pelas siglas enumeradas.

**Quadro 10** - Naturalidade e a Instituição que os bibliotecários pertencem

<b>Nº</b>	<b>Naturalidade:</b>	<b>Instituição na qual trabalha e seção:</b>
B1.	Porto Alegre/RS	Faculdade Almeida Rodrigues. Biblioteca
B2.	Fortaleza/CE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) / Campus Fortaleza - Coordenadoria de Biblioteca
B3.	Porto Alegre/RS	Senai/SC Jaraguá do Sul
B4.	Formiga, MG	UFJF e CES/JF
B5.	Brasileira	Faculdade de Tecnologia Nova Palhoça – SC
B6.	Araraquara/SP	Universidade Paulista (UNIP) - Biblioteca Setorial
B7.	Brasileira	Fevasf MG - Biblioteca Universitária
B8.	Rio de Janeiro	UFG - Biblioteca Regional Catalão
B9.	Teresina - PI	Instituto Federal do Piauí - Campus Teresina Central - Coordenação de Biblioteca
B10.	Curitiba/PR	Faculdade da Indústria IEL - Biblioteca Central
B11.	Tupã	Cefet-RJ - BIBLI-AR
B12.	Soteropolitana	Biblioteca IFBA - Seabra – BA
B13.	Florianópolis	Biblioteca
B14.	Maracanaú	Faculdade CISNE, Biblioteca, coordenação.
B15.	Petrópolis	FMP/FASE
B16.	Goiânia	IF Goiano
B17.	Fortaleza	FACPP - seção biblioteca
B18.	Rio de Janeiro	UFRJ
B19.	Caxias do Sul	Unochapecó – biblioteca
B20.	Brasileiro	PECEGE
B21.	Paulo Lopes	Satc – biblioteca
B22.	Governador Valadares	Puc Minas / Referência e gestão
B23.	Poção de Pedras	Universidade Ceuma
B24.	São José - SC	UDESC – Ibirama
B25.	Goiânia	IF Goiano Campus Trindade – biblioteca
B26.	Lavras da Mangabeira	IFPB
B27.	Juazeiro do Norte - Ceará	Faculdade Integrada de Pernambuco - FACIPE
B28.	Fortaleza	IFCE, Campus Cedro
B29.	Maranhense	Faculdade Anhanguera de Taubaté, SP
B30.	Mamanguape / PB	Universidade Estadual da Paraíba
B31.	Maranhense	UFMA

B32.	Fortaleza	UECE, Campus Quixadá, Feclesc
B33.	Teresinense	UFPI
B34.	Teresina	BCCP - UFC - Seção de atendimento ao usuário
B35.	Fortaleza	UFC - Seção de Atendimento ao Usuário
B36.	Mogi das Cruzes, São Paulo	Unesp, Campus de Marília
B37.	Hidrolândia	Diretora - Biblioteca Rui Simões de Menezes - Labomar/UFC
B38.	Campos Sales - Ceará	Universidade Federal do Ceará - Campus Fortaleza
B39.	RJ	IF Sertão-PE
B40.	Rio de Janeiro	Universidade de Brasília – Referência
B41.	Rio Grande do Sul	UFRJ. Faculdade de Letras. Biblioteca José de Alencar
B42.	Fortaleza	UFC, Atendimento ao usuário
B43.	Rio de Janeiro	UFRJ
B44.	Fortaleza	Universidade Federal do Ceará/ Departamento de Ciências da Informação
B45.	RJ	FACEMA, seção 13
B46.	Barueri - SP	Faculdade Maurício de Nassau, por ser uma unidade nova, ainda não possui a divisão por seções.
B47.	Brasileira	UFRPE
B48.	Teresina	Instituto Federal do Piauí (IFPI) Biblioteca
B49.	Fortaleza	Fametro/Biblioteca
B50.	Belo Horizonte	Escola de Ciência da Informação-UFMG /Biblioteca (chefia)
B51.	Belo Horizonte	UFMG - Biblioteca Central
B52.	João Câmara - RN	UFRN - Direção da Biblioteca Central
B53.	Fortaleza	Unileão - Gestão da Biblioteca
B54.	Rio de Janeiro	UFRJ/Sistema de Bibliotecas e Informação
B55.	Goiânia - Goiás	Faculdade Pitágoras - bibliotecária responsável
B56.	Piauí	UFMA / Controle e Formação de Acervo
B57.	Belo Horizonte	UFMG
B58.	Rio de Janeiro	UFRJ – Fórum
B59.	Fortaleza	UFC Representação Descritiva e Temática da Informação
B60.	Brasileira	UFMG
B61.	Aurora	Autônoma
B62.	Juazeiro do Norte	Unileão
B63.	Rio de Janeiro	UFRJ/processamento técnico
B64.	São Carlos, SP	FDRP/USP, chefia

B65.	Marília - SP	Faculdade de Odontologia – Biblioteca
B66.	Lorena/SP	EEL/USP – Biblioteca
B67.	Rio de Janeiro	UFRJ – Biblioteca
B68.	Brasileira	UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia
B69.	Paulo Lopes	Satc – Biblioteca
B70.	São Paulo	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
B71.	Brasileira	UFMS – Biblioteca
B72.	Brasileira	UFMS – Biblioteca
B73.	Brasileira	Atualmente desempregada
B74.	Paraíba	Uninassau - Campina Grande
B75.	Fortaleza/CE	UFAL
B76.	Brasileira	UFRJ
B77.	Brasileira	-
B78.	Juazeiro do Norte	IF SERTÃO PE/Coordenação da Biblioteca Campus Salgueiro

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Essas cinco perguntas iniciais foram pensadas a serem colocadas no questionário porque fornecem à pesquisa informações relevantes sobre o público-alvo. Podem nos auxiliar a segmentar seus perfis, com base no tipo de biblioteca universitária (pública ou privada), além de identificarmos alguns dados básicos de referência, como por exemplo, a região situada da IES avaliada.

Como são 78 (setenta e oito) respondentes, iremos categorizá-los por regiões para melhor discussão e para um entendimento mais objetivo e norteador. Para isso, das 5 (cinco) regiões que temos no nosso país, apresentamos as suas quantidades por categorias.

**Quadro 11 – Regiões dos bibliotecários respondentes**

<b>Regiões</b>	<b>Bibliotecários</b>	<b>Percentual (%)</b>
Centro-Oeste	8	10,25%
Nordeste	34	43,58%
Norte	1	1,28%
Sudeste	24	30,76%
Sul	9	11,53%
Sem identificação	2	2,56%
	<b>Total = 78</b>	

**Fonte:** Dados da Pesquisa

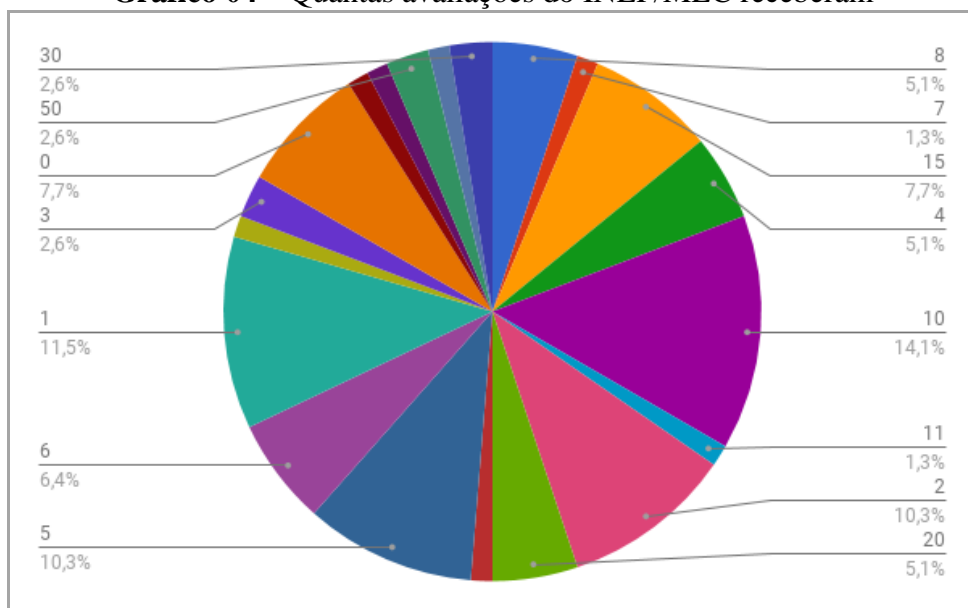
O índice maior de bibliotecários que colaboraram com os questionários aplicados, como podemos perceber, foi da região nordeste, com o percentual de 43,58%. Em seguida apresentamos o sudeste, com uma considerada participação de 30,78%, seguindo o centro-oeste com 10,25% e as regiões sul e norte com 11,53% e 1,28% respectivamente. Dois bibliotecários não identificaram suas regiões, somando o percentual de 2,56%.

Considera-se um número considerável de respondentes, apesar de existirem muitos bibliotecários com experiência em avaliações *in loco* que não responderam e/ou não chegaram a tomar conhecimento da pesquisa, porém também é sabido que questionários em formato *surveys* lançados aleatórios, com divulgações acirradas e com sensibilização do seu público-alvo tiveram um grande avanço.

Dando continuidade, é a partir da sexta pergunta que começamos a afunilar e delimitar as questões essenciais para a pesquisa. Expomos na apresentação do questionário informando que os bibliotecários respondentes deveriam ter passado por alguma experiência de visitas das comissões do INEP/MEC.

Assim, a pergunta feita foi “Em média, por quantas avaliações do INEP/MEC já passou?”. Essa questão teve o intuito de apresentar por quantas vezes os bibliotecários receberam as comissões do INEP/MEC em suas IES e também até aqueles que mesmo não estando atuando em alguma biblioteca universitária, por quantas avaliações passaram.

**Gráfico 04 – Quantas avaliações do INEP/MEC receberam**



**Fonte:** Dados da Pesquisa

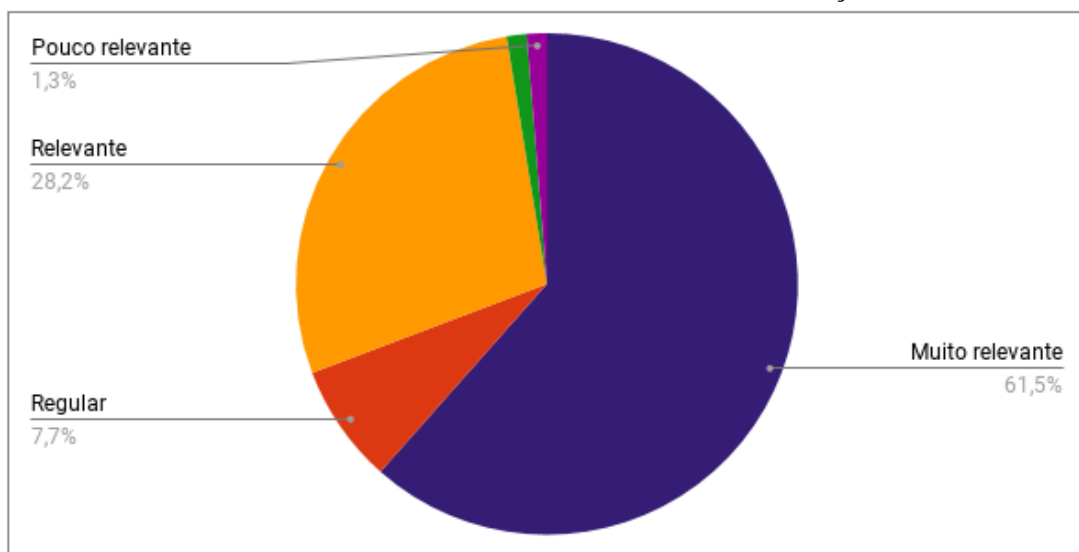
Constata-se que em média, os bibliotecários avaliados, receberam 10 (dez) comissões de avaliações. Os percentuais de 7,7% assemelham-se aos que receberam 15 (quinze) avaliações e 6,4% receberam por volta de 6 (seis) comissões. Os demais percentuais são descritos de forma decrescente, os quais demonstram que alguns bibliotecários receberam entre 30 (trinta) a 1 (uma) comissão.

Há uma disparidade entre os bibliotecários tratando do recebimento das comissões do MEC. Existem bibliotecários de universidades públicas que nunca receberam comissões de avaliações, como existem bibliotecários que passaram por inúmeras. A cada avaliação obtida por esses profissionais, serão explanadas nas questões seguintes que aumentam as suas experiências e os tornam mais hábeis nos procedimentos avaliativos.

Em contrapartida, essas avaliações *in loco* preparam adequadamente os bibliotecários a receberem as comissões, de modo que independentemente do grau de experiência do mesmo em avaliações, as atividades a serem desenvolvidas durante todo o período da visita deve acontecer sem nenhum tipo de imprevistos e de acordo com a realidade das condições de funcionamento da Instituição.

A sétima pergunta tem a preocupação em saber do bibliotecário o seu grau de importância sobre as avaliações nas BU's. É posicionada na seguinte indagação: “Que nível de relevância você considera sobre a avaliação em Bibliotecas Universitárias? ”. Para isso, apresentamos os seguintes dados:

**Gráfico 05** – Nível de relevância considera sobre avaliação em BU



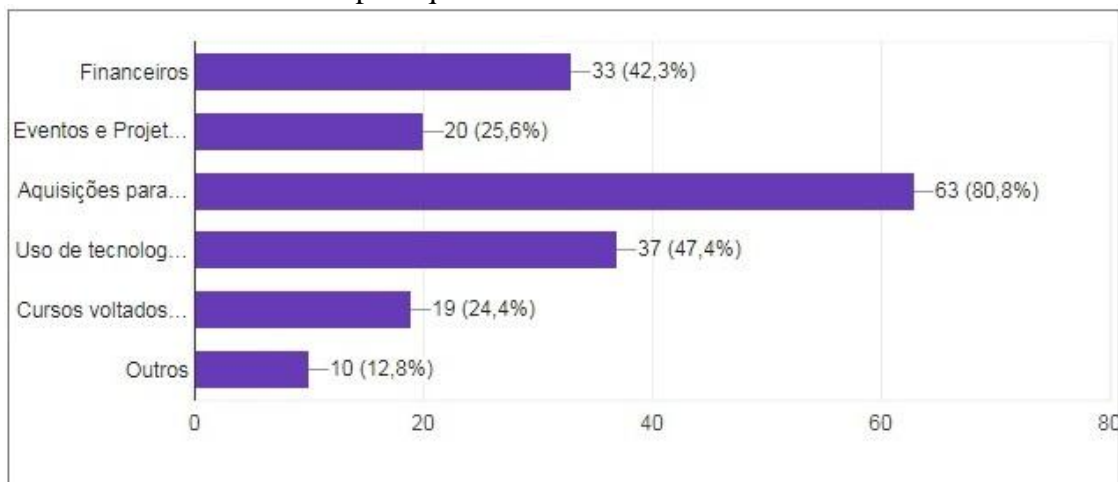
**Fonte:** Dados da Pesquisa

O gráfico explicita que 61,5% dos participantes consideram as avaliações em BU muito relevante. Em segundo lugar apresenta o nível relevante com 28,2% e logo em seguida 7,7% e 1,3% consideraram regular e pouco relevante, respectivamente.

A questão revela de forma nítida que grande parte desses bibliotecários analisaram muito pertinente as avaliações em bibliotecas. É imprescindível esse tipo de diagnóstico, pois mostra a necessidade de haver mais avaliações e mais fiscalizações. Para muitos profissionais, as suas bibliotecas recebendo avaliações, é uma forma de obter resultados comprobatórios da realidade em que atuam. E essa pergunta não se reduz apenas as avaliações *in loco* do INEP/MEC, mas para avaliações de toda e qualquer natureza.

O oitavo item, enfoca no tipo de apoio que a BU recebe, consistindo na pergunta: “Que tipo de apoio a Biblioteca Universitária a qual você trabalha recebe da sua Instituição?”. Foram dadas mais de uma opção, o respondente podendo assinalar quais os quesitos estão de acordo com sua realidade.

**Gráfico 06 – Apoio que a biblioteca universitária recebe da IES**



**Fonte:** Dados da Pesquisa

Com 80,8%, ou seja, 63(sessenta e três) bibliotecários colocaram como primeiro lugar, a opção “aquisições para o acervo” como o apoio mais recebido dos dirigentes de sua IES. Em segundo, apresenta a opção “uso de tecnologias” com 42,3% dos listados. E posteriormente é exposto o itens “financeiros”, “eventos e projetos”, “cursos voltados para pesquisa e técnicas biblioteconômicas” e “outros”, com 42,3%, 25,6%, 24,4% e 12,8% na devida ordem.

Sobre essa pergunta é destacada a opção de “aquisição para o acervo” com um percentual bastante considerável o que é bastante positivo para uma biblioteca. O “uso das tecnologias”, também foi considerado aplausível diante a estimativa. Porém, ainda é perceptível que os cursos e treinamentos para bibliotecários e seus auxiliares ainda não são

priorizados pelas IES e nem existem tanto apoio no que se refere aos eventos e projetos (sociais e culturais).

Esse questionamento serve para uma reflexão de que o acervo é o mínimo que uma biblioteca possa oferecer. Qualificação pessoal, bem como investimentos nos aspectos socioculturais de uma biblioteca, tornam-se essenciais para atraí-la ao seu público, bem como oferecer atividades diferenciadas.

Assim, como nosso foco maior é a questão da avaliação nas BU's, a nona questão específica de modo dissertativo o tipo de avaliação interna que os bibliotecários recebem. A pergunta que indaga o levantamento dessas respostas foi realizada dessa forma: “Que tipo de avaliações internas a Biblioteca Universitária recebe tanto da Instituição, quanto da comunidade acadêmica?”. As respostas semelhantes foram filtradas e expostas em uma única alínea, as mais específicas foram detalhadas no quadro abaixo:

**Quadro 12** - Avaliações internas recebidas pela Biblioteca Universitária

Respostas	Quantidade
Nenhuma	11
Pesquisa de Satisfação	3
Através da Comissão Permanente de Avaliação – CPA	20
Pesquisa de usuários	3
Avaliação de desempenho	4
Questionários	2
Auditorias internas	4
Fale conosco	2
Chefias	2

**Fonte:** Dados da Pesquisa

As respostas evidenciam que grande parte dos bibliotecários recebe algum tipo de avaliação interna. A mais comum entre as respostas e como se pode notar, é a realizada pela Comissão Permanente de Avaliação (CPA). O papel da autoavaliação institucional é norteador e compreendido como um instrumento que conduz a IES a diagnosticar por meio de questionários os diversos pontos que a envolve principalmente nos quesitos de ensino, pesquisa e extensão. A biblioteca sendo setor participante da IES é também avaliada pelos discentes, docentes e colaboradores/técnicos administrativos.

Essa mesma questão ainda apresentou que 11 (onze) das respostas semelhantes asseguraram que “nunca” receberam nenhum tipo de avaliações internas em suas bibliotecas.



Apesar de não ter sido uma quantidade considerada elevada de bibliotecários que não recebem avaliações internamente, o quadro se torna pouco agravante, pois as avaliações dos serviços, atendimento, acervo, dentre outros suportes, são de extrema relevância para que uma biblioteca possa oferecer seus serviços e seu ambiente com qualidade e êxito.

Outras respostas interessantes e elucidadas para o setor são as auditorias internas. Estas, como por exemplo, a *International Organization for Standardization*, ou seja, Organização Internacional de Padronização (ISO), propiciam a normatização de instituições e/ou organizações para manter um padrão de qualidade permanente. Por sua vez, para receberem a certificação da ISO, os setores precisam estar alinhados e dentro das normas estabelecidas.

Em suma identificam-se outros tipos de avaliações internas, estas de acordo com a sua IES e relatadas pelos bibliotecários, como por exemplo, as avaliações de desempenho, pesquisa de satisfação/usuários, fale conosco, chefias e questionários. De um modo geral, as demais respostas foram pontuadas e dissertadas de modo singular podendo ser conferidas na tabela acima.

A décima questão consistiu em perguntar: “Como sua Instituição lida com os processos de avaliações externas, como por exemplo, as realizadas por Órgãos Federais?”. Serão indexadas as respostas mais complacentes e com um teor também preocupante para uma discussão efetiva da realidade de algumas IES.

**Quadro 13** – Avaliações externas nas IES

Respostas	Quantidade
Fingindo estar tudo perfeito	2
Sem grande motivação	5
Com muita responsabilidade, organizada, compreendendo a necessidade da avaliação, ética, respeito	11
Com muita tensão, pois eles são rigorosos	2
A instituição gosta de organizar a casa para recebê-los.	2
Prepara a biblioteca com os requisitos solicitados nos instrumentos visando conceito máximo.	2

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Foram diversas respostas relevantes e muitas consideradas essenciais para demonstração da distinção entre IES públicas e privadas. Nota-se diante das demais respostas claramente que o MEC foi o órgão mais citado de avaliações externas, como também se percebe o teor do grau de importância que algumas IES dão ou não às avaliações.

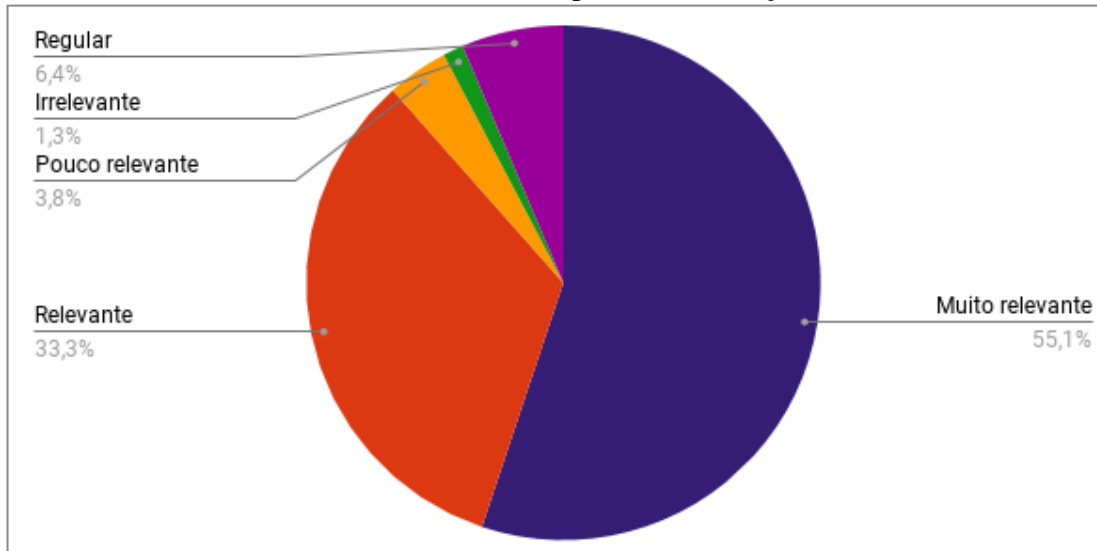
Determinadas respostas como “muita responsabilidade, organizada, compreendendo a necessidade da avaliação, ética, respeito”, foram respaldadas pelos bibliotecários de modo positivo. Outros preferiram ser mais enfáticos, como descrever os processos pelos quais passam ou enfrentam para o recebimento dessas avaliações. Mas o que se levou mais em consideração foi realmente como as avaliações são tratadas de modo mais criterioso em faculdades privadas do que as públicas.

Respostas tais como: “Com muita tensão, pois eles são rigorosos”, “Fingindo estar tudo perfeito”, “Atendendo às demandas pontuais, do tipo ‘maquiagem’”, “Com preocupação, tendo em vista que nem sempre os critérios avaliativos do MEC são priorizados no cotidiano”, “Durante o ano são feitas algumas compras para o acervo, mas na maioria das vezes é feito tudo em 1 mês mais ou menos antes da visita do MEC”, tornam-se preocupantes pois as IES com suas respectivas bibliotecas não podem trabalhar apenas em cima de uma avaliação, mas sobretudo, manter um padrão de qualidade eficaz em todos os aspectos.

Não é estranho saber que muitas IES, principalmente as públicas, passam por rigorosos entraves políticos e administrativos. Porém, como as avaliações dos órgãos fiscalizadores abarcam todas as esferas, aquelas que não estão dentro dos padrões normativos deveriam também ser punidas. E aquelas IES privadas que “maquilam” ou “fingem” estar transcorrendo tudo dentro dos padrões, poderiam ser investigadas com mais precisão.

As demais respostas da referida questão congratulam em mostrarem os processos que tramitam para o recebimento das visitas *in loco*, assim como suas preparações não apenas para a comissão, mas durante todos os momentos, tratando seus serviços e produtos com seriedade.

A seguir, apresentamos a décima primeira questão que aborda a interrogativa: “Sobre o impacto da avaliação do INEP/MEC para as bibliotecas universitárias, como você considera?”.

**Gráfico 07** – Nível de relevância sobre o impacto da avaliação do INEP/MEC em BU

**Fonte:** Dados da Pesquisa

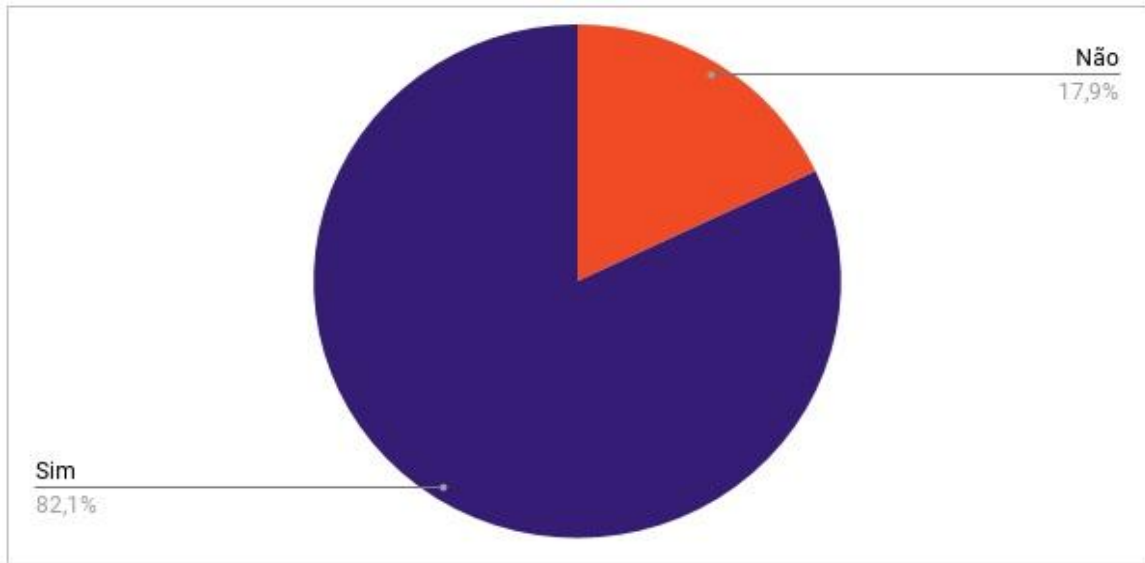
De modo positivo, 55,1% e 33,3% os bibliotecários avaliados, ou seja, a maioria considera “muito relevante” e “relevante” o impacto que as avaliações causam nas suas bibliotecas. Apenas 6,4%, 3,8% e 1,3% somaram os quesitos, “regular”, “pouco relevante” e “irrelevante”.

Nessa perspectiva, as avaliações ocorridas em BU vêm alcançando resultados de acordo com o que foi diagnosticado. Permitem criar estratégias que solucionem os problemas aferidos, assim como intensificarem ainda mais na constatação dos dados levantados.

Utilizar as avaliações nas BU's como uma ferramenta para subsidiar tomadas de decisões em todos os processos que as envolve, é uma prática que busca fomentar o incentivo de serviços e produtos melhores e adequados para o setor.

Em seguida, a décima segunda pergunta apresenta o enunciado: “Você conhece e/ou tem acesso ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de sua IES e sabe como se dá os processos de credenciamento, autorização, reconhecimento, renovação de reconhecimento e de credenciamento, legislação do ensino superior, as avaliações e toda a estrutura organizacional?”. O gráfico seguinte mostra o percentual avaliado pelos bibliotecários.

**Gráfico 08** – Acesso ao PDI da IES e aos processos de credenciamento, autorização, reconhecimento, renovação dentre outros.



**Fonte:** Dados da Pesquisa

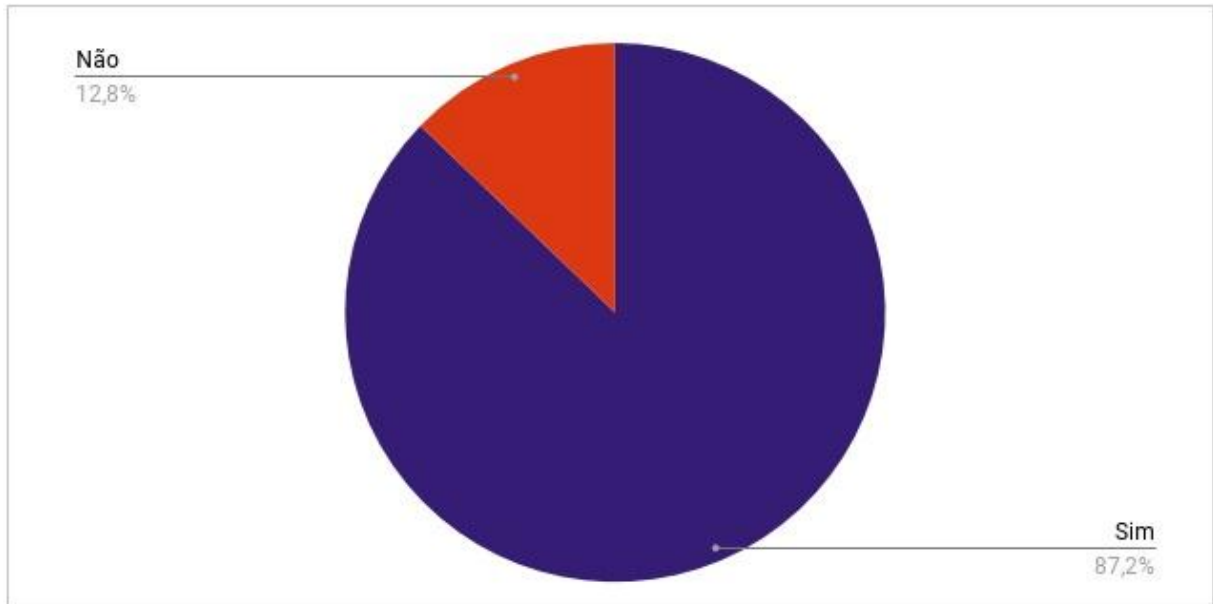
A opção “sim” com 82,1% dos avaliados se sobressaiu com maior êxito perante aos 17,9% que “não” conhecem e/ou tem acesso ao PDI das IES na qual trabalham, dentre alguns processos mais pertinentes que é a noção e conhecimento nos processos avaliativos do INEP/MEC.

Conhecer as diretrizes e todos os processos basilares e específicos que compõem as avaliações do INEP em IES é essencial para que o bibliotecário possa gerir sua biblioteca de modo a seguir rigorosamente todas as exigências estabelecidas por esse órgão.

O acesso ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de sua IES o faz se manter informado não apenas das metas, objetivos e ações, como também das relações de busca dos principais indicadores de desempenho, das avaliações institucionais, dos projetos pedagógicos dos cursos, condições de trabalho dentre outras dimensões, as quais são de suma importância para o conhecimento e desempenho do bibliotecário. Portanto, essa questão foi bem aferida podendo reconhecer que grande parte dos bibliotecários avaliados tem acesso e conhecem os processos citados de sua IES.

A décima terceira pergunta, elaborada pelo questionamento: “Você tem conhecimento da dimensão que trata das Instalações Físicas no Manual de Verificação *in loco* das condições institucionais onde dentro desse indicador encontra-se as avaliações dos instrumentos da biblioteca (espaço físico, acervo e serviços)?”, é um complemento da questão anterior, sendo mais específica, pois trata das avaliações do INEP em BU’s. Para tal resposta, apresenta-se o gráfico:

**Gráfico 09** – Conhecimento da dimensão Instalações Físicas do Manual de Verificação *in loco* e instrumentos da BU



**Fonte:** Dados da Pesquisa

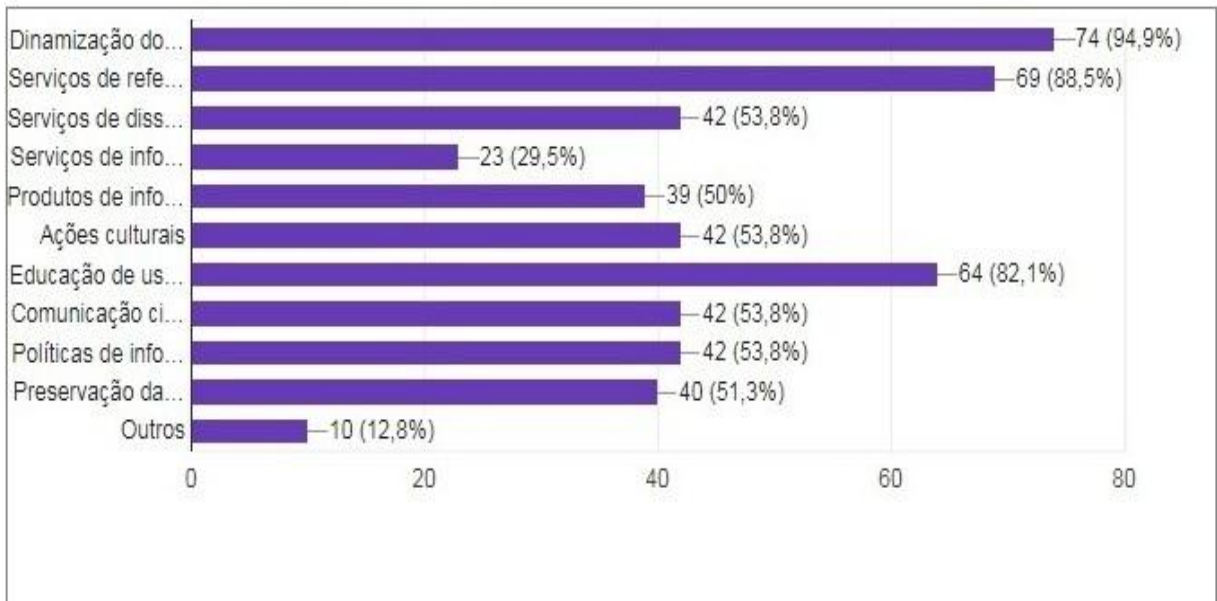
Também considerado um percentual favorável à questão, 87,2% dos bibliotecários responderam que “sim”, conhecem a dimensão Instalações Físicas do Manual de Verificação *in loco* e dos instrumentos da BU, enquanto 12,8% consideraram que “não” conhecem.

Os critérios estabelecidos pelo referido Manual devem ser rigorosamente estudados e analisados pelos bibliotecários que irão receber as comissões. Tratar dessa dimensão requer um conhecimento afincado e necessário para que, assim junto com outros critérios a serem avaliados, possam estar na mesma consonância.

Não se pode deixar de levar em consideração a gama de importância que a BU carrega numa avaliação desse nível. Os processos, produtos e serviços devem estar paulatinamente de acordo com cada regra. Deste modo, faz-se necessário que esse percentual cresça cada vez mais para o “sim”, pois há uma real necessidade de todo bibliotecário de BU conhecer este Manual e os instrumentos os quais a BU pertencem.

A décima quarta questão aspira em saber dos bibliotecários quais as práticas da biblioteca as quais trabalham eles mais consideram ser relevantes. Portanto apresenta essa pergunta: “Dentre essas práticas abaixo, quais você considera as mais relevantes para o desenvolvimento de serviços nas bibliotecas universitárias? (Caso necessite, pode marcar mais de uma opção)”. A observação entre parênteses se deu por necessidade, pois geralmente o profissional não considera apenas uma prática relevante, mas várias. Desta forma, a estimativa abaixo foi tabulada por ordem de critério dos nossos respondentes.

**Gráfico 10** – Práticas da biblioteca as quais trabalham que mais consideram ser relevante



**Fonte:** Dados da Pesquisa

Analisando os quesitos assinalados, 94,9% dos bibliotecários apontaram que a “Dinamização do acervo/uso das fontes de informação” foi a prática mais bem avaliada para o desenvolvimento dos serviços nas suas bibliotecas. Em segundo ponto apresentou-se o quesito “serviços de referência” com 88,5% dos avaliados e em terceiro 82,1% distinguiram a “educação de usuários”. Logo em seguida, coincidentemente apresentamos o percentual igual de 53,8% para os quesitos “serviços de disseminação seletiva da informação”, “ações culturais”, “comunicação científica” e “políticas de informação científica e tecnológica”. E por último, as porcentagens de 51,3%, 50%, 29,5% e 12,8%, correspondem aos quesitos “preservação da memória científica”, “produtos de informação”, “serviços de informação utilitária” seguindo a ordem.

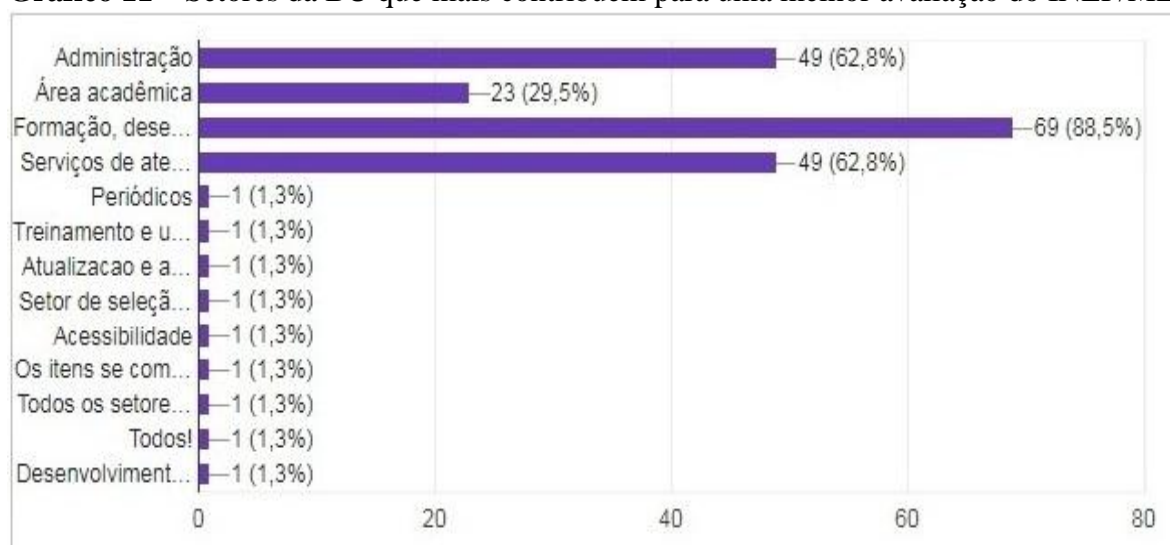
Essas práticas proporcionam aos bibliotecários assumirem o papel de desmitificar a biblioteca como um espaço mórbido. Foram elencadas 11 (onze) opções, as quais são todas devem ser trabalhadas em bibliotecas. Desde um simples processo de dinamização do acervo até os serviços de informação utilitária que ela oferece. Evidentemente sabemos que nem todas as bibliotecas universitárias podem usufruir assiduamente dessas práticas, mas pelos percentuais expostos, nota-se que há um desenvolvimento destas nas BU’s dos bibliotecários respondentes.

O desenvolvimento destes serviços contribui para a melhoria não só do espaço da biblioteca, mas também do fazer do bibliotecário, pois oferecer produtos e serviços que

supram as necessidades de seu público-alvo é fundamental para que tenha um ambiente propício a auxiliar na pesquisa e viabilizar a construção de novos conhecimentos.

A décima quinta questão e última fechada pretendeu identificar, diante da pergunta, “Na sua opinião, quais os setores da Biblioteca Universitária que mais contribuem para uma avaliação proveitosa do INEP/MEC? ”, podendo também assinalar mais de um quesito, seguindo as estimativas abaixo:

**Gráfico 11** – Setores da BU que mais contribuem para uma melhor avaliação do INEP/MEC



**Fonte:** Dados da Pesquisa

O gráfico apresenta o setor de “formação, desenvolvimento e processamento técnico das coleções” como a alternativa mais apontada pelos bibliotecários com 88,5%. Logo após apresentou com 62,8%, os setores de “administração” e “serviços de atenção ao usuário” e com 29,5% a “área acadêmica”. Os demais setores, que somaram 1,3%, foram bibliotecários que assinalaram a opção “outros” e descreveram os demais setores/serviços que trabalham e/ou acham convenientes.

Esses 4 (quatro) setores abordados na décima sexta questão são os quesitos expostos no modelo da Lubisco como indicadores para uma avaliação de excelência, segundo a autora. Esses itens estão correlacionados a qualidade dos serviços os quais pertencem à biblioteca e suas condições de uso. Portanto, as respostas obtidas na opção “outros” vai além dos quatro tipos de setores colocados pela autora, abarcando área de periódicos, até os projetos sociais de inclusão.

Logo após, a décima sexta pergunta elencando com a indagação anterior, aborda o seguinte questionamento: “Diante a exposição acima dos quesitos os quais devem ser

avaliados pelas comissões, na sua percepção quais são os elementos necessários na avaliação do INEP/MEC?”. Essa questão teve caráter aberta, a qual os bibliotecários puderam dissertar as diversas formas de avaliação que acham cabíveis para uma avaliação *in loco*. Abaixo segue algumas respostas pertinentes para a pergunta:

**Quadro 14 - Elementos necessários na avaliação do INEP/MEC**

Respostas	Quantidade
Acervo satisfatório e atualizado	18
Formação, desenvolvimento e processamento técnico das coleções	2
Área acadêmica e científica	3
Espaço físico da biblioteca – Infraestrutura	11

**Fonte:** Dados da Pesquisa

O quesito “acervo” foi dezoito vezes mais pautado pelos bibliotecários. Muitas respostas ainda envolvem o acervo, especificando principalmente o PPC, as bibliografias dos cursos e a formação, desenvolvimento e processamento técnico das coleções. Porém, o que não se pode deixar de frisar é que o acervo em si, é um dos quesitos mais avaliados pelas comissões *in loco*. Há bibliotecários que relatam o item acervo como por muitas vezes o único espaço avaliado por algumas comissões.

Há também respostas que trazem a administração da biblioteca, como parte fundamental para as avaliações. Ela podendo abranger a gestão, a equipe (quantidade e qualificação) e maior número de bibliotecários em uma BU.

A “área acadêmica e científica” também foi pontuada, assim como a “infraestrutura (espaço físico)” da biblioteca. Esta por sua vez, colocada onze vezes pelos respondentes. Outro quesito discutido foi a “acessibilidade”. Um tipo de item de extrema importância das bibliotecas da atual conjuntura, pois as universidades recebem grande demanda de alunos com necessidades especiais, os quais os mesmos precisam ter suporte estrutural, de aprendizagem e tecnológico acessíveis para atender as suas carências.

Unir os aspectos tecnológicos, de infraestrutura, de relevância dos serviços, acervo como um todo, projetos socioculturais, equipe e bibliotecários adequados/capacitados, parte acadêmica e científica alinhada, fazem de uma biblioteca universitária uma completude de serviços e ações que deveriam ser verificadas pelas comissões do INEP como os próprios bibliotecários indicam.



Esses tipos de diagnósticos retratam a preocupação dos bibliotecários quererem que as avaliações não consistam em apenas verificar um ou dois quesitos pautados pelo Manual, mas avaliar a BU como um todo, ou seja, em todos os seus aspectos.

As questões seguintes, tais como décima sétima, décima oitava e décima nona, desejam explanar as sugestões que os bibliotecários possam colocar tratando das avaliações do INEP/MEC.

Portanto, a décima sétima interroga: “Que sugestões você daria ou você promoveria para a Biblioteca Universitária se adaptar melhor na avaliação do INEP/MEC? ”. Dentre as principais respostas, expõe-se o quadro abaixo:

**Quadro 15** – Sugestões para a Biblioteca Universitária se adaptar melhor na avaliação do INEP/MEC

Respostas	Quantidade
Manter as suas bibliografias atualizadas.	2
Nenhuma	4
Começar cedo a se adaptar ao instrumento.	4

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Dentre as respostas que mais se assemelharam foram de conhecer os instrumentos de avaliação e sobre as atualizações das bibliografias/acervo. As demais consistem em pontuar a importância do trabalho cooperativo entre direção/coordenações e biblioteca, pois esse trabalho em conjunto propicia não apenas um resultado satisfatório das notas dado pelo INEP, bem como uma uniformidade das informações prestadas, sejam elas em documentos como na própria verbalização com as comissões.

A acessibilidade foi também pautada como uma das sugestões para a BU se adaptar melhor nas avaliações, tendo um respaldo bastante positivo, pois tornar o espaço, os produtos e os serviços acessíveis, fazem da biblioteca um diferencial e inclusa na realidade de muitos usuários.

As demais sugestões são sobre os perfis dos bibliotecários frente a essas visitas. Pontua um profissional mais proativo juntamente à sua equipe e atuante nas questões de planejamento acadêmico e financeiro, que haja comunicação e engajamento entre todos que irão passar pela visita, tenham capacitações e, sobretudo ter domínio dos instrumentos do manual, assim como apresentar à comunidade por meio de relatórios os resultados das avaliações e seus possíveis planos de ação para a BU.

Alguns bibliotecários preferiram sugerir nenhuma ideia, como tiveram alguns que pontuaram negativamente algumas questões, como por exemplo, a biblioteca não se preocupar em ajustar seus serviços e documentos apenas para o recebimento de uma avaliação, mas que seja uma preocupação frequente, haja vista que todos os ementários atualizados ao seu acervo, os seus serviços acessíveis e de acordo com a unidade e uma equipe bem respaldada proporcionam resultados positivos nas avaliações sem apreensões e/ou afobação.

Essas respostas remetem a discutir o quão as bibliotecas precisam melhorar, mas que os bibliotecários em sua maioria opinaram e deram seus pareceres com o ensejo de aperfeiçoarem ou difundirem suas ideias para trazerem bons resultados. O apoio institucional é fundamental para que todas essas ideias expostas sejam colocadas em prática.

Dando continuidade, a décima oitava questão remete a perguntar: “Que sugestões você daria para melhoria dos critérios de avaliação do MEC?”. As respostas foram bem variadas e bem críticas. Segue, portanto, as mais complacentes e que, de certo modo, contribuem para uma visão mais proeminente sobre as avaliações.

**Quadro 16** – Sugestões sobre os critérios de avaliação do MEC INEP/MEC

Respostas	Quantidade
Relevância dos títulos, atualização, a contagem de exemplares levar em consideração vagas ocupadas e não vagas ofertadas.	2
A principal sugestão seria deixar de considerar a biblioteca apenas como instalação física e passar a considerá-la como recurso essencial no processo de ensino-aprendizagem.	3
Nada a declarar/ opinar	9
Não focar tanto em acervo	2
Mais sensatez com os critérios, diante o quadro financeiro do país.	2

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Alguns bibliotecários não quiseram opinar ou dar sugestões sobre os critérios de avaliações do INEP/MEC nas bibliotecas, porém a maioria proporcionou às respostas dessa questão um aparato riquíssimo de ideias e críticas.

As respostas mais concebidas trataram sobre o posicionamento das comissões em suas avaliações *in loco*. O que fica bem detalhado nas respostas colocadas pelos bibliotecários é a aleatoriedade que os avaliadores fazem nas visitas, trata da falta de padronização que deveriam seguir (apesar do manual existir). A cobrança assídua na avaliação do acervo (bibliografias e periódicos) é o que mais incomoda os bibliotecários, as suas subjetividades e modo quantitativo/estatístico de diagnóstico.

Outro tópico discutido também é que a avaliação da biblioteca saia da área de infraestrutura/instalação física, e se encaixe, por sua vez, em outros indicadores como área pedagógica (Organização Didático-Pedagógica) no que tange o processo de ensino-aprendizagem. Que as avaliações valorizassem outros aspectos da biblioteca, tais como produtos e serviços, área acadêmica e educação de usuários.

Foi abordada a questão do acervo em si e a disparidade que trata sobre as exigências que existem entre IES privadas e públicas. De o avaliador ter conhecimento prévio de que não haja nenhum tipo de fraude por parte das IES avaliadas e se não estão oferecendo e apresentando algo que não exista.

Foram expostos também opiniões as quais trataram sobre a contagem de exemplares que deve possuir para cada título e o número de vagas que são ofertados por curso. Alguns bibliotecários expuseram que as quantidades de livros deveriam ser pelas vagas ocupadas e não ofertadas, já outros sugeriram mais acessibilidade dos títulos de modo digital, podendo o aluno ter acesso remoto as publicações.

Muitas das respostas trataram sobre a importância de incluir o acervo digital nas bibliografias da básica. Esse questionário, por sua vez, foi aplicado em meados dos meses de outubro e novembro do ano de 2017. A sua análise se deu no mês de dezembro do mesmo ano, quando nesse mesmo período foram lançadas pelo MEC algumas reformulações dos instrumentos de avaliação no quesito infraestrutura.

E uma das modificações se deu justamente pela a inserção de títulos do acervo virtual nas bibliografias básicas. Isso, portanto, gerou críticas, porém a própria tabela mostra que muitos dos bibliotecários que responderam sugeriram que existissem essa inclusão. A atualização desse instrumento foi lançada e as discussões se perpetuam com os novos rumos que os acervos físicos das bibliotecas terão que tomar. Seu detalhamento foi discutido mais afincamente no capítulo que tratou sobre as avaliações *in loco*.

E a décima oitava e última questão, resume-se na seguinte pergunta: “Como você avalia a participação de bibliotecários nas comissões que elaboram as avaliações do INEP/MEC?”.

**Quadro 17** – Participação de bibliotecários nas comissões que elaboram as avaliações do INEP/MEC

Respostas	Quantidade
Péssima. Fraca.	3
Muito relevante. Necessário. Importante.	26
Desconheço essa participação do bibliotecário nas comissões do INEP/MEC.	8

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Muitos dos respondentes que avaliaram essa questão mostraram claramente que desconhecem a participação de bibliotecários em comissões do INEP/MEC. E alguns demonstraram que acham a participação fraca e péssima.

As respostas possuem praticamente o mesmo sentido, porém cada uma com uma intensidade diferenciada. Alguns aproveitaram para discorrer a real necessidade tanto em haver bibliotecários nas comissões do MEC, os quais alguns apontam que é essencial e de grande relevância esse tipo de profissional, como também na elaboração dos próprios instrumentos no que tange à parte da biblioteca.

Críticas relacionadas à atuação dos avaliadores *in loco* de outras áreas em bibliotecas, também foram bastante pautadas. Os bibliotecários discorreram que avaliadores de outras áreas não possuem o mesmo conhecimento e exigências para avaliar uma biblioteca universitária.

O ideal seria, de fato, haver esses profissionais para assim conduzir uma avaliação de cunho mais preciso e viável nos processos da BU. O bibliotecário, segundo os respondentes, é o profissional mais adequado e imprescindível para avaliar uma biblioteca, pois além do seu conhecimento em todos os serviços e processos biblioteconômicos, têm também a capacidade de propor melhorias para aquela unidade que está recebendo as avaliações.

Outras respostas tratam ainda sobre o próprio posicionamento de bibliotecários perante as visitas, assim como abordam que se na comissão não existem esses profissionais, nas BU's ainda existe por ser uma exigência do MEC, porém para as avaliações em EaD não está mais sendo mais exigido.

As discussões em relação à demanda de bibliotecários em comissões de avaliações *in loco* do INEP/MEC em IES, sejam elas públicas ou privadas, é um assunto delicado e perceptivelmente abordado com bastantes críticas pelos profissionais da área.

Relacionar a capacidade de entendimento e conhecimento às práticas de avaliação é de extrema relevância para que as aprovações das BU's de IES sejam respaldadas de modo coerente e de acordo com a realidade imposta. Não se fala de exclusão dos demais

profissionais nas avaliações das bibliotecas, mas da inclusão de um componente a mais para verificar com propriedade aquele instrumento, sendo que cada avaliador somasse as experiências e conhecimentos nos critérios que lhes cabem.

Mediante a exposição das respostas ofertadas, o que se percebe é que grande parte dos bibliotecários apesar de desconheceram e nunca terem recebido nas comissões do INEP/MEC seja para autorização, reconhecimento, credenciamento dentre outros, bibliotecários, acreditam que suas participações são de grande valia e importantes para a contribuição nas avaliações *in loco*.

Estas, portanto, foram as respostas e os dados levantados dos 78 (setenta e oito) questionários respondidos por bibliotecários de diversas IES de todo o país. As respostas trouxeram à tona, discussões e reflexões de como os bibliotecários associam suas vivências e práticas aos parâmetros exigidos pelo INEP/MEC. E um dos pontos mais tocados pelos mesmos, é pelo desejo e “necessidade” em haver nas comissões de avaliações *in loco* e também na construção dos instrumentos de avaliações, ter o bibliotecário como parte integrante e essencial junto a esse órgão.

Todas as análises remetem a refletir o quão as avaliações em IES são importantes e seus resultados são de extrema relevância para um profícuo desenvolvimento das atividades de uma biblioteca.

Assim, a biblioteca universitária juntamente aos outros instrumentos do Manual de Verificação *in loco*, são primordiais para um diagnóstico preciso do que foi avaliado. É de fato constatado o anseio de melhorias, bem como mudanças nas diversas e subjetivas formas de avaliações, mas que esse incômodo dos bibliotecários se transforme em oportunidades de discussões e ganhe forças para possíveis mudanças.

## **6 ELEMENTOS PARA FORMULAÇÃO DO MODELO DE ATUAÇÃO PARA AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO DO INEP/MEC**

Mediante alguns elementos que serão apresentados nas alíneas a seguir, percebemos que o modelo é constituído por elementos essenciais para o seu constructo, sendo baseado em categorias que fundamentem a teorização da proposta em si. Iremos formular a ideia do modelo, levando em consideração um sistema de avaliação mais detalhado, podendo ser melhorado à medida que formos tratando os dados, mas que possibilitem tanto ao órgão investigativo (INEP/MEC) quanto aos investigados (IES, bibliotecários e bibliotecas universitárias), uma maior segurança e direcionamento do que será e deverá ser avaliado mais afincamente.

Segundo Jung (2009, p. 24) “em qualquer área das ciências, os modelos têm por finalidade a representação dos conhecimentos, fenômenos e sistemas”. O modelo proposto para uma pesquisa serve como base e referência para muitos profissionais na otimização de seu tempo e na funcionalidade de seus serviços.

Desta forma, apresentaremos o modelo proposto que se constitui basicamente no conjunto de elementos, a saber:

1. Missão
2. Valores
3. Diretrizes
4. Metas
5. Ações programáticas pragmáticas;
6. Ações programáticas institucionais;
7. Ações programáticas gerenciais estratégicas;
8. Ações programáticas gerenciais de pessoal;
9. Organograma/fluxo geral de como funcionaria o modelo.

Esses elementos categorizados nos ajudam a trabalhar com indicadores relevantes os quais sirvam de base para o modelo que nos propomos a construir, atendendo assim ao público alvo e dando suporte na qualidade de seus serviços.

Conforme exposto, pensou-se em pautar de início missão, valores, diretrizes e metas como um indício de consistir o modelo com características próprias e reguladas em princípios essenciais para o seu constructo. A missão, por sua vez, terá seu sentido baseado em detalhar

a razão do modelo de atuação, assim como de trabalhar o seu objetivo. Os valores irão se podar em atender os objetivos propostos na missão, assim como guiar os princípios das bibliotecas. Já as diretrizes, conhecidas como as normas de procedimento, nortearão os rumos as serem seguidos de modo a orientar as estratégias e planos a serem traçados. E as metas são os prazos estabelecidos ou almejados a serem cumpridos. Estas resultam na visão do objeto, nesse caso as bibliotecas, possibilitando-as trabalhar com indicadores de forma a medir o que está sendo avaliado.

As demais alíneas tratam das ações programáticas pragmáticas, institucionais, gerenciais estratégicas, gerenciais de pessoal e o organograma. Assim, ações programáticas pragmáticas consideram os diversos pontos como acervo, serviços e produtos que o INEP/MEC exige. Para as ações programáticas institucionais é analisado o que é necessário via apoio da instituição para atuação da biblioteca para avaliação do MEC. As ações programáticas gerenciais estratégicas consistem nos diversos pontos que acreditamos que a biblioteca universitária deveria oferecer para a comunidade de forma geral e para a instituição a qual está inserida. As ações programáticas gerenciais de pessoal são permeadas pela atuação articulada da equipe da biblioteca para lidar com a avaliação do INEP/MEC. E o organograma/fluxo geral será a forma de como funcionará o modelo.

Essa proposta iniciante instiga a sopesar num modelo que propicie resgatar em todo um contexto das bibliotecas universitárias todos os itens acima, categorizando-os e trabalhando-os de modo a pensar no INEP/MEC não como um órgão apenas avaliativo, mas um órgão que ajude as bibliotecas avaliadas a terem seus diagnósticos de acordo com esses itens analisados.

Vários protótipos foram estudados para então chegarmos a um modelo conciso e real que atenda e se adapte as necessidades das nossas bibliotecas brasileiras, pois como disse o Jung (2009, p. 26), “é possível à elaboração de alguns modelos para se determinar um modelo otimizado”. Detalhado no próximo item, procuramos a partir dos resultados dos dados colhidos, construir um modelo de atuação que atenda às BU's de modo a auxiliar nas avaliações *in loco*, bem como se preparem para receberem as comissões com todas as ações, serviços e produtos da biblioteca informadas, acessíveis e disponíveis.

Desta forma, com a criação desse produto, almejamos que haja um desempenho com excelência nas instituições que recebem as comissões do INEP/MEC e que o sistema criado e proposto por este estudo possibilite tanto ao órgão quanto às IES um planejamento mais aguçado e um bom desenvolvimento na hora das avaliações, com eficácia e eficiência. No apêndice A, estará a exposição do modelo em questão.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento mais aprofundado sobre as avaliações do MEC desenvolvida nas bibliotecas universitárias, e a proposta de criação de um modelo que melhor atenda as demandas dessas organizações, surgiram com o intuito de melhorar a organização e flexibilização das informações, dos serviços e produtos de uma BU. Os diagnósticos realizados nas avaliações serão mais precisos, e apoiarão de maneira significativa os bibliotecários responsáveis pelas BU's avaliadas tornando todo o processo mais eficiente.

Assim, a biblioteca universitária alinhada à atuação dos bibliotecários necessita de diretrizes que norteiem todo esse processo, de modo que esse profissional visualize os instrumentos de avaliações do INEP/MEC como métodos facilitadores do seu trabalho que proporciona ampliar os resultados esperados com o desenvolvimento de produtos, serviços e atividades técnicas e culturais, voltadas ao atendimento das necessidades de sua IES mantenedora.

No cenário hodierno, as avaliações do INEP/MEC de maneira genérica, estão apoiadas em três elementos que são: a análise do espaço físico, o acervo e serviços prestados pela biblioteca universitária. O estudo em questão discutiu a necessidade de avaliação por parte das comissões de avaliação do INEP/MEC de outros instrumentos/serviços/atividades que a biblioteca possui e que são desenvolvidos para atender as necessidades de informação de seus usuários, sendo dessa forma insuficientes somente três elementos para uma análise mais apurada.

Diante esta exposição, foram estudados alguns autores que propõem melhorias para avaliações de excelência detalhando e oferecendo instrumentos condizentes com as realidades assistidas. Assim como proposto um modelo de atuação para as essas bibliotecas universitárias no contexto da avaliação.

O papel e atuação do bibliotecário também tomam forma no modelo proposto, dando assim mais confiança e segurança a esses profissionais ao receberem as comissões do INEP/MEC, pois são agentes primordiais nas avaliações frente a estes representantes. É sugerida também a inserção de bibliotecários nas comissões de avaliação do INEP/MEC, pois, as avaliações dentro do quesito da Infraestrutura (parte das Bibliotecas) seriam mais minuciosas e realizadas por especialistas da área.

As IES exercem ainda um papel crucial no desenvolvimento da sociedade e devem disponibilizar itens e recursos que colaborem com essas avaliações, possibilitando o crescimento expansivo da BU, a qual sua atuação deva gerar novos conhecimentos na



instituição e novas formas de atuação dos profissionais. Portanto, biblioteca e universidade devem andar juntas e alinhadas, transcendendo nos processos de desenvolvimento e construção do indivíduo, mediando à informação e influenciando na produção de conhecimentos.

As atividades de ensino, pesquisa e extensão igualmente corroboram com o andamento das bibliotecas universitárias, pois servem de apoio na promoção de ideias e conhecimentos científicos. O acervo atualizado e os serviços ofertados, além disso, são colaborativos no desenvolvimento de tais atividades.

Desta forma é cabível analisar a BU como um todo e não por partes, procurando sempre situá-la como um ambiente capaz de não só promover e produzir o conhecimento, mas um espaço o qual os dirigentes de suas IES e os órgãos que as avaliam, as vejam como um dos elementos essenciais nas atividades acadêmicas.

O ensino superior tem muito a contribuir com o seu crescimento, pois é promissora a integração de pessoas de diferentes áreas, as quais veem a biblioteca como um espaço de pesquisa e estudos. A BU é sim esse tipo de ambiente, porém, capaz de oferecer além de que muitos ainda não percebem. Cabe, portanto, orientar a sua comunidade os serviços que oferecem, informações relevantes e confiáveis, propiciar o uso e serviços tecnológicos para agilizar e recuperar as informações com mais fluidez e rapidez, bem como promover as atividades sociais e culturais como são de dever.

As tecnologias citadas como grandes aliadas das BU's nos quesitos do atendimento (empréstimos, devoluções, renovações e reservas), consulta ao acervo e recuperação da informação são importantes para facilitar no acesso a esses serviços, bem como na agilidade dos processos. A informatização das bibliotecas e o acesso remoto deram outra visibilidade no que tange aos seus processos provocando um impacto positivo e de melhorias para os seus usuários.

Esse arcabouço teórico retrata ainda a importância das BU's em trabalhar de forma integrada com os diversos setores acadêmicos e administrativos de uma IES, permitindo por sua vez a garantia de um acervo que supra a necessidade e a demanda da instituição, propiciando que a comunidade acadêmica possa se abastecer de informações e serviços que os levem a crescer e terem suas formações pautadas em conhecimentos teóricos constituídos de bibliografias relevantes para suas áreas de atuações.

Replicando a nossa problemática inicial, o modelo postona difusão desse estudo, proporcionará as BU's, e por consequência os bibliotecários que nela atuam maior visibilidade no resultado das avaliações, pois, com a utilização de instrumentos mais

detalhados e com os próprios bibliotecários nas comissões representativas do INEP/MEC, trarão mais fidelidade e concisão ao diagnóstico final da avaliação.

É, portanto, necessário que as BU's vejam as avaliações que são realizadas pelo INEP/MEC como parceiras em diagnosticar o que os seus serviços oferecem ou deixam a desejar, procurando de modo ético e coerente, receber os resultados desses diagnósticos para proporcionar melhorias para seu ambiente. As compreensões dessas avaliações trarão aos bibliotecários e representantes de IES a averiguarem quais os pontos negativos a serem melhorados e assim acompanharem o andamento mais afincado relatado pela própria comissão do MEC, seja ela utilizando ainda os instrumentos estabelecidos pelo próprio órgão, ou acatando as sugestões de novos modelos de avaliações.

Considera desta forma que a biblioteca universitária é um ambiente propício ao crescimento intelectual dos indivíduos, pois dá subsídios necessários para a concepção dos que estão buscando uma formação e carreira através do seu acervo, dos seus serviços e de suas ferramentas. E assim, o INEP pertencente ao MEC como órgão que avalia esses serviços e demais atividades que a BU exerce, torna-se o responsável em cobrar além do que esse espaço exige e tramita, por isso há essa preocupação na proposta deste modelo que leve a BU para além das quatro paredes e a torne não só um instrumento de avaliação, mas um local de produção, desenvolvimento, disseminação da informação e difusão do conhecimento.

Os resultados obtidos nas análises dos dados mostraram efetivamente um incômodo por parte dos bibliotecários de diferentes regiões do país, os quais responderam os questionários de modo a criticarem os critérios que são estabelecidos pelo MEC e a forma subjetiva das avaliações.

Apesar de o próprio órgão ter atualizado recentemente esses instrumentos, cobrando a efetivação do livro físico para o virtual, muitos bibliotecários ainda estão incomodados devido à falta da inserção da classe nessas mudanças e do olhar técnico desse profissional, além da falta de clareza e entendimento do que é posto e estabelecido.

Foram prementes as 78 análises das respostas dos bibliotecários, pois auxiliaram na construção do modelo, e também aguçou a ter uma visibilidade por regiões dos quais insatisfeitos estão os bibliotecários no que tange ao recebimento das comissões *in loco*. As suas respostas subjetivas, bem como as suas sugestões no final do questionário, alavancaram algumas reflexões e ideias para formulação do modelo, assim como na confirmação de todos os conceitos citados no decorrer do referencial.

Por fim, conclui-se que para que ocorra um profícuo andamento das atividades da biblioteca, assim como de sua relação para com o projeto pedagógico dos cursos, é necessário

estabelecer integrações entre os setores da IES onde o bibliotecário com o seu papel de agente mediador é fundamental para fazer o elo entre todos os atores envolvidos nesse processo avaliativo do INEP/MEC em BU's, se torne primordial para o desenvolvimento das coleções e administração dos recursos que a biblioteca almeja.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Giseli Adornato de; SILVA, José Fernando Modesto da. **As bibliotecas universitárias nas redes sociais: facebook, orkut, myspace e ning.** 2010. Disponível em: <[http://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final\\_168.pdf](http://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final_168.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- AMORIM, A.N.B. et. al. Dinamização e ações culturais dos serviços e produtos informacionais da biblioteca central prof. Antônio Martins Filho da Universidade Estadual do Ceará. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais ...** Gramado, RS: UFRGS, 2012. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/pdf/4QHH.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- BAPTISTA, R.; RUEDA, D.; SANTOS, N. B. A biblioteca universitária no contexto das avaliações do MEC: uma reflexão. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Empreendedorismo em bibliotecas universitárias Biblioteconomia baseada em evidências.** São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/14372180-A-biblioteca-universitaria-no-contexto-das-avaliacoes-do-mec-uma-reflexao.html>>. Acesso em: 07 març. 2017.
- BARCELOS, Maria Elisa Americano do Sul; GOMES, Maria Lúcia Barcelos Martins. Preparando sua biblioteca para avaliação do MEC. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13., 2004, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2014. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Iasp/preparando-sua-bibliotecaparaavaliacaodomec>>. Acesso em: 09 mar. 2017.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Conheça o INEP.** Brasília, 2015. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/conheca-o-inep>>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **INEP aprimora instrumentos de avaliação de cursos e instituições.** 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=58571>>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância : autorização.** 2017. <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/avaliacao\\_cursos\\_graduacao/instrumentos/2017/curso\\_autorizacao.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2017/curso_autorizacao.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2017
- BRASIL. **Ministério da Educação – MEC.** Brasília, 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/institucional>>. Acesso em: 04 mar. 2017.

BRASIL. **Avaliador de curso superior pode se inscrever para seleção.** Brasília:2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/15434-avaliador-de-curso-superior-pode-se-inscrever-para-selecao>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira . 2012. **Anexo: Instrumentos de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância.** <<http://www.biblioteca.ufla.br/wordpress/wp-content/uploads/Instrumento-MEC.pdf>>

BRASIL. Ministério da Educação. **Qual é a diferença entre faculdades, centros universitários e universidades?** Brasília, 2016. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=116:qual-e-a-diferenca-entre-faculdades-centros-universitarios-e->>. Acesso em: 07 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de verificação in loco das condições institucionais:** credenciamento de instituições não universitárias; autorização de cursos superiores (ensino presencial e a distância). Brasília: MEC; SESU, 2002. 84 p. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Manual1.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

BRITO, Cristiane Santos; LORDELO, José Albertino de Carvalho. **Avaliação da aprendizagem no ensino superior:** uma visão do aluno. 2007. Disponível em: <[http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/93.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/93.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

BRITO, Susyleide Gomes de et al. Encantar: encontro de bibliotecas, leitura e contação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Infomação**, Campinas, v. 12, n. 3, p.157-170, set./Dez. 2014. Disponível em:<[https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1599/pdf\\_80](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1599/pdf_80)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

BRITO, Verônica Martins. A preservação da memória científica da Fiocruz: a visão de quem faz ciência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/view/1928/1069>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

CAMPOS, Fernando Guerra Grossi; SANTOS, Raquel Fortes; SANTOS, Flávia Costa Pinto . A importância da pesquisa científica na formação profissional dos alunos do curso de educação física do UNILESTEMG. **MOVIMENTUM - Revista Digital de Educação Física**, Ipatinga: Unileste-MG , v.4, n.2, ago./dez. 2009. Disponível em:< [https://www.unilestemg.br/movimentum/Artigos\\_V4N2\\_em\\_pdf/Campos\\_Santos\\_Santos\\_Movimentum\\_v4\\_n.2\\_2\\_2009.pdf](https://www.unilestemg.br/movimentum/Artigos_V4N2_em_pdf/Campos_Santos_Santos_Movimentum_v4_n.2_2_2009.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

CERVO, Amado L. BERVIAN, Pedro A. DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de Projetos Sociais**. Petrópolis, Vozes, 2004.

COTTA, Tereza C. Metodologias de Avaliação de Programas e Projetos Sociais: análise de resultados e de impacto. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 49, n. 2, p. 103-124 abr./jun., 1998.

CUNHA, Luiz Antonio. **A universidade temporã: o ensino superior da Colônia à Era Vargas**. São Paulo: UNESP, 2007.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli : Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, p. 41-46, 1º sem., 2003.

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação e transformações da educação superior brasileira (1995-2009): do provão ao SINAES. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 15, n. 1, p.195-224, mar. 2010. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/aval/v15n1/v15n1a11.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. **Os novos papéis da biblioteca universitária brasileira**. 2012. 444 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:< <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12305/1/2012FabieneCasteloBrancoDiogenes.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v.1, n.1, p. 88-98, jun. 2007. Disponível em:< <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1396/878>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

DZIEKANIAK, Cibele Vasconcelos. Participação do bibliotecário nas comissões de avaliação do Ministério da Educação (MEC) nos processos de reconhecimento de

cursos de graduação. **Biblios**, Rio Grande, v.18, p. 169-181, 2006. Disponível em:< <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/90/43>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 2120 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, L.C.V.B.; BARBOSA, M.L.A. **Impacto da aplicação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no funcionamento das bibliotecas universitárias**. [201-]. Disponível em: <[http://www.cinform.ufba.br/iv\\_anais/artigos/TEXT011.HTM](http://www.cinform.ufba.br/iv_anais/artigos/TEXT011.HTM)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

GUILHEM, Cristina Benedeti; TORINO, Ligia Patricia; TAVERES, Helena. Um olhar sobre inovação em bibliotecas universitárias: desafios e possibilidades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., v.5, 2013. Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1645/1646>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia Científica e Tecnológica: Hipótese, Modelo, Achado, Teoria e Lei**. 2009. Disponível em: <<http://www.dsce.fee.unicamp.br/~antenor/mod2.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 4., 2015. Aracaju. **Proceedings...** Aracaju: Universidade Tiradentes 2015. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

LEITE, Francisca das Chagas; SILVA, Hernandes Andrade. O uso de bibliotecas e sua contribuição para a formação do aluno do Curso de Pedagogia da UESPI. **Biblionline**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 194 – 205, semestral, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/25978/15182>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

LESSA, Iris Fabiano do Rosario; MOTA, Francisca Rosaline Leite. Disseminação da informação na biblioteca central da Universidade Federal de Alagoas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013. Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis: FEBAB, jul. 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1396/1397>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

LUBISCO, Nídia M. L.. A biblioteca universitária brasileira: um modelo para avaliar seu desempenho. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 2, n. 1, p.153-199, jun., 2008. Disponível em:< <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1189/1/1887.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **A biblioteca universitária no processo de "avaliação das condições de oferta" dos cursos de graduação pelo MEC: o caso da UFBA**. 2001. 279 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação,) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. Disponível em:< <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15087/1/N%C3%ADdia%20Maria%20Lienert%20Lubisco.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

LÜCK, Esther Hermes et al. **A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de graduação**. 2000. Disponível em: <[snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t024.doc](http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t024.doc)>. Acesso em: 9 abr. 2017.

MAIA, Luiz Cláudio Gomes; SANTOS, Maria de Souza Lima. Gestão da biblioteca universitária: análise com base nos indicadores de avaliação do MEC. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 20, n. 2, p.100-119, abr/jun. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MASETTO, M. T. **Docência na universidade**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 01-19, jan./jun. 2007. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2018/2139>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p.173-193, Jan./mar. 2016. Disponível em:<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2572/1708>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

OLIVEIRA, M.M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.



OLIVEIRA, Nirlei Maria. A biblioteca das instituições de ensino superior e os padrões de qualidade do MEC: uma análise preliminar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 207-221, jul./dez. 2002. Disponível em:<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/409/221>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ORLANDI, Eni P. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 1., 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, nov. 2003, p. 10-13. 1 CD-ROM.

PAULA, Rafaela Pires; GOMES, Jaqueline M. Ferreira. **A importância da pesquisa científica no ensino superior: o professor pesquisador**. In: SEMINÁRIO PESQUISAR. 4., 2015, [S.l]: Faculdade Alfredo Nasser, 2015. Disponível em:<[http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/Pesquisar\\_4/%202.12%20A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20PESQUISA%20CIENTIFICA%20NO%20ENSINO%20SUPERIOR%20O%20PROFESSOR%20PESQUISADOR.pdf](http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/Pesquisar_4/%202.12%20A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20PESQUISA%20CIENTIFICA%20NO%20ENSINO%20SUPERIOR%20O%20PROFESSOR%20PESQUISADOR.pdf)>. Acesso em : 20 fev.2017.

PACIEVITCH, Thais. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP**. Brasília: 2009. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educacao/instituto-nacional-de-estudos-e-pesquisas-educacionais-anisio-teixeira-inep/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

PEREIRA Giulianne Monteiro et al. Estudo de usuários na Biblioteca Santa Izabel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, jul. 2013. Disponível em:< <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1251/1252>>. Acesso em 20 fev. 2017.

PEREIRA, Vanessa Souza. **Surveys, questionários. Como construir? Sugestões e indicações**. 2011. Disponível em:< <http://www.contornospesquisa.org/2011/04/surveys-questionarios-como-construir.html>>. Acesso em 20 fev. 2017.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. The five laws of library science. 1931.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTI, Lidia Eugênia. Mediação cultural: interação e apropriação da informação em bibliotecas públicas. In:SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2013, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2013. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43/26577>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

REAL, Giselle Cristina Martins. Avaliação e qualidade no Ensino Superior: os impactos do período 1995-2002. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.1-16, dez. 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ROCHA, Mírian Queiroz. **Como preparar a biblioteca universitária para as avaliações do MEC**. [S.l: S.n], 2007. 50 slides, color. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/1848/como-preparar-a-biblioteca-para-as-visitas-do-mec>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

ROCHA, Mírian Queiroz. Bibliotecas Universitárias: avaliação pelo MEC/INEP. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. 17., 2012, Gramado. **Anais...** Gramado: RS, 2012. 83 Slides, cor. Disponível em: <[http://www.snbu2012.com.br/minicursos-e-oficinas/pdf/Miriam\\_Queroz\\_Rocha.pdf](http://www.snbu2012.com.br/minicursos-e-oficinas/pdf/Miriam_Queroz_Rocha.pdf)>. Acesso em: 07 mar. 2017.

ROSTIROLLA, Gelci. **Gestão do conhecimento no serviço de referência em bibliotecas universitárias: uma análise com foco no processo de referência**. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em:< <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88666/234069.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SANTANA, Solange A.. Biblioteconomia: formação do bibliotecário e perspectivas de atuação. 2013. **Palestra**. 45 Slides, cor. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/solangebiblio/palestra-biblioteconomia-formao-do-bibliotecario-e-perspectivas-de-atuao>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SANTA ANNA, Jorge; PEREIRA, Gleice; CAMPOS, Suelen de Oliveira. Sociedade da informação x biblioteconomia: em busca do moderno profissional da informação (MIP). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p.68-85, semestral, 2014. Disponível em:<<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/293/293>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e o seu papel face aos novos tempos. **Inf.&Inf.**, Londrina, v.1, n.1, p.5-13, jan./jun. 1996.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre currículo e legislação na área da biblioteconomia. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 6, p.1-12, set.1998.

SANTOS, Marivaldina Bulcão dos. **Biblioteca universitária: acesso à informação e conhecimento**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/20869974-Biblioteca-universitaria-acesso-a-informacao-e-conhecimento.html>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p.1-15, jul. 2009. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SILVA, Ana Carolina. **As implicações da avaliação do INEP/MEC nas bibliotecas universitárias federais do Rio de Janeiro**. 2014. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Andréia Martinele da. **O Papel do Bibliotecário na Gestão da Informação na área do comércio e indústria**. 2009. 81 f. TCC (Graduação)- Universidade de Brasília, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2009.

SILVA, Flávio Henrique da. **Apontamentos sobre o método compreensivo de Max Weber**. 2015. Disponível em: <<http://www.dm.com.br/opiniao/2015/08/apontamentos-sobre-o-metodo-compreensivo-de-max-weber.html>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

SILVA, Gustavo Javier Castro da; SILVA, Cléa de Lima e. Avaliação no Ensino Superior no Brasil: o SINAES sob holofotes! **Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros**, Distrito Federal, v. 3, n. 7, p.27-119, jul./dez. 2008.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Como a biblioteca universitária pode contribuir para a pesquisa?** 2016. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=1022](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1022)>. Acesso em: 03 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Dimensões tipificadoras do mercado informacional**. 2015. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=943](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=943)>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SOUSA, Margarida Maria de; FUJINO, Asa. **A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior: desafios perspectivas**. 2009. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/view/3278/2404>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

SPELLER, Paulo et al (Org.). **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. Brasília: UNESCO; CNE, MEC, 2012. 164 p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VERHINE, Robert E.; FREITAS, Antônio Alberto da Silva Monteiro de. A avaliação da educação superior: modalidades e tendências no cenário internacional. **Revista Ensino Superior Unicamp**, Campinas, v.3, n.7, p.16-39, 2010. Disponível em: <[https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed07\\_outubro2012/ARTIGO\\_PRINCIPAL.pdf](https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed07_outubro2012/ARTIGO_PRINCIPAL.pdf)>. Acesso em: 04 mar. 2017.

VIANA, Mourâmise Moura; PEREIRA, Rodrigo. A biblioteca universitária como cenário à mediação cultural: relato de experiência na Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande- MS. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2016, Londrina. **Anais...** Londrina, Paraná: UEL, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/349/170>>. Acesso em: 04 mar. 2017.

APÊNDICE A - Modelo de atuação para as Bibliotecas Universitárias no contexto da avaliação do INEP/MEC



MAABU

**Modelo de Atuação  
para Avaliação em  
Bibliotecas  
Universitárias**



**RAFAELLE GLEICE DOS SANTOS**

## Ficha Catalográfica

S237m Santos, Rafaele Gleice dos

Modelo de atuação para avaliação em Bibliotecas / Rafaele Gleice dos Santos. – 2018.

31 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva

Produto (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Juazeiro do Norte, 2018.

1. Avaliação de ensino superior. 2. Bibliotecas Universitárias - Modelo de avaliação. 3. INEP/MEC. 4. Bibliotecário. I. Silva, Jonathas Luiz Carvalho. II. Título.

CDD 027.7



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1</b> - Critérios de avaliação INEP/MEC – Biblioteca .....	07
<b>Figura 1</b> - Modelo de Ementário .....	08
<b>Tabela 1</b> - Modelo de Bibliografias .....	09
<b>Tabela 2</b> - Planilha com bibliografias e quantidades .....	10
<b>Figura 2</b> - Modelo de Ementário com títulos de bibliotecas virtuais .....	146
<b>Tabela 3</b> - Acervo por área do conhecimento .....	1483
<b>Tabela 4</b> - Acervo por tipo de material.....	149
<b>Figura 3</b> – Acervo .....	1525
<b>Figura 4</b> – Acervo .....	1526
<b>Figura 5</b> – Acervo .....	1527
<b>Figura 6</b> – Acervo .....	152
<b>Figura 7</b> – Acervo .....	1529
<b>Tabela 5</b> - Modelo de Periódicos e suas especificidades.....	21
<b>Tabela 6</b> - Descrição da Infraestrutura .....	23
<b>Tabela 7</b> - Horário de funcionamento .....	24
<b>Tabela 8</b> - Descrição do Pessoal técnico-administrativo da Biblioteca .....	27

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>04</b>
<b>2 MISSÃO</b> .....	<b>05</b>
<b>3 VALORES</b> .....	<b>05</b>
<b>4 DIRETRIZES</b> .....	<b>3006</b>
<b>5 METAS</b> .....	<b>06</b>
<b>6 AÇÕES PROGRAMÁTICAS PRAGMÁTICAS</b> .....	<b>07</b>
6.1 Acervo .....	07
6.2 Serviços e Produtos.....	23
6.3 Infraestrutura Física .....	24
<b>6.3.1 Funcionamento</b> .....	<b>24</b>
<b>7 AÇÕES PROGRAMÁTICAS INSTITUCIONAIS</b> .....	<b>26</b>
<b>8 AÇÕES PROGRAMÁTICAS GERENCIAIS DE ESTRATÉGIAS</b> .....	<b>27</b>
<b>9 AÇÕES PROGRAMÁTICAS GERENCIAIS DE PESSOAL</b> .....	<b>28</b>
Modelo de atuação para avaliação em Bibliotecas Universitárias (MAABU).. .....	29
<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>30</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O modelo a ser apresentado é parte integrante do resultado de um estudo pautado em pesquisas, análises e levantamentos referente às avaliações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) / Ministério da Educação Brasileira (MEC) realizadas em bibliotecas universitárias. É um produto pertencente à dissertação de mestrado da discente Rafaelle Gleice dos Santos, sob à orientação do Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva, por meio do Programa de Mestrado Profissional em Biblioteconomia (PPGB) da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Os elementos expostos a seguir constituem à formulação do produto discutido na dissertação a qual esse modelo pertence, servindo como base para muitos bibliotecários de bibliotecas universitárias, assim como para os avaliadores do INEP/MEC. Esse modelo em si tem como principal objetivo propiciar tanto aos avaliados quanto aos avaliadores, um norte de como dispor todos os quesitos exigidos pelo INEP/MEC de modo eficaz, prático e que possa contribuir e facilitar nos processos de avaliação.

Portanto, o modelo se constitui basicamente no conjunto de elementos: **Missão, Valores, Diretrizes, Metas, Ações programáticas pragmáticas, Ações programáticas institucionais, Ações programáticas gerenciais estratégicas, Ações programáticas gerenciais de pessoal e o fluxograma.** As ações propiciarão aos bibliotecários maior clareza e segurança quando forem receber as comissões das avaliações.



## 2. MISSÃO

Nessa alínea, o bibliotecário dissertará a missão da Biblioteca Universitária a qual trabalha, alinhando-a com a missão de sua IES.

Por exemplo: Promover com excelência à sua comunidade acadêmica o acesso a produtos e serviços de informação com qualidade, contribuindo para o ensino, pesquisa e extensão, possibilitando atender as demandas e expectativas da IES.

## 3. VALORES

Os valores também precisam estar alinhados à IES e principalmente a missão da Biblioteca.

Por exemplo: Qualidade, excelência, competência, comprometimento, cooperação, ética profissional, inovação, inclusão social, transparência, equidade, respeito às adversidades.



**MISSÃO**



**VALORES**

## 4. DIRETRIZES

Darão norte aos procedimentos que a biblioteca terá que seguir de modo pontual e de acordo com o planejamento do setor e seus serviços.

Por exemplo: normas para aquisição de compras e doações, regulamentos internos de funcionamento, regimento da biblioteca amparado de normas consultivas.

## 5. METAS

Plano com prazos estabelecidos, os quais devem ser seguidos rigorosamente pelos seus indicadores. As metas podem ser de curto, médio e a longo prazo.

Por exemplo: Curto prazo – quando um indicador permite a biblioteca dentro de suas possibilidades cumprir uma atividade em um período mais exíguo. Médio prazo – esse tipo de meta requer um pouco mais de tempo para ser realizada. Pode ser sintetizada como o desenvolvimento de algum serviço ou aquisição de algum produto que passe por alguns processos. E a longo prazo – está relacionado a grandes benfeitorias na Biblioteca. A exemplo disso, ficam as construções, ampliação de acervo que requer grandes mudanças, dentre outras expansões.



## 6. AÇÕES PROGRAMÁTICAS PRAGMÁTICAS

Nesse ponto, discutiremos acervo, serviços e produtos.



### 6.1 Acervo:

Esse item da biblioteca pertence a categoria de análise do Manual de Verificação, o qual dentro do indicador espaço físico, detalha suas exigências. Em síntese, o manual discorre sobre o número médio de exemplares ofertados por disciplina e pelo número de vagas. Devem ser verificados notas fiscais das compras dos livros, assim como assinaturas de periódicos e contratos atualizados de bibliotecas virtuais. O acesso a usuários com necessidades especiais também é verificado e entrevistas com bibliotecários.

A seguir exporemos os quesitos exigidos pelo INEP em relação as bibliografias básica e complementar:

**Quadro 1- Critérios de avaliação INEP/MEC –  
Biblioteca**

Indicador	Conceito	Critério de Análise
<p>3.6. Bibliografia básica</p> <p>(Para fins de autorização, considerar o acervo da bibliografia básica disponível para o primeiro ano do curso, se CSTs, ou dois primeiros anos, se bacharelados/licenciaturas)</p> <p>Nos cursos que possuem acervo virtual (pelo menos 1 título virtual por unidade curricular), a proporção de alunos por exemplar físico passa a figurar da seguinte maneira para os conceitos 3, 4 e 5:            Conceito 3 – de 13 a 19 vagas anuais            Conceito 4 – de 6 a 13 vagas anuais            Conceito 5 – menos de 6 vagas anuais</p> <p>Procedimentos para cálculo:</p> <p>Identificar as unidades curriculares (disciplinas) do curso, identificar os títulos (livros) da bibliografia básica em cada unidade, localizar o quantitativo (nº de exemplares) de cada título relacionado, dividir o nº de vagas pelo somatório de exemplares em cada disciplina e calcular a média dos resultados das divisões anteriores.</p> <p>Caso algum título da bibliografia básica atenda a outro(s) curso(s), é necessário dividir o total de vagas do(s) outro(s) curso(s) pelo total de exemplares do título e recalcular a média considerando esses valores.</p>	1	Quando o acervo da bibliografia básica <b>não está</b> disponível; ou quando está disponível na proporção média de um exemplar para <b>20 ou mais</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo; ou quando o acervo existente <b>não está</b> informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES; ou quando <b>não existe</b> um mínimo de três títulos por unidade curricular.
	2	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para a faixa <b>de 15 a menos de 20</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	3	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para a faixa <b>de 10 a menos de 15</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	4	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para a faixa <b>de 5 a menos de 10</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	5	Quando o acervo da bibliografia básica, com no mínimo três títulos por unidade curricular, está disponível na proporção média de um exemplar para <b>menos de 5</b> vagas anuais pretendidas/autorizadas, de cada uma das unidades curriculares, de todos os cursos que efetivamente utilizam o acervo, além de estar informatizado e tombado junto ao patrimônio da IES.

Fonte: Brasil (200\_)

Nessa ação iremos propor uma melhor dinamização e praticidade para os bibliotecários oferecerem, bem como os avaliadores verificarem o acervo. Assim, de acordo também com o número de vagas e relacionados às disciplinas, apresentamos as ementas de modo organizado e fácil entendimento.

**Figura 1 - Modelo de Ementário**

**Disciplina: Fisiologia Aplicada**

**Ementa:** Concepção de saúde e doença ao longo da história. Conceitos sobre a saúde e a doença. Medidas para o combate das doenças infectocontagiosas. Sistema único de saúde do Brasil. Meio interno e homeostase. Fisiologia cardiovascular. Fisiologia da respiração, Fisiologia renal. Fisiologia do sistema gastrointestinal. Fisiologia endócrina. Fisiologia do desenvolvimento humano. Processo saúde-doença-cuidado.

**Bibliografia Básica:**

AIRES, M. M. **Fisiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

WARD, J.; LINDEN, R. **Fisiologia Básica**: guia ilustrado de conceitos fundamentais. Barueri: Manole, 2014.

DOUGLAS, C. R. **Tratado de Fisiologia aplicada às Ciências Médicas**. 6 ed. Rio de Janeiro: [Guanabara](#), 2006. Acesso: Minha Biblioteca

**Bibliografia Complementar:**

GUYTON, Arthur C.; HALL, John E. **Tratado de Fisiologia Médica**. - 12 ed. Rio de Janeiro : [Elsevier](#), 2011.

MALAQUIAS, A.P.; ALBUQUERQUE, F. S. **Fisiologia Humana**: o essencial em destaque. Curitiba: [Appris](#), 2014.

RAFF, H.; LEVITZKY, M. **Fisiologia Médica**: uma abordagem integrada. Porto Alegre: AMGH, 2012.

CURI, Rui.; ARAÚJO FILHO, Joaquim [Proconio](#). **Fisiologia básica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2009. Acesso: Minha Biblioteca

WARD, J. P. T. **Fisiologia básica do sistema respiratório**. Barueri, SP: Manole, 2012. Acesso: Biblioteca Virtual.

**Fonte:** Própria autora



**Tabela 1 - Modelo de Bibliografias**

<b>Períodos</b>	<b>Autor/Título</b>	<b>Número de exemplares</b>
1º	OGUISSO, T. <b>Trajectoria histórica da Enfermagem.</b> Barueri: Manole, 2014.	15
1º	OGUISSO, T; FREITAS, G.F. <b>História da Enfermagem:</b> instituições e práticas de ensino e assistência. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2015.	15
1º	PORTO, F.; AMORIM, W. <b>História da enfermagem:</b> identidade, profissionalização e símbolos. São Caetano do Sul: Yendis, 2013.	15
1º	GUYTON, Arthur C. <b>Neurociência Básica:</b> anatomia e fisiologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.	15
1º	MARQUES, E.C.M. <b>Anatomia e Fisiologia Humana.</b> 2ª ed. São Paulo: Editora Martinari, 2015.	15
1º	SOBOTTA, J. <b>Atlas de Anatomia Humana.</b> 23ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.	15
1º	BETTELHEIM, F. A.; et al. <b>Introdução química geral, orgânica e bioquímica.</b> São Paulo: Cengage, 2016.	15
1º	BETTELHEIM, Frederick A.; et al. <b>Introdução à bioquímica.</b> São Paulo: Cengage, 2012.	15
1º	MARZZOCO, A., TORRES, B.B. <b>Bioquímica Básica.</b> Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.	15
1º	VIEIRA, S.; HOSSNE, W.S. <b>Metodologia Científica para área de saúde.</b> 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.	15

Fonte: Própria autora

**Tabela 2 - Planilha com bibliografias e quantidades**


Engenharia de Produto	VIII	Básica	DE MORRIS, Richard. <i>Fundamentos de design de produto</i> . Porto Alegre: Bookman, 2011.	16
		Básica	GOMES, Leonardo Augusto de Vasconcelos et. al. <i>Projeto do produto e do processo</i> . São Paulo: Atlas, 2010.	16
		Básica	GRAEML, Alexandre Reis. <i>Gestão do produto e do processo: uma abordagem sistêmica</i> . São Paulo: Atlas, 2013.	16
		Complementar	ANGELO, Cláudio Felisoni et al. <i>Custos dos produtos e formação de preços</i> . São Paulo: Saint Paul, 2011.	3
		Complementar	BAXTER, Mike. <i>Projetos de Produtos</i> . São Paulo: Edgard Blucher, 2011.	3
		Complementar	PICHER, Roman. <i>Gestão de Produtos com Scrum</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2011.	3
		Complementar	ROMERO FILHO, Eduardo. <i>Projeto do Produto</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2009.	3
		Complementar	IRIGARAY, Helio Arthur Reis. <i>Gestão e desenvolvimento de produtos e marcas</i> . Rio de Janeiro: FGV, 2011.	3
Marketing aplicado à Produção	VIII	Básica	CASAS, Alexandre Luzzi Las. <i>Marketing de varejo</i> . São Paulo: Atlas, 2013.	16
		Básica	HUTT, Michael D.; SPEH, Thomas W.; NERY, Ângela Tourinho; <i>B2B gestão de marketing em mercados industriais e organizacionais</i> . São Paulo: Cengage, 2011.	16
		Básica	URDAN, André Torres e Flávio Torres. <i>Gestão de composto de marketing: visão integrada de produto, preço, distribuição e comunicação</i> . São Paulo: Atlas, 2013.	16
		Complementar	MORICI, Riccardo. <i>Marketing no Brasil</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2013.	3
		Complementar	MCDONALD, Malcolm; HUGH, Wilson. <i>Planos de marketing</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2013.	3
		Complementar	KOTLER, Philip e Milton. <i>Marketing de crescimento: 8 estratégias para conquistar mercados</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2013.	3
		Complementar	VAZ, Conrado Adolpho. <i>Os 8 PS do marketing digital</i> . São Paulo: Novatec, 2011.	3
		Complementar	LIMEIRA, Tania Maria Vidigal. <i>E-marketing</i> . Saraiva, 2013.	3
Planejamento de Transportes	VIII	Básica	RODRIGUES, Paulo R. A. <i>Introdução aos sistemas de transporte</i> . São Paulo: Aduaneiras, 2004.	16
		Básica	BARAT, JOSEF. <i>Globalização, logística e transporte aéreo</i> . São Paulo: SENAC, 2012.	16
		Básica	SILVEIRA, Marcio Rogerio. <i>Circulação, transportes e logística</i> . São Paulo: Expressão Popular, 2011.	16
		Complementar	MAGALHAES, Petrônio Sa Benevides. <i>Transporte marítimo: cargas, navios, portos e terminais</i> . São Paulo: Aduaneiras, 2011.	3
		Complementar	CRUZ, Jorge Alcides et al. <i>Qualidade e produtividade nos transportes</i> . São Paulo: Cengage, 2008.	3
		Complementar	DIAS, Marco Aurélio. <i>Logística, transporte e infraestrutura</i> . São Paulo: Atlas, 2012.	3
		Complementar	VALENTE, Amir Mattar et al. <i>Gerenciamento de transporte e frotas</i> . São Paulo: Cengage, 2008.	3
		Complementar	CARLOS MÁRCIO VITORINO. <i>Logística</i> . São Paulo: Pearson, 2012. Acesso: biblioteca virtual universitária.	3

**Fonte:** Própria autora

Como se pode verificar, existem duas formas de organizarmos as ementas e suas respectivas bibliografias. As duas primeiras, por sua vez, estão inclusas dentro do PPC dos cursos os quais deverão ser aprovados ou reconhecidos. São divididas por semestres, bem como pela lógica das disciplinas ofertadas.

A tabela 02 é um *print* de uma planilha do excel sendo demonstrado as disciplinas, os semestres, se é básica ou complementar, títulos e suas quantidades.

Em suma, este último quadro facilita e agiliza nas conferências, deixando o documento mais acessível e de acordo com todos os dados os quais os avaliadores precisam. Ressalta-se também que a construção e demandas de quantidade de exemplares devem ser alinhadas e negociadas entre os representantes institucionais e NDE da IES.



Outro ponto a ser observado nos três quadros são os títulos sublinhados em azul, estes por sua vez são títulos de bibliotecas virtuais contratadas pela IES, as quais podem estarem contidas nos ementários.

O exemplo do ementário seguinte pode ser apresentado no PCC dos cursos EAD. Como podemos perceber as bibliografias básica e complementar, estão destacadas em azul e todas notificadas que se encontram em bibliotecas virtuais.

## Figura 2 - Modelo de Ementário com títulos de bibliotecas virtuais

### Contabilidade básica – 80

**Ementa:** Conceitos e definições, contabilidade como planejamento, controle.; Campo de aplicação, finalidade e objetivos da Contabilidade; Técnicas Contábeis e Princípios Fundamentais de Contabilidade; Definições e Características da situação Patrimonial e Componentes Patrimoniais; Atos e fatos Administrativos e Representação gráfica dos Estados Patrimoniais; Conceitos e características das contas patrimoniais e de resultados; Estruturação de um plano de contas, agrupamento de contas do Balanço Patrimonial e de Resultado; Livros Fiscais e Contábeis, obrigatórios e auxiliares; Partidas Dobradas: processo de contabilização, lançamentos contábeis, métodos e processo; Regime de Competência e Encerramento das contas de receitas e Despesas; Balancete de Verificação: Processo de Elaboração e Balanço Patrimonial; Procedimentos para elaboração do Balanço, etapas para elaboração do Balanço Patrimonial; Demonstração de Resultado do Exercício: classificação de receitas e despesas e estruturação do demonstrativo; Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido; Demonstração do Fluxo de Caixa, Demonstração do Valor Adicionado.

#### Bibliografia Básica:

BÊRNI, D. A.; LAUTERT, V. *Mesoconomia: lições de contabilidade social: a mensuração do esforço produtivo da sociedade*. Porto Alegre: [Bookman](#), 2011. 662p. ISBN: 9788577808403- Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

COGAN, S. *Gestão pelos números certos: uma novela sobre a transformação da contabilidade gerencial para as empresas Lean*. Porto Alegre: [Bookman](#), 2012. 190 p. ISBN:9788577809578- Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

GARRISON, R. H.; NOREEN, E. W.; BREWER, P. C. *Contabilidade gerencial*. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012. 776p. ISBN: 9788580551617. - Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

#### Bibliografia Complementar:

CATTY, J. *IFRS: guia de aplicação do valor justo*. Porto Alegre: [Bookman](#), 2013. 632p. ISBN: 9788582600573 - Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

EITEMAN, D. K.; STONEHILL, A. I.; MOFFETT, M. H. *Administração financeira internacional*. 12. ed. Porto Alegre: [Bookman](#), 2012. 624p. ISBN:9788540701885- Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

HILLIER, F. S.; HILLIER, M. S. *Introdução à ciência da gestão: modelagem e estudos de caso com planilhas eletrônicas*. 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014. 640p. ISBN: 9788580553369 - Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

MACKENZIE, B. et al. *IFRS 2012: interpretação e aplicação*. Porto Alegre: [Bookman](#), 2012. 1112p. ISBN: 9788565837040 - Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

MARION, J. C. *Contabilidade empresarial*. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 536p. ISBN: 9788522497584 - Disponível no formato E-book – Minha Biblioteca.

**Fonte:** Própria autora

Apresentar os títulos da Biblioteca por áreas também é de extrema importância para que os avaliadores principalmente os de credenciamento da IES e renovação de credenciamento, possam visualizar e conferir quantos volumes a Biblioteca possui e a sua distribuição.

**Tabela 3** - Acervo por área do conhecimento

<b>Área</b>	<b>Títulos</b>	<b>Volumes</b>
<b>Ciências Exatas e da Terra</b>		
<b>Ciências da Saúde</b>		
<b>Ciências Sociais Aplicadas</b>		
<b>Ciências Humanas</b>		
<b>Linguística e Letras</b>		
<b>Multidisciplinar</b>		
<b>TOTAL</b>		

Fonte: Própria autora

A próxima tabela a ser mostrada é também importante para apresentar tanto no PPC quanto à própria comissão em relação aos tipos de materiais que a biblioteca possui e suas quantidades.

**Tabela 4-** Acervo por tipo de material

Tipo	Quantidade
Livro	
Catálogo	
Multimídia	
Dissertação	
Folheto	
Monografia	
Material Especial	
Periódico	
Tese	
Outros	
Total	

Fonte: Própria autora

A seguir, mostraremos a dinamização física de como os exemplares são organizados de acordo com os ementários do PCC, para as avaliações de autorização.

**Figura 3 – Acervo**



Figura 4 – Acervo





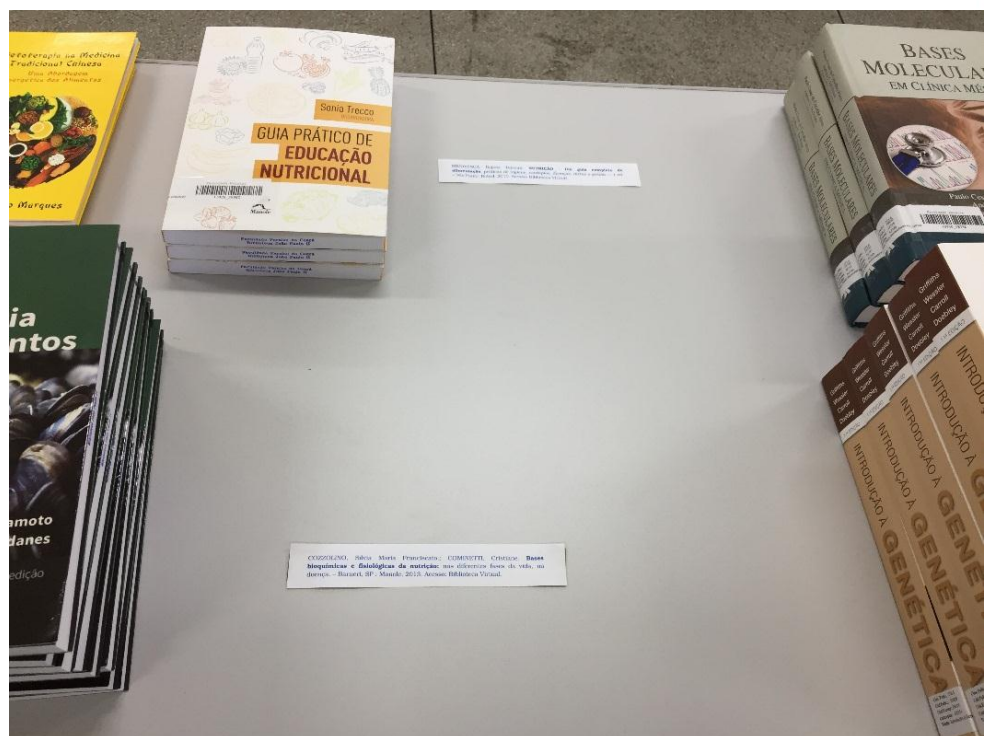
Figura 5 - Acervo



Figura 6 - Acervo

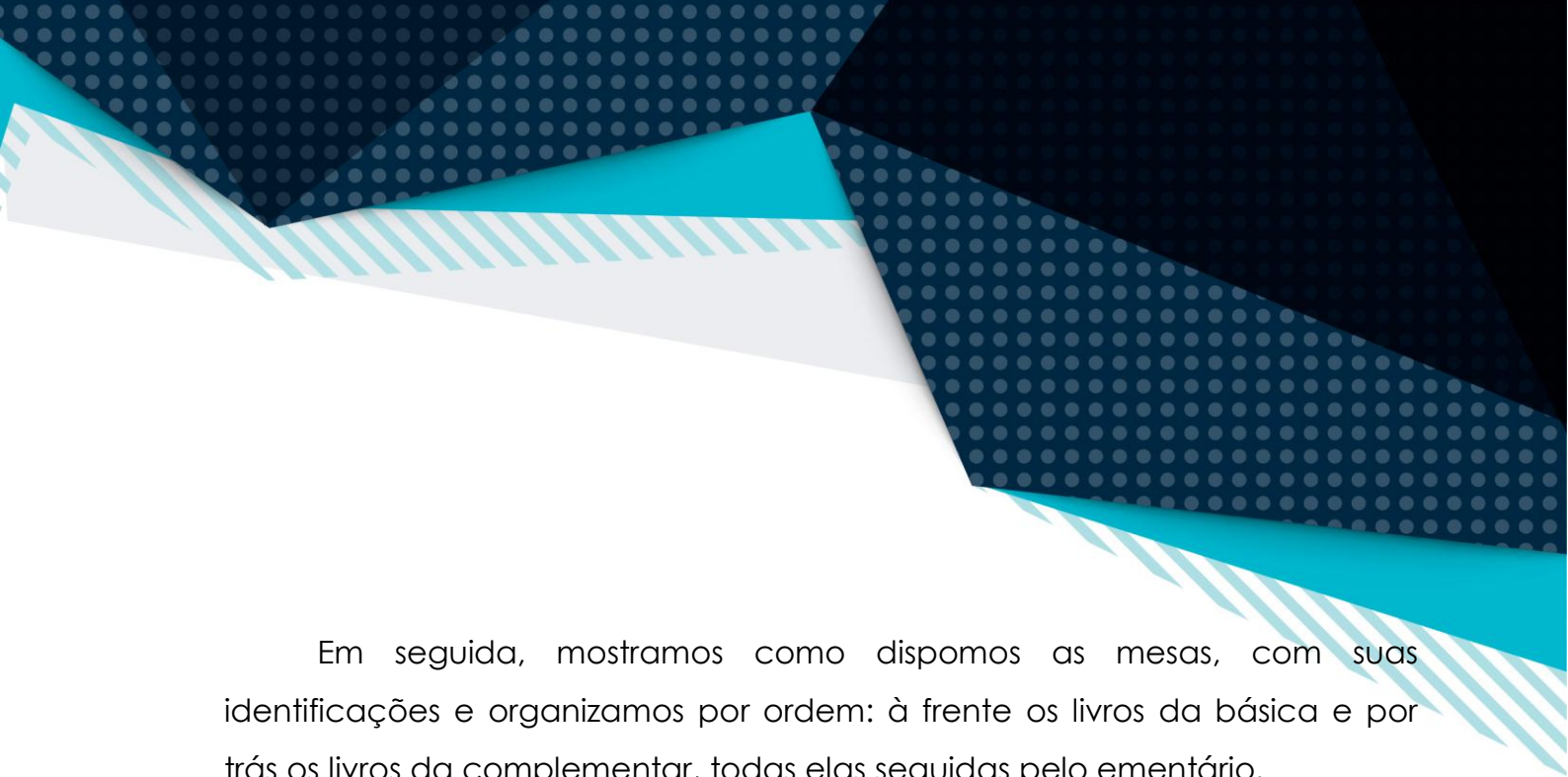


**Figura 7 - Acervo**



Percebemos assim que esse modelo exposto nas imagens é colocado para receber apenas as comissões de autorização dos cursos, pois no processo de reconhecimento e os demais, como os cursos estão em andamento, os livros estão em circulação, portanto tornaria impossível organizarmos desta forma.

Detalhando um pouco mais as imagens, a primeira mostra os livros das bibliografias básica e complementar dos quatro primeiros semestres, conforme exigência do próprio MEC.



Em seguida, mostramos como dispomos as mesas, com suas identificações e organizamos por ordem: à frente os livros da básica e por trás os livros da complementar, todas elas seguidas pelo ementário.

Para cada “ala”, mesas para as disciplinas e para os semestres, todas divididas e organizadas. Colocamos também em notificações de cor azul, as bibliografias de livros que são das bibliotecas virtuais, para assim facilitar aos avaliadores.

É uma forma viável de apresentar ao INEP/MEC um modo mais dinâmico e prático, já que o tempo dos avaliadores é exíguo e ainda precisam averiguar demais pontos da biblioteca.

A parte dos periódicos, que também é uma exigência do Manual de verificação, no indicador Periódicos especializados, pode ser apresentado por via de notas fiscais, assim como o (s) contrato (s) de biblioteca (s) virtual (is).

O indicador relata que “para fins de autorização, considerar os periódicos relativos às áreas do primeiro ano do curso, se CSTs, ou dois primeiros anos, se bacharelados/licenciaturas” e “para fins de autorização, os critérios de análise passam a figurar da seguinte maneira: Conceito 1 – menor que 3 títulos; Conceito 2 – maior ou igual a 3 e menor que 6; Conceito 3 – maior ou igual a 6 e menor que 9; Conceito 4 – maior ou igual a 9 e menor que 12; Conceito 5 – maior ou igual a 12”.

O bibliotecário pode mostrar a seguinte tabela sobre os periódicos, sendo que para os impressos deve haver as assinaturas e para o *open access* a disponibilidade no portal da IES conjuntamente as BV's. Por exemplo:

**Tabela 5 - Modelo de Periódicos e suas especificidades**

TÍTULOS	Nacionalidade		Impresso	
	N.	E	Sim	Não
	1. Revista de Direito do Consumidor - Editora Revista dos Tribunais	X		X
2. Revista brasileira de direito comercial - Editora Lex Magister	X		X	
3. PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia <a href="http://www.revistapmkt.com.br/">http://www.revistapmkt.com.br/</a>	X			X
4. Revista Brasileira de Marketing – REMark <a href="http://www.revistabrasileirmarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/issue/current">http://www.revistabrasileirmarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/issue/current</a>	X			X
5. Panorama: Revista Acadêmica do Curso de Comunicação Social da PUC Goiás <a href="http://seer.ucg.br/index.php/panorama/index">http://seer.ucg.br/index.php/panorama/index</a>	X			X
6. Comunicação & Inovação <a href="http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/index">http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/index</a>	X			X
7. e.Com <a href="http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/index">http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/index</a>	X			X
8. Revista Comunicação Midiática <a href="http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica">http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica</a>	X			X
9. Revista de comunicação, cultura e política <a href="http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home">http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home</a>	X			X
10. Revista <b>ComTempo</b> <a href="http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/index">http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/index</a>	X			X
11. Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) <a href="http://internext.espm.br/index.php/internext/index">http://internext.espm.br/index.php/internext/index</a>	X			X
12. Vozes & Diálogo (Univali SC) <a href="http://www6.univali.br/seer/index.php/vd/index">http://www6.univali.br/seer/index.php/vd/index</a>	X			X
13. Revista <b>Geminis</b> (Programa de Pós-graduação de Imagem e Som da UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos) <a href="http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis">http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis</a>	X			X
14. Conexão: comunicação e cultural (Universidade de Caxias do Sul. Centro de Ciências da Comunicação CECC/UCS) <a href="http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao">http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao</a>	X			X

**Fonte:** Própria autora

A demonstração acima é recorrente de um trabalho voltado de investimentos e principalmente com o respaldo que a biblioteca deve ter perante a Direção da IES. Por sua vez, sendo de suma importância para conceito final das avaliações, esse modelo tem o intuito de propor melhorias e mais acessibilidade nas avaliações de autorizações. Além de investimentos como o acervo (livros, periódicos, base de dados, dentre outros), faz-se necessário a IES possuir um espaço a mais para dispor todo esse material. Se a biblioteca tiver um espaço considerável e dispusesse de uma sala que caibam os quatro semestres seria muito viável, mas caso contrário, algum

lugar na própria IES reservado a esse tipo de atividade, também é pertinente.

## 6.2 Serviços e Produtos:

Na dimensão 4.2 – Biblioteca, são abordados os indicadores, espaço físico, acervo e serviços. Nesse item do modelo, abordaremos os serviços e produtos que achamos convenientes de se fazerem as avaliações, assim como necessário para formulação do conceito.

- 📖 Atendimento ao usuário;
- 📖 Empréstimo domiciliar;
- 📖 Reserva e renovação on-line;
- 📖 Catálogo on-line;
- 📖 Empréstimos entre bibliotecas;
- 📖 Levantamento bibliográfico;
- 📖 Serviço de referência;
- 📖 Visitas orientadas;
- 📖 Treinamento de usuários;
- 📖 Estudos de usuários;
- 📖 Catalogação na fonte;
- 📖 Levantamento bibliográfico;
- 📖 Divulgação de novas aquisições;
- 📖 Orientação na elaboração de trabalhos acadêmicos;
- 📖 Acesso a rede sem fio – Wireless;
- 📖 Materiais em formato digital;
- 📖 Base de dados (Spell, Capes, Scielo, Prossiga, etc.);
- 📖 Serviços de web 2.0: Blogs, Wikis, OPAC 2.0, redes sociais, etc.

### 6.3 Infraestrutura física:

Torna-se de grande valia a verificação do espaço onde a biblioteca está situada. De fato, tem que contar com áreas acessíveis à cadeirantes, piso tátil, placas em braile, rampas, laboratórios de acesso à pesquisa, videoteca, atendimentos de empréstimos e devoluções adequados, instalações para estudos em grupo, instalações para estudo individual, sala administrativa e de processamento técnico, ambiente climatizado e instalações para o acervo.

**Tabela 6 - Descrição da Infraestrutura**

INFRAESTRUTURA	Nº	Área	Capacidade
Disponibilização do Acervo			
Leitura em grupo			
Leitura individual			
Sala de vídeo			
Administração e processamento técnico do acervo			
Recepção e atendimento ao usuário			
Outras: (especificar)			
Acesso à Internet			
Consulta ao acervo			
<b>TOTAL</b>			

**Fonte:** Própria autora

#### 6.3.1 Funcionamento:

A biblioteca por ser um local de estudo, produção do conhecimento e informação, possui alguns parâmetros de regras que precisam ser seguidos para um bom funcionamento. Partimos desde seu horário, o qual deve abranger os turnos de aulas, até as normas de uso do espaço físico e de empréstimos de materiais.

Por ser respaldada e tratar de segurança a estas regras, é necessário que a biblioteca esteja resguardada de um regimento o qual contenha capítulos com artigos e incisos abordando informações, os serviços e produtos oferecidos, desde que esses sejam analisados juridicamente.

Algumas regras não podem deixar de existir, tais como para: consulta, prazos de empréstimos, devoluções e renovações, reservas, os deveres do usuário, reprografias obedecendo aos direitos autorais, penas disciplinares e o que não é permitido adentrar na biblioteca.

Segue, portanto, exemplo de horário para o funcionamento da biblioteca.

**Tabela 7-** Horário de funcionamento  
**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO**

DIAS DA SEMANA	MANHÃ		TARDE		NOITE	
	INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM	INÍCIO	FIM
Segunda a sexta-feira						
Sábado						

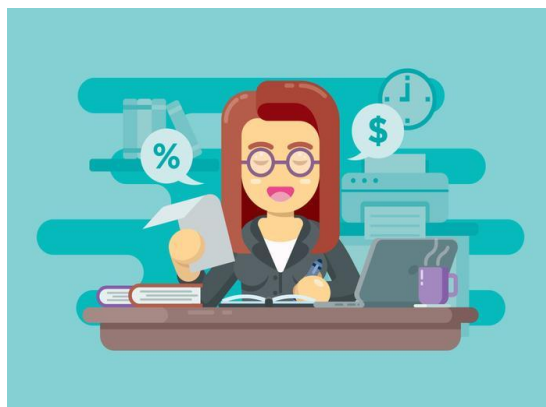
**Fonte:** Própria autora



## 7. AÇÕES PROGRAMÁTICAS INSTITUCIONAIS

Nesta seção, as ações se configuram em mostrar a importância dos projetos sociais e culturais, programas, parcerias e atividades realizadas pela biblioteca. Além de serem pontuadas como pertinentes, faz-se necessário que as bibliotecas universitárias possam corroborar com esses tipos de atuações. As suas inclusões devem ser alinhadas à Instituição, uma vez que deve estar de acordo com a missão institucional mantendo conexão pedagógica com os cursos ofertados.

Aqui inclui também os investimentos financeiros que a biblioteca deve receber, assim como as aquisições, devendo haver uma política de desenvolvimento de coleções (atualização cíclica de títulos e de periódicos, campanhas de doação de materiais, intercâmbio com editoras e livrarias, convênios, otimização dos catálogos, dentre outros), filiação institucional à entidade de natureza científica (IBICT, IBGE, REDE BIBLIODATA e etc.) e parcerias/disponibilização de recursos financeiros para espaço, equipamentos, dentre outros.



A exemplo disso, temos as ações voltadas à leitura, memória, práticas educacionais, inclusão social e digital, programas ligados aos cursos da IES, as parcerias com os setores de atividades de extensão e pesquisa, bem como com as coordenações dos cursos e implementações de projetos inovadores.

## 8. AÇÕES PROGRAMÁTICAS GERENCIAIS ESTRATÉGICAS

Estas ações são essenciais para atender a comunidade interna e externa da IES. Se caracterizam no oferecimento de serviços que englobe o todo. A biblioteca por ser um espaço laico de informação e rico em conhecimento, pode articular discussões e capacitações de temas que levem à comunidade a interagir e formular ideias mais consistentes e propícias a críticas. Incluímos os serviços de atendimento aos usuários como forma crucial à biblioteca, pois é por meio deles que a unidade cresce e fortalece suas relações.

Apresentamos como exemplo as discussões de temas relacionados à cidadania, direitos humanos, as questões ambientais, sócio-políticas, saúde, políticas públicas, avanços e impactos tecnológicos, dentre outros, assim como acesso à comunidade externa à biblioteca da IES.



## 9. AÇÕES PROGRAMÁTICAS GERENCIAIS DE PESSOAL

Essas ações requerem muito do bibliotecário que está à frente da gestão da biblioteca. A articulação do bibliotecário e da sua equipe condiz muito com todas as ações acima discutidas. Para cada serviço, atividade, projeto, dentre outros prestados, a equipe geral da biblioteca precisa estar estimulada e organizada para colocar em prática todos os planejamentos e ações que deverão realizar.

Nessa seção, entra também o alinhamento das exigências do INEP/MEC tratando das visitas *in loco*. Abaixo apresentaremos um exemplo do corpo técnico-administrativo de uma biblioteca.

**Tabela 8-** Descrição do Pessoal técnico-administrativo da Biblioteca

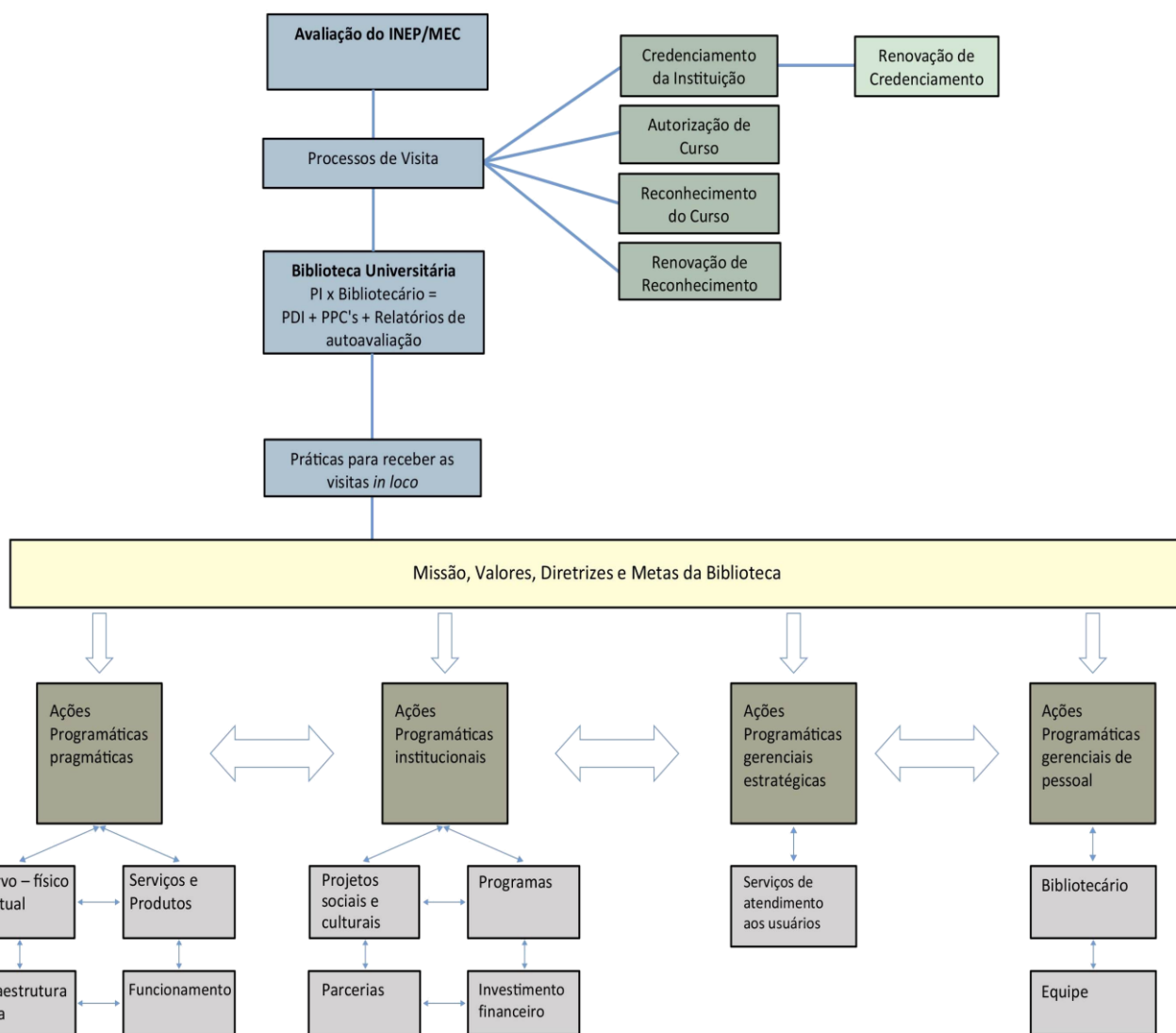
PESSOAL TÉCNICO-ADMINISTRATIVO		
NOME	CARGO/CRB	GRAU DE INSTRUÇÃO
Nome do bibliotecário (a)	Bibliotecário (a) – N° CRB	G/PG/M/D
Nome do auxiliar	Auxiliar de Biblioteca	EF/EM/G/M
Nome do auxiliar	Auxiliar de Biblioteca	EF/EM/G/M
Nome do auxiliar	Operador de máquina copiadora	EF/E/G/M
Nome do aprendiz	Auxiliar Administrativo/Menor Aprendiz	EM Incompleto

**Legenda:** D doutorado; M mestrado; PG pós-graduação; G graduação; EM ensino médio completo; EF ensino fundamental completo.

**Fonte:** Própria autora

É de suma importância que o bibliotecário e os auxiliares falem a mesma língua em relação a tudo que envolve as atividades, bem como seus serviços sejam desempenhados de modo que os avaliadores percebem uniformidade e segurança nas informações.

## Modelo de Atuação para Avaliação em Bibliotecas Universitárias (MAABU)



## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As avaliações realizadas pelo INEP/MEC sejam elas nas suas esferas de credenciamento (renovação de credenciamento), autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento, propiciam às bibliotecas universitárias expressivos investimentos os quais possam estar de acordo e em consonância com os critérios estabelecidos pelo Manual de avaliação *in loco* e à distância no que tange à dimensão que trata das instalações físicas (espaço físico, acervo e serviços) da Biblioteca.



Assim, essa dimensão sendo bastante exigida e criteriosa, requer tanto dos bibliotecários quanto dos avaliadores um conhecimento afincado dos instrumentos. O resultado desse produto foi baseado tanto nos documentos oficiais do INEP/MEC, quanto nos indicadores e respostas dadas na aplicação de questionários a bibliotecários específicos.

Esse modelo, portanto, busca auxiliar aos avaliados e avaliadores maior facilidade e agilidade no ato da avaliação, bem como proporciona elencar todos os produtos e serviços que a biblioteca possui de modo a categorizá-los sem deixar de ser diagnosticado nenhum item da Biblioteca.

Espera-se que algumas dúvidas sejam sanadas e atendidas e que as avaliações tenham excelentes desempenhos possibilitando praticidade e coerência para as Instituições e para as comissões de avaliações.



**Contato:**  
**[rafaelleufc@yahoo.com.br](mailto:rafaelleufc@yahoo.com.br)**

## APÊNDICE B - Questionário aplicado para Bibliotecários de Bibliotecas Universitárias

Prezado(a),

Convidamos V. Sa. a responder o questionário aplicado à pesquisa de dissertação do Mestrado Profissional em Biblioteconomia – PPGB da Universidade Federal do Cariri – UFCA, tendo como título, "Perspectivas de atuação em bibliotecas universitárias: construção de um modelo de aplicação para avaliação do INEP/MEC", com o objetivo de investigar os procedimentos aplicativos do INEP/MEC em bibliotecas universitárias, visando à construção de um modelo estratégico de atuação que subsidie os bibliotecários no processo de avaliação.

É de suma importância que os bibliotecários respondentes, já tenham passado por alguma experiência de visitas das comissões do INEP/MEC.

A análise dos dados obtidos neste levantamento terá finalidade acadêmica e os nomes dos participantes não serão divulgados, de modo que nenhuma resposta individual possa ser identificada.

Disponibilizamos os e-mails para qualquer dúvida e/ou esclarecimentos:

rafaelleg Santos@gmail.com  
rafaelleufc@yahoo.com.br

Agradecemos a sua participação nessa pesquisa, pois é fundamental para que tenhamos um panorama real das diversas formas de avaliação pelo INEP/MEC em bibliotecas universitárias, sejam públicas ou privadas.

**INSTRUÇÕES:**

- a) O presente instrumento é composto por dezenove questões abertas e fechadas.
- b) O respondente deverá enviar até o dia 15 de novembro de 2017.

Rafaelle Santos (Mestranda - UFCA)

Dr. Jonathas Carvalho (Professor Orientador - UFCA)

**1) Gênero:**

- Feminino
- Masculino
- Outros

**2) Idade:**

- 18 a 25  26 a 33  34 a 41  42 ou mais

**3) Escolaridade Nível Superior:**

- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

**4) Naturalidade:**

---

**5) Instituição na qual trabalha e seção:**

---

**6) Em média, por quantas avaliações do INEP/MEC já passou?**

---

**7) Que nível de relevância você considera sobre a avaliação em Bibliotecas Universitárias?**

- Muito relevante    Relevante    Regular    Pouco relevante    Irrelevante

**8) Que tipo de apoio a Biblioteca Universitária a qual você trabalha recebe da sua Instituição?**

- Financeiros
- Eventos e Projetos
- Aquisições para o acervo
- Uso de tecnologias
- Cursos voltados para pesquisa e técnicas biblioteconômicas
- Outros

Quais?

---

**9) Que tipo de avaliações internas a Biblioteca Universitária recebe tanto da Instituição, quanto da comunidade acadêmica?**

---

**10) Como sua Instituição lida com os processos de avaliações externas, como por exemplo as realizadas por Órgãos Federais?**

---

---



**11) Sobre o impacto da avaliação do INEP/MEC para as bibliotecas universitárias, como você considera?**

Muito relevante  Relevante  Regular  Pouco relevante  Irrelevante

**12) Você conhece e/ou tem acesso ao Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI de sua IES e sabe como se dá os processos de credenciamento, autorização, reconhecimento, renovação de reconhecimento e de credenciamento, legislação do ensino superior, as avaliações e toda a estrutura organizacional?**

Sim  Não

**13) Você tem conhecimento da dimensão que trata das Instalações Físicas no Manual de Verificação *in loco* das condições institucionais onde dentro desse indicador encontra-se as avaliações dos instrumentos da biblioteca (espaço físico, acervo e serviços)?**

Sim  Não

**14) Dentre essas práticas abaixo, quais você considera as mais relevantes para o desenvolvimento de serviços nas bibliotecas universitárias? (Caso necessite, pode marcar mais de uma opção)**

Dinamização do acervo/uso das fontes de informação

Serviços de referência

Serviços de disseminação seletiva da informação

Serviços de informação utilitária

Produtos de informação

Ações culturais

Educação de usuários

Comunicação científica

Políticas de informação científica e tecnológica

Preservação da memória científica

Outros

**15) Na sua opinião, quais os setores da Biblioteca Universitária que mais contribuem para uma avaliação proveitosa do INEP/MEC? (Caso necessite, pode marcar mais de uma opção)**

Administração

- Contexto Acadêmico
- Formação, desenvolvimento e processamento técnico das coleções
- Serviços de atenção ao usuário

**16) Diante a exposição acima dos quesitos os quais devem ser avaliados pelas comissões, na sua percepção quais são os elementos necessários na avaliação do INEP/MEC?**

---

---

**17) Que sugestões você daria ou você promoveria para a biblioteca universitária se adaptar melhor na avaliação do INEP/MEC?**

---

---

**18) Que sugestões você daria para melhoria dos critérios de avaliação do MEC?**

---

---

**19) Como você avalia a participação de bibliotecários nas comissões que elaboram as avaliações do INEP/MEC?**

---

---

---

Rafaelle Gleice dos Santos  
Mestranda – PPGB (UFCA)

---

Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva  
Orientador- UFCA

**Juazeiro do Norte-CE, 25 de julho de 2017.**

ANEXO A - Programação das atividades para Avaliação de Autorização do Curso Superior  
Bacharelado em IES



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO**  
**TEIXEIRA (INEP)**  
**DIRETORIA DE AVALIAÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR (DAES)**  
**COORDENAÇÃO-GERAL DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E DE CURSOS DE**  
**GRADUAÇÃO (CGAICG)**  
**SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (SINAES)**

**PROGRAMAÇÃO DAS ATIVIDADES PARA AVALIAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO**  
**CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM ...**

**1. DADOS DA INSTITUIÇÃO**

**Avaliação Nº**

**Cód. IES:**

**Cód. Curso:**

**Endereço:**

**Nº. do processo:**

**2. INDICAÇÕES DE ESTRUTURA PARA RECEBIMENTO DA COMISSÃO DE**  
**AVALIAÇÃO**

Para garantir as condições necessárias para realização dos trabalhos da comissão, solicita-se especial atenção de V. Sa. em disponibilizar para os avaliadores os seguintes recursos:

- 1) sala reservada;
- 2) telefone com linha externa;
- 3) dois computadores atualizados
- 4) uma impressora a laser ou a jato de tinta (LIGADOS AOS COMPUTADORES);
- 5) acesso à Internet e navegador instalado (Microsoft Internet Explorer 6.0 ou superior ou

Netscape Navigator 4.7 ou superior);

- 6) programas básicos de editoração instalados;
- 7) Material de expediente para trabalho (papel, canetas, lápis, régua, borracha, entre outros);
- 8) documentação relacionada abaixo disponível para consulta:
  - Currículo do Coordenador e dos professores devidamente documentados com:
    - currículo Lattes
    - cópias de todos os diplomas, legível.
    - cópias das publicações dos últimos 3 anos: artigos, anais, orientações, pesquisa.
  - Cópia do contrato de trabalho ou portaria de nomeação;
  - Comprovante de experiência acadêmica no ensino superior e na atuação profissional.

Outros documentos **que deverão estar à disposição da comissão** compatível com o anexo **no E-Mec (no primeiro dia):**

- Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI);
- Projeto Pedagógico do Curso (PPC);
- Regimento interno;
- Projeto de avaliação institucional e relatório (CPA);
- Grade de horários das aulas e calendário escolar; Previsão de grade de horários das aulas para 1º ano e calendário escolar;
- Relação dos professores do curso com titulação, carga horária semestral e regime de trabalho;
- Relação dos professores vinculados às disciplinas que deverão ministrar e sua carga horária semanal
- Relação dos professores por tempo de experiência profissional, no magistério superior e produção científica nos últimos 3 anos;
- Relação do nº de alunos na IES;
- Composição do NDE (nome, titulação e tempo de atuação)
- Documentação do Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos, quando previsto realização de pesquisa clínica para o TCC.
- relação de convênios vigentes/ propostos do curso com outras instituições e rede local de saúde;
- relacionar se haverá compartilhamento da rede do Sistema Único de Saúde (SUS) com diferentes cursos e diferentes instituições;
- Outros documentos comprobatórios como regulamentos, atas, matriz curricular...

OBS: É fundamental durante a visita a presença permanente da coordenação do curso para esclarecimentos de dúvidas e acompanhamento da comissão dentro da IES, assim como para fornecimento de outros documentos necessários. A direção faz-se necessária na reunião inicial e final.

### 3. EXEMPLO DE CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO

<b>Dia DE Mês DE Ano- 1º DIA DA AVALIAÇÃO IN LOCO</b>
---

<b>HORÁRIO</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>PARTICIPANTES</b>
08:00 às 08:30	Instalação da Comissão	Avaliadores INEP
08:30 às 09:00	Reunião com dirigentes	Diretoria da IES / Coordenador de Curso
09:00 às 09:30	Reunião com a Coordenação do Curso	Coordenação do Curso
09:30 às 10:00	Reunião com CPA	Integrantes da CPA
10:00 às 12:00	Visita às instalações internas à IES Secretaria Administrativa [núcleo de ingresso e registro] Salas de Informática / Computadores Sala do Coordenador Sala de Professores / Sala de Orientações Sala de Reuniões / Gabinetes professores Salas de aula Laboratórios de aula Prática Auditório [s], entre outros...	Coordenação do Curso Convidados da Coordenação Colaboradores do corpo técnico e administrativo
12:00 às 14:00	Intervalo para almoço	
14:30 às 15:30	Visita à Biblioteca	Coordenação do Curso Comissão INEP
16:00 às 17:00	Reunião com NDE	Integrantes do NDE
17:00 às 18:00	Reunião com Docentes do curso	Docentes vinculados ao curso

**Dia DE Mês DE Ano - 2º DIA DA AVALIAÇÃO IN LOCO**

<b>HORÁRIO</b>	<b>ATIVIDADES</b>	
08:00 às 12:00	Atividade Interna da Comissão	Plantão: Coordenação do Curso
12:00 às 14:00	Intervalo para almoço	
14:00 às 17:00	Atividade Interna da Comissão	Plantão: Coordenação do Curso
17:00 horas	Reunião de encerramento	Diretoria da IES, Coordenador do Curso

**Fonte:** INEP